

**GOSTARIA DE BAIXAR  
TODAS AS LISTAS  
DO PROJETO MEDICINA  
DE UMA VEZ?**

**CLIQUE AQUI**

ACESSE

**WWW.PROJETOMEDICINA.COM.BR/PRODUTOS**



**Projeto Medicina**

## Exercícios de Literatura Realismo e Naturalismo

1) (UFCE-1998)

### CARACTERÍSTICAS DO ESTILO DE ÉPOCA

- Exagero na crítica social
- Busca de explicações científicas
- Animalização dos seres humanos
- Ênfase nas patologias humanas e sociais
- Determinismo mesológico

Preencha as linhas que seguem cada fragmento, transcrevendo do quadro características presentes em cada trecho.

a) "João da Mata era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tísico, com uma cor hepática denunciando vícios de sangue."

CARACTERÍSTICAS:

I -

---

II -

---

b) "A vida ruidosa e dissoluta das capitais, esse tumultuar cotidiano de virtudes fingidas e vícios inconfessáveis, esse tropel de paixões desencontradas (...) nem sequer imaginava."

CARACTERÍSTICA:

I -

---

"Seu instinto de mulher nova acordava obscurecendo-lhe todas as outras faculdades, ao cheiro almiscarado que transudava dos sovacos de João da Mata."

CARACTERÍSTICAS:

I -

---

II -

---

2) (Mack-2002) - Vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são filhas da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e carecem do Sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Tereza, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, as galas, a multidão submissa; mas a rainha ali estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à opulência.

Do texto depreende-se que

- a) romances românticos regionalistas, como Senhora, exaltam a beleza natural feminina.
- b) os romances realistas de Aluísio Azevedo denunciam o artificialismo da beleza feminina.

- c) as obras modernistas têm, entre outros, o objetivo de criticar a submissão da mulher à riqueza material.
- d) a linguagem descritiva dos escritores naturalistas caracteriza a sensualidade e a espiritualidade da mulher.
- e) a personagem feminina foi caracterizada sob a perspectiva idealizadora típica dos autores românticos.

3) (Faap-1997) "Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, - questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."

Machado de Assis

Machado de Assis filia-se (e o trecho é exemplo disso) ao estilo de época do:

- a) arcadismo
- b) romantismo
- c) realismo
- d) simbolismo
- e) modernismo.

4) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedra mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25.ª ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Com relação aos romances naturalistas, a exemplo do fragmento de texto apresentado anteriormente, classifique as sentenças como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- ( ) Retratam fatos que a sociedade procura ocultar.  
( ) O meio ambiente é preponderante e determinante no comportamento do personagem.  
( ) O enredo é carregado de determinismo e fatalismo.  
( ) O meio social, a hereditariedade, os instintos determinam os conflitos e a vida do homem.  
( ) Personagens humildes são fotografados em situações chocantes para o leitor da época.  
Assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta, de cima para baixo.  
a) V, V, F, F, V  
b) F, V, F, V, V  
c) F, F, V, V, F  
d) V, F, F, V, V

5) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se no seguinte fragmento do romance O cortiço (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913).

### O cortiço

Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexos, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinhava com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.

E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrehada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que

ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

(Aluísio Azevedo. O cortiço)

Em O cortiço, o caráter naturalista da obra faz com que o narrador se posicione em terceira pessoa, onisciente e onipresente, preocupado em oferecer uma visão crítico-analítica dos fatos. A sugestão de que o narrador é testemunha pessoal e muito próxima dos acontecimentos narrados aparece de modo mais direto e explícito em

- a) Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo.  
b) Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.  
c) Da casa do Barão saíam clamores apopléticos...  
d) A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa.  
e) La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada...

6) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se no seguinte fragmento do romance O cortiço (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913).

### O cortiço

Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexos, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinhava com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.

E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrehada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

(Aluísio Azevedo. O cortiço)

O caráter naturalista nessa obra de Aluísio Azevedo oferece, de maneira figurada, um retrato de nosso país, no final do século XIX. Põe em evidência a competição dos

mais fortes, entre si, e estes, esmagando as camadas de baixo, compostas de brancos pobres, mestiços e escravos africanos. No ambiente de degradação de um cortiço, o autor expõe um quadro tenso de misérias materiais e humanas. No fragmento, há várias outras características do Naturalismo. Aponte a alternativa em que as duas características apresentadas são corretas.

- Exploração do comportamento anormal e dos instintos baixos; enfoque da vida e dos fatos sociais contemporâneos ao escritor.
- Visão subjetivista dada pelo foco narrativo; tensão conflitiva entre o ser humano e o meio ambiente.
- Preferência pelos temas do passado, propiciando uma visão objetiva dos fatos; crítica aos valores burgueses e predileção pelos mais pobres.
- A onisciência do narrador imprime-lhe o papel de criador, e se confunde com a idéia de Deus; utilização de preciosismos vocabulares, para enfatizar o distanciamento entre a enunciação e os fatos enunciados.
- Exploração de um tema em que o ser humano é aviltado pelo mais forte; predominância de elementos anticientíficos, para ajustar a narração ao ambiente degradante dos personagens.

7) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se no seguinte fragmento do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913).

### O cortiço

Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexos, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinhava com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.

E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

(Aluísio Azevedo. *O cortiço*)

Releia o fragmento de *O cortiço*, com especial atenção aos dois trechos a seguir.

*Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexos, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero.*

(...)

*E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.*

No fragmento, rico em efeitos descritivos e soluções literárias que configuram imagens plásticas no espírito do leitor, Aluísio Azevedo apresenta características psicológicas de comportamento comunitário. Aponte a alternativa que explicita o que os dois trechos têm em comum.

- Preocupação de um em relação à tragédia do outro, no primeiro trecho, e preocupação de poucos em relação à tragédia comum, no segundo trecho.
- Desprezo de uns pelos outros, no primeiro trecho, e desprezo de todos por si próprios, no segundo trecho.
- Angústia de um não poder ajudar o outro, no primeiro trecho, e angústia de não se conhecer o outro, por quem se é ajudado, no segundo trecho.
- Desespero que se expressa por murmúrios, no primeiro trecho, e desespero que se expressa por apatia, no segundo trecho.
- Anonimato da confusão e do “salve-se quem puder”, no primeiro trecho, e anonimato da cooperação e do “todos por todos”, no segundo trecho.

8) (Mack-2005) A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. (...)

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele [*Lobo Neves, marido de Virgília*] para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse.

Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.

**Machado de Assis**

Obs.: o amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua **Divina Comédia**. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adúltero de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur - uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

Em texto sobre **O primo Basílio**, de Eça de Queirós, Machado de Assis afirma: “o tom carregado das tintas, que nos assusta, para ele é simplesmente o tom próprio”. Assinala que o escritor português já provocara admiração dos leitores com **O crime do Padre Amaro** e acrescenta: “**Pois que havia de fazer a maioria, senão admirar a fidelidade de um autor, que não**

**esquece nada, e não oculta nada? Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha.”**

Considerados o estilo de Machado e seu contexto, deve-se compreender as palavras acima destacadas como

- elogio a uma prática inovadora que o autor brasileiro adotou desde a obra inicial, tornando-se o maior representante do Realismo no Brasil.
- recusa do Realismo entendido como reprodução fotográfica, que não propicia a escolha dos detalhes mais significativos de uma situação ou perfil humano.
- crítica à “velha poética”, que, mais sutil, mais sugeria do que explicitava, negando-se a descrições detalhadas.
- negação dos procedimentos típicos dos escritores românticos, que, evitando a observação da realidade, em nada podiam contribuir para a formação da consciência da nacionalidade.
- elogio ao público pelo reconhecimento do valor do escritor português, fiel à descrição e avaliação da sociedade burguesa que retrata em suas obras.

9) (Mack-2005) Assinale a alternativa correta.

- Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha
- cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre
- como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das
- carícias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua
- casa um encanto sério. (...)
- Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele
- próprio melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre ... E
- recordando aquela existência fácil e doce, soprava o fumo do charuto,
- a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como
- no seu jaquetão de flanela!

**Eça de Queirós, O primo Basílio**

- A prosa realista, com intuito moralizador, desmascara o casamento por interesse, tão comum no século XIX, para defender uma relação amorosa autêntica, segundo princípios filosóficos do platonismo.
- A prosa romântica analisa mais profundamente a natureza humana, evitando a apresentação de caracteres padronizados em termos de paixões, virtudes e defeitos.
- A prosa realista põe em cena personagens tipificados que, metamorfoseados em heróis valorosos, correspondem à expressão da consciência e valores coletivos.
- A prosa realista, apoiando-se em teorias científicas do século XIX, empreende a análise de instituições burguesas,

como o casamento, por exemplo, denunciando as bases frágeis dessa união.

- A prosa romântica recria o passado histórico com o intuito de ironizar os mitos nacionais.

10) (FMTM-2003) Assinale a alternativa em que se encontram características da prosa do Realismo.

- Objetivismo; subordinação dos sentimentos a interesses sociais; críticas às instituições decadentes da sociedade burguesa.
- Idealização do herói; amor visto como redenção; oposição aos valores sociais.
- Casamento visto como arranjo de conveniência; descrição objetiva; idealização da mulher.
- Linguagem metafórica; protagonista tratado como antiherói; sentimentalismo.
- Espírito de aventura; narrativa lenta; impasse amoroso solucionado pelo final feliz.

11) (Vunesp-2001) Eurico, o Presbítero

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado.

E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade.

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação inde-cifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio.

Não eras tu emanação e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois templos?

Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensangüentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdócio soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflete-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

HERCULANO, Alexandre. Eurico, o presbítero. Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. 41ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.], p. 42-43.

### O Missionário

Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Moraes viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir. Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba. SOUSA, Inglês de. O missionário. São Paulo: Ática, 1987, p. 198.

A visão que o amante tem de sua amada constitui um dos temas eternos da Literatura. Uma leitura comparativa dos dois fragmentos apresentados, que exploram tal tema, nos revela dois perfis bastante distintos de mulher.

Considerando esta informação,

a) aponte a diferença que há entre Hermengarda e Clarinha, no que diz respeito ao predomínio dos traços físicos sobre os espirituais, ou vice-versa, segundo as visões de seus respectivos amantes;

b) justifique as diferenças com base nos fundamentos do estilo de época em que se enquadra cada romance.

12) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

### Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
Micro-organismos fúnebres pululam  
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos  
Roída toda de bichos, como os queijos  
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem  
Entre as bocas necrófagas que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!  
(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

### Idealismo e Realismo

Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por “naturalismo” ou “arte experimental”. Aceitemos, porém, *realismo*, como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

(...)

Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer “escola realista” é tão grotesco como dizer “escola republicana”. O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia.

Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

#### *Prefácio Interessantíssimo*

24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Onde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

\*

25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc... Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perilha a concepção estética de Fichte. Fugamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida.

(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas*. 1987.)

Uma das linhas de força do Naturalismo é baseada nos princípios mecanicistas e deterministas que influenciaram a cultura na segunda metade do século XIX e que podem ser sintetizadas nas palavras do fisiologista Claude Bernard: *O determinismo é absoluto tanto para os fenômenos dos corpos vivos como para os dos corpos brutos.* (Armand Cuvillier. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*.)

Releia os textos de Augusto dos Anjos e de Eça de Queirós e, a seguir,

a) considerando que, em seu texto, Eça de Queirós defende e assume os princípios mecanicistas e deterministas na composição literária, explique o que ele quer dizer com a frase seguinte sobre a técnica de composição da narrativa realista: “Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia.”; b) localize no soneto de Augusto dos Anjos a estrofe que traduz basicamente a mesma idéia determinista defendida por Eça de Queirós e consubstanciada na frase citada de Claude Bernard.

13) (ENEM-2001) No trecho abaixo, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.

*“Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.”*

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

- a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas ...
- b) ... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça ...
- c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, ...
- d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos ...
- e) ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

14) (ESPM-2006) O poeta francês Charles Baudelaire, citado por Ferreira Gullar, escreveu em “As Flores do Mal” os famosos versos (traduzidos):

Como longos ecos que ao longe se confundem  
Em uma tenebrosa e profunda unidade,  
Vasta como a noite e como a claridade,  
Os perfumes, as cores e os sons...

Esses versos traduzem algo de influência destacada na literatura brasileira nos fins do século XIX. Trata-se da:

- a) “torre-de-marfim”, lugar isolado e distante dos problemas sociais e existenciais, para onde se refugiavam os parnasianos.
- b) “teoria do Humanitismo”, princípio norteador das personagens machadianas, no qual prevalece a lei do mais forte.

- c) “teoria das correspondências”, relação entre as diferentes esferas dos sentidos, ideário tão fundamental aos simbolistas.
- d) “poesia marianista”, poemas de culto e exaltação a Virgem Maria (figura que se confunde com a amada do poeta).
- e) “poesia pau-brasil”, poesia de exportação que resgata o primitivismo cultural.

15) (UFC-2007) O que se diz abaixo sobre o realismo mágico servirá de base para esta questão.

Em textos nos quais o realismo mágico faz-se notar, vigoram leis de causalidade, tempo e espaço diversas das que regem o mundo real. A superfície realista é rompida para dar lugar a um episódio sobrenatural, o que não altera a essência narrativa. Fatos e pessoas do nosso mundo estão em correspondência cósmica com outras realidades. Entre a explicação realista e a sobrenatural não há propriamente uma hesitação, daí o porquê de os leitores não ficarem em dúvida sobre a veracidade dos fatos narrados.

Texto adaptado de TAVARES, Braulio. O fantástico e seus arredores. In: \_\_\_\_\_ (Org.).

Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- a) Um dos temas clássicos do fantástico é o das almas que se transportam para outro corpo. Machado de Assis explora este tema no conto “As academias de Sião”, no qual a homossexualidade do jovem rei Kalaphangko é explicada pelo fato de ser sua alma feminina, conforme se lê:  
– Vossa Majestade decretou que as almas eram femininas e masculinas, disse Kinnara depois de um beijo. Suponha que nossos corpos estão trocados. Basta restituir cada alma ao corpo que lhe pertence. Troquemos os nossos...

ASSIS, Machado de. As academias de Sião. In: TAVARES, Braulio (Org.). Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 95.

- a.1. Cite uma personagem de A casa que é apresentada como homossexual.
- a.2. Que explicação fantástica há em A casa para o comportamento homossexual de uma de suas personagens?
- b) Leia os textos abaixo, transcritos de A casa, e identifique em quais há características do realismo mágico e em quais não há. Em seguida, escreva, nos quadrados à direita de cada transcrição, S (SIM) ou N (NÃO), conforme o texto apresenta ou não características do realismo mágico.
- b.1 Foi com o avô que [Bisneto] aprendera a ler. Dele ganhara um livro de botânica com desenhos de flores e frutos que mais ainda incentivou seu pendor pela flora e mais tarde sua paixão pelas orquídeas.
- b.2 Sentia ela quando o Trasgo chegava pelo azeite da candeia que esturrava fazendo a chama oscilar e ela pensava-se dizendo: “Guarde-o, Deus”.
- b.3 A bela Maria fez com que nascessem buquês e flores em perfeita simetria, enfileiradas e contidas. Sorria ao dizer: “As minhas flores nascem e desabrocham na direção que desejo”.

b.4 O Bisneto que o trouxera contara que o espelho fora feito pelo artesão Laurentis, o Veneziano, de alcunha “o mago dos espelhos”, e que este homem não vira o reflexo de sua imagem ao terminar de polir a película metálica.

b.5 Tiveram as madeiras a necessária maturação para fortalecer as forquilhas, os esteios dos tetos, o barroteamento do tabuado das alcovas e das sombrias camarinhas, dandolhes segurança nos encaixes e duração secular.

b.6 Eugênia distanciou-se caminhando pelas salas até o longo corredor por onde seguiu olhando alguns quartos, cujas altas portas estavam abertas.

b.7 Vira certa vez, já noite velha, a rede onde dormia inquieto o menino órfão balançar-se sozinho. Contava feliz que era gesto de carinho, da alma, da mãe saudosa.

b.8 E como sempre acontece depois de um desmando na natureza, seguiram-se mais dois, já que o número três traz em si um sentido obscuro.

16) (UFSC-2006) Podem-se estabelecer relações entre as obras indicadas para este Vestibular, o contexto sócio-cultural e outros textos.

Com base nesta consideração, assinale a(s) proposição(ões) abaixo que esteja(m) **CORRETA(S)**.

01. Embora em contextos diferentes, os escrito-res se utilizam de recursos recolhidos dos costumes populares para a composição de seus textos. Assim, Jorge de Lima, no poema “Xangô”, faz o apelo: “São Marcos, S. Manços / com o **signo-de-salomão**”, que pode ser comparado ao mesmo recurso utilizado por Franklin Cascaes, quando ensina os remédios contra as bruxas: “ervas, alho e a cruz de **sino saimão**”.

02. O romance *O império caboclo*, de Donald Schüller, utiliza-se da Guerra do Paraguai como tema principal. Da mesma forma, Euclides da Cunha utiliza-se da temática histórica da Guerra de Canudos para compor *Os sertões*.

04. A profecia, utilizada como anúncio de catástrofes, pode ser lida tanto nas palavras de Antônio Conselheiro, personagem de Euclides da Cunha, como na figura do pajé, construída no texto de Werner Zotz. Os dois personagens alertam para o fim de um mundo, de um povo, de uma cultura.

08. Os imigrantes de diferentes nacionalidades constituem temática freqüente dos ficcionistas brasileiros, que retratam as diferentes culturas formadas no Brasil por esse processo histórico. É assim que *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, e *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes, retratam a cultura italiana no sul do Brasil.

16. Em *200 crônicas escolhidas*, Rubem Braga confirma o gênero textual que dá nome à obra, por apresentar textos com assuntos do dia-a-dia relacionados à natureza, à mocidade, ao amor à vida simples, por meio de uma linguagem clara e com certo tom de informalidade.

32. Há uma notável intertextualidade entre os livros *Novos poemas*, de Jorge de Lima e *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, pois os dois são compostos de poemas.

17) (UEPB-2006) Sobre *O cortiço* e *O alienista* NÃO é correto afirmar que:

- São textos literários que demonstram criticamente os impasses da modernidade nascente no Brasil, suas contradições e suas problemáticas relações de classe e poder.
- Representam um olhar ainda dependente das verdades científicas e intelectuais vindas da Europa, sobretudo da França, por isso são obras secundárias de seus autores, que só posteriormente alcançariam a “maioridade” literária.
- Estão na alvorada de uma dimensão verdadeiramente crítica da literatura brasileira, não se filiando servilmente aos padrões literários, e políticos, impostos pela Europa, nem tampouco ao idealismo ingênuo dos românticos.
- Cada um a seu modo, não se enquadram no pedantismo e na linguagem bacharelesca de seus contemporâneos. Lutam, ao contrário, por uma língua portuguesa mais direta e menos artificial.
- São exemplos do realismo internacional que tomou conta da literatura do ocidente a partir da década de 1850, sem deixarem de ser autores inseridos na problemática especificamente brasileira do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

18) (PUC - PR-2007) Sobre o Realismo, assinale a alternativa INCORRETA.

- O Realismo surgiu na Europa, como reação ao Naturalismo.
- O Realismo e o Naturalismo têm as mesmas bases, embora sejam movimentos diferentes.
- O Realismo surgiu como consequência do cientificismo do século XIX.
- Gustave Flaubert foi um dos precursores do Realismo. Escreveu *Madame Bovary*.
- Emile Zola escreveu romances de tese e influenciou escritores brasileiros.

19) (Fuvest-2002) Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe<sup>1</sup> em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia<sup>2</sup> rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão<sup>3</sup>. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se

como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

- algibebe: mascate, vendedor ambulante.
- saloia: aldeã das imediações de Lisboa.
- maganão: brincalhão, jovial, divertido.

Neste excerto, o modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria

- manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
- revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.
- reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames do Naturalismo.
- opõe-se ao tratamento idealizante e sentimental das relações amorosas, dominante no Romantismo.
- evidencia a brutalidade das relações inter-raciais, própria do contexto colonial-escravista.

20) (Fuvest-2004) Tendo em vista as diferenças entre **O primo Basílio** e **Memórias póstumas de Brás Cubas**, conclui-se corretamente que esses romances podem ser classificados igualmente como realistas apenas na medida em que ambos

- aplicam, na sua elaboração, os princípios teóricos da Escola Realista, criada na França por Émile Zola.
- se constituem como romances de tese, procurando demonstrar cientificamente seus pontos de vista sobre a sociedade.
- se opõem às idealizações românticas e observam de modo crítico a sociedade e os interesses individuais.
- operam uma crítica cerrada das leituras romanescas, que consideram responsáveis pelas falhas da educação da mulher.
- têm como objetivos principais criticar as mazelas da sociedade e propor soluções para erradicá-las.

21) (PUC - PR-2007) Assinale a alternativa que contém a afirmação correta sobre o Naturalismo no Brasil.

- O Naturalismo, por seus princípios científicos, considerava as narrativas literárias exemplos de demonstração de teses e idéias sobre a sociedade e o homem.
- O Naturalismo usou elementos da natureza selvagem do Brasil do século XIX para defender teses sobre os defeitos da cultura primitiva.

c) A valorização da natureza rude verificada nos poetas árcades se prolonga na visão naturalista do século XIX, que toma a natureza decadente dos cortiços para provar os malefícios da mestiçagem.

d) O Naturalismo no Brasil esteve sempre ligado à beleza das paisagens das cidades e do interior do Brasil.

e) O Naturalismo do século XIX no Brasil difundiu na literatura uma linguagem científica e hermética, fazendo com que os textos literários fossem lidos apenas por intelectuais.

**22) (FMTM-2002)** Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

No Naturalismo, época literária a que pertenceu Aloísio Azevedo, o homem é visto

a) de forma negligente e egocêntrica, preocupado apenas com o próprio bem-estar.

b) de forma atuante, responsável pela transformação do mundo em que vive.

c) de forma idealista e romântica, alheio a tudo que acontece a seu redor.

d) como responsável pelas condições do meio em que vive e capaz de melhorá-lo.

e) como fruto do meio em que vive, sujeito a influências que escapam a seu controle.

**23) (Cesgranrio-1995)** Assinale a opção que traz corretas classificações do sujeito e da predicação verbal.

a) "Houve uma considerável quantidade" - sujeito inexistente; verbo transitivo direto.

b) "que jamais hão-de ver país como este" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.

c) "mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um" - sujeito simples; verbo transitivo direto e indireto.

d) "que se recebe em herança" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.

e) "a quem tutela" - sujeito simples; verbo intransitivo.

**24) (PUC-RS-2000)** “Há em sua província um poeta que eu adoro, disse ela, cortando em pedacinhos a carne assada que tinha no prato.

- O Franco de Sá? Perguntou o maranhense.

[...]

- Não, refiro-me ao Dias Carneiro.

Amâncio sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Nunca em sua vida ouvira falar de semelhante nome.

- É, disse entretanto. - É um grande poeta!

- Enorme! Corrigiu Lúcia, levando à boca uma garfada. - Enorme! Conhece aquela poesia dele, o ...

Novo calafrio, desta vez, porém, acompanhado de suores. E não lhe acudia um título para apresentar, um título qualquer, ainda que não fosse verdadeiro.

- Ora, como é mesmo? Insistia a senhora. - Tenho o nome debaixo da língua! E, voltando-se com superioridade para o marido:

- Como se chama aquela poesia, que está no álbum de capa escura, escrita a tinta azul?

O Pereira abriu os olhos e disse lentamente:

- O *Cântico do Calvário*.

És um idiota! Respondeu a mulher.”

A sutileza do diálogo sobre literatura entre Amâncio de Vasconcelos e Lúcia revela a fraqueza humana na tentativa de dissimular o desconhecimento sobre o assunto em pauta. Associa-se a isso a crueldade da personagem feminina em relação a Pereira, seu esposo, que se intromete na conversa. Tais aspectos permitem afirmar que o texto foi extraído do romance de Aluísio Azevedo que relata

a) a história de gêmeos que se apaixonam pela mesma mulher.

b) o drama de um jovem rico e provinciano que é vítima de uma conspiração.

c) a vida pacata de um casal que sofre a desolação de não ter filhos.

d) o preconceito racial exacerbado em uma cidade interiorana.

e) o cotidiano de um rico comerciante carioca em contraste com um ambiente sórdido.

**25) (PUC-RS-2000)** “Há em sua província um poeta que eu adoro, disse ela, cortando em pedacinhos a carne assada que tinha no prato.

- O Franco de Sá? Perguntou o maranhense.

[...]

- Não, refiro-me ao Dias Carneiro.

Amâncio sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Nunca em sua vida ouvira falar de semelhante nome.

- É, disse entretanto. - É um grande poeta!

- Enorme! Corrigiu Lúcia, levando à boca uma garfada. - Enorme! Conhece aquela poesia dele, o ...

Novo calafrio, desta vez, porém, acompanhado de suores. E não lhe acudia um título para apresentar, um título qualquer, ainda que não fosse verdadeiro.

- Ora, como é mesmo? Insistia a senhora. - Tenho o nome debaixo da língua! E, voltando-se com superioridade para o marido:

- Como se chama aquela poesia, que está no álbum de capa escura, escrita a tinta azul?

O Pereira abriu os olhos e disse lentamente:

- O *Cântico do Calvário*.

És um idiota! Respondeu a mulher.”

A parte final do texto, extraída do romance intitulado \_\_\_\_\_, registra a indignação de Lúcia em relação à desinformação do esposo sobre um assunto de ordem literária, uma vez que “Cântico do Calvário” foi escrito por \_\_\_\_\_.

- a) O Mulato - Casimiro de Abreu
- b) Esaú e Jacó - Álvares de Azevedo
- c) Casa de Pensão - Fagundes Varela
- d) O Cortiço - Gonçalves Dias) Memorial de Aires - Castro Alves

#### 26) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25.ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Esse fragmento de O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, mostra com toda nitidez

- a) a natureza fragilizada pela ação do homem.
- b) o homem depredador da natureza.
- c) a pequenez do homem diante da imponência da natureza.
- d) a superioridade do homem diante da imponência da natureza.

#### 27) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25.ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Pode-se afirmar, corretamente, que esse texto é predominantemente descritivo, pois

- a) apresenta ações simultâneas.
- b) emprega o verbo no pretérito imperfeito.
- c) há presença de marcadores temporais.
- d) retrata uma determinada pedreira.

#### 28) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassomburada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. 25.ª ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

A frase “O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra...” (linhas 25 a 27) faz alusão ao

- homem que trabalha nas minas de carvão.
- homem que abre valas nas minas.
- operário cuja função é quebrar pedras.
- trabalhador que lapida as pedras.

**29) (FGV-2005)** A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”, doutro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, sebo, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!” Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de

papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar, querendo morder os mosquitos.

Aluísio de Azevedo. *O mulato*.

Algumas características do texto acima, como preocupação com a observação e a análise crua da realidade, o esmero ao configurar para o leitor a miserabilidade do quadro físico e humano de uma cidade pobre, levaram estudiosos a classificá-lo como iniciador, entre nós, do movimento literário denominado:

- Arcadismo.
- Naturalismo.
- Simbolismo.
- Romantismo.
- Classicismo.

**30) (ITA-1995)** Assinale a alternativa em que se completa **erradamente** a seguinte proposição:

Do romance *O CORTIÇO* pode-se dizer que:

- é um romance urbano.
- o Autor admite a influência do meio no comportamento do indivíduo.
- alcança a época da escravidão.
- Romão é tudo, menos um ingrato.
- o protagonista não se contenta com a ascensão econômica, quer a social também.

**31) (UEPB-2006)** Considere as seguintes afirmações do crítico literário Antonio Candido, sobre *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo:

I. A perspectiva naturalista ajuda a compreender o mecanismo d’*O cortiço*, porque o mecanismo do cortiço nele descrito é regido por um determinismo estrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva. Mas esta força determinante de fora para dentro é contrabalançada e compensada por uma força que atua dentro para fora: o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio. O projeto do ganhador de dinheiro aproveita as circunstâncias transformando-as em vantagens, e esta tensão ambígua pode talvez ser considerada um dos núcleos germinais da narrativa.

II. No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica; entretanto a vontade de João Romão parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Ele usa as forças do meio, não se submete a ela; se o fizesse, perderia a oportunidade de se tornar capitalista e se transformaria num episódio do processo natural, como acontece com seu patrício Jerônimo, que opta pela adesão à terra e é tragado por ela.

III. Neste livro a natureza do Brasil é interpretada de um ângulo curiosamente colonialista (para usar anacronicamente a linguagem de agora) como algo incompatível com as virtudes da civilização. Daí o homem

forte, o estrangeiro ganhador de dinheiro estar sempre vigilante, como única solução, de chicote em punho e as distâncias marcadas com o nativo.

É pertinente ao romance de Aluísio de Azevedo:

- a) Apenas I e II
- b) Todas as afirmações
- c) Apenas I e III
- d) Apenas II e III
- e) Nenhuma afirmação

**32) (FMTM-2002)** Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

Aluísio Azevedo descreve o ser humano, associando-lhe características próprias dos animais. Isso pode ser comprovado pelas expressões

- a) fossando - aglomeração - cortiço.
- b) tostadas - fungando - nudez.
- c) coxas - capinzal - saias.
- d) zunzum - fêmeas - ventas.
- e) manhã - acordava - bicas da vida difícil que levavam.

**33) (UNIFESP-2007)** Leia o trecho de O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores

(...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra

e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

Pode-se afirmar que o enlace amoroso entre Jerônimo e Rita, próprio à visão naturalista, consiste

- a) na condenação do sexo e conseqüente reafirmação dos preceitos morais.
- b) na apresentação dos instintos contidos, sem exploração da plena sexualidade.
- c) na apresentação do amor idealizado e revestido de certo erotismo.
- d) na descrição do ser humano sob a ótica do erótico e animalesco.
- e) na concepção de sexo como prática humana nobre e sublime.

**34) (UNIFESP-2007)** Leia o trecho de O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores

(...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

O enlace amoroso, seja na perspectiva de Rita, seja na de Jerônimo,

- a) é sublimado, o que lhe confere caráter grotesco na obra.
- b) é desejado com intensidade e lhes aguçam os ânimos.

- c) reproduz certo incômodo pelo tom de ritual que impõe.
- d) representa-lhes o pecado e a degradação como pessoa.
- e) é de sensualidade suave, pela não explicitação do ato.

35) (UNIFESP-2007) Leia o trecho de O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores

(...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

A atração inicial entre Rita e Jerônimo não acontece na cena descrita. Segundo o texto, pode-se inferir que ela se relaciona com

- a) uma dose de parati.
- b) a cama de Rita.
- c) uma xícara de café.
- d) o perfume de Rita.
- e) o olhar de Rita.

36) (UNIFESP-2007) Leia o trecho de O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores

(...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra

e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

É correto afirmar que em — e nas suas coxas as coxas dela — o emprego de dela justifica-se pelo fato de

- a) evitar uma ambigüidade e uma redação confusa, caso se usasse suas em seu lugar.
- b) exprimir valor possessivo, o que não aconteceria com o emprego do pronome suas.
- c) ser uma forma culta, ao contrário do pronome suas.
- d) essa forma ser a única possível, uma vez que esse termo é complemento do verbo.
- e) pretender-se evitar o valor possessivo, o que aconteceria com o emprego de suas.

37) (UNIFESP-2007) Leia o trecho de O cortiço, de Aluísio Azevedo.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores

(...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

O cortiço, obra naturalista,

- a) traduziu a sensualidade humana na ótica do objetivismo científico, o que se alinha à grande preocupação espiritual.
- b) fez análises muito subjetivas da realidade, pouco alinhadas ao cientificismo predominante na época.

- c) explorou as mazelas humanas de forma a incitar a busca por valores éticos e morais.
- d) não pôde ser considerado um romance engajado, pois deixou de lado a análise da realidade.
- e) tratou de temas de patologia social, pouco explorados nas escolas literárias que o precederam.

**38) (UEL-1995)** Na obra-prima que é o romance *O CORTIÇO*,

- a) podemos surpreender as características básicas da prosa romântica: narrativa passional, tipos humanos idealizados, disputa entre o interesse material e os sentimentos mais nobres.
- b) as personagens são apresentadas sob o ponto de vista psicológico, desnudando-se ante os olhos do leitor graças à delicada sutileza com que o autor as analisa e expressa.
- c) o leitor é transportado ao doloroso universo dos miseráveis e oprimidos migrantes que, tangidos pela seca, abrigam-se em acomodações coletivas, à espera de uma oportunidade.
- d) vemos renascer, na década de 30 do nosso século, uma prosa viril, de cunho regionalista, atenta às nossas mazelas sociais e capaz de objetivar em estilo seco parte de nossa dura realidade.
- e) consagra-se entre nós a prosa naturalista, marcada pela associação direta entre meio e personagens e pelo estilo agressivo que está a serviço das teses deterministas da época.

**39) (UFC-2007)** Sobre as obras escolhidas, assinale a alternativa que contém a afirmação correta.

- a) *A casa* assemelha-se a *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, quanto ao tipo de narrador, simultaneamente personagem e espaço.
- b) *A vinha dos esquecidos* explora a temática do retirante nordestino à semelhança de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- c) *A casa*, *A vinha dos esquecidos* e *Cordéis e outros poemas* procuram desmistificar superstições.
- d) *A casa* e *Cordéis e outros poemas* têm em comum a exploração de aspectos psicológicos das personagens.
- e) *A vinha dos esquecidos* e *Cordéis e outros poemas* apresentam personagens cujos comportamentos são explicados por causas sociais.

**40) (VUNESP-2007)** Todavia, esses pequenos episódios da infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a direção que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus discípulos. (...)

Amâncio emudecia e abaixava os olhos, mas logo que o perdiam de vista, ia escutar e espreitar pelas portas. Com semelhante esterco não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite, que lhe deu a mamar uma preta da casa.

Diziam que era uma excelente escrava: tinha boas maneiras; não respingava aos brancos, não era respondona: aturava o maior castigo sem dizer uma palavra mais áspera, sem fazer um gesto mais desabrido. Enquanto o chicote lhe cantava nas costas, ela gemia apenas e deixava que as lágrimas lhe corressem silenciosamente pelas faces. Além disso – forte, rija para o trabalho. Poderia nesse tempo valer bem um conto de réis. Vasconcelos a comprara, todavia, muito em conta, “uma verdadeira pechincha!”, porque o demônio da negra estava então que não valia duas patacas; mas o senhor a metera em casa, dera-lhe algumas garrafadas de laranja-da-terra, e a preta em breve começou a deitar corpo e a endireitar, que era aquilo que se podia ver!

O médico, porém, não ia muito em que a deixassem amamentar o pequeno.

– Esta mulher tem reuma no sangue, dizia ele – e o menino pode vir a sofrer para o futuro.

Vasconcelos sacudiu os ombros e não quis outra ama. (...) Logo, porém, que [Amâncio] deixou a cama, apareceram-lhe dores reumáticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama-de-leite que principiava a rabear. Bem dizia outrora o médico a seu pai, quando este a encarregou de amamentar o filho.

(Aluísio Azevedo, *Casa de pensão*.)

O fragmento transcrito revela, com bastante objetividade, uma das características do movimento literário no qual se inscreve Aluísio Azevedo. Identifique esse movimento e explicita a característica ressaltada, usando detalhes do texto.

**41) (UNIFESP-2007)** O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma cousa. Rejeitou a idéia logo, uma

criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

A expressão — um princípio de rascunho de buço — indica que o buço de Inácio

- a) mostrava-o homem formado.
- b) não podia ser visto.
- c) já estava bem evidente.
- d) era ainda incipiente.
- e) chamava muito a atenção.

42) (UNIFESP-2007) O trecho do conto Uns braços, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma cousa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

A expressão — um princípio de rascunho de buço — indica que o buço de Inácio

- a) mostrava-o homem formado.
- b) não podia ser visto.
- c) já estava bem evidente.
- d) era ainda incipiente.
- e) chamava muito a atenção.

43) (UNIFESP-2007) O trecho do conto Uns braços, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma cousa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

No discurso indireto livre, há uma mistura das falas do narrador e da personagem, de tal modo que se torna difícil precisar os limites da fala de um e de outro. Esse tipo de discurso ocorre em

- a) No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.
- b) Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir.
- c) “Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”
- d) Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita?
- e) Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos.

44) (UNIFESP-2007) O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

Quando se diz, ao final do texto, que D. Severina *concluiu que sim*, significa que ela reconheceu que

- a) deveria contar tudo a Borges.
- b) Inácio era um desastrado, de fato.
- c) estava enganada sobre o amor de Inácio.
- d) Inácio deveria ser advertido.
- e) Inácio começava a amá-la.

45) (UNIFESP-2007) O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

Ao conceber-se bonita, D. Severina entendeu que

- a) era possível Inácio estar apaixonado por ela.
- b) sua beleza não era para ser desfrutada por uma criança.
- c) a traição a Borges seria um grande equívoco.
- d) Inácio, de fato, desejava vingar-se de Borges.
- e) o marido não a via assim, ao contrário de Inácio.

46) (UNIFESP-2007) O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira

vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

Analise as duas ocorrências:

... uma criança!

Criança?

Essas duas passagens mostram que

- tanto os sentimentos de D. Severina como a sua razão mostravam-lhe que Inácio era ainda muito jovem para se dar às questões do amor.
- havia duas vozes na consciência de D. Severina: uma lhe proibia o desejo; outra o mostrava como possibilidade.
- D. Severina via Inácio como uma criança apenas, o que a perturbava muito, por sentir-se atraída por ele.
- D. Severina rejeitava qualquer possibilidade de uma relação com Inácio, já que não nutria nenhum sentimento pelo rapaz.
- havia um embate entre a consciência e a educação de D. Severina, o qual a impedia de aceitar o amor do rapaz.

47) (UNIFESP-2007) O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Agüentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que

entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.

E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

De início, morar na casa de Borges era solitário e tedioso, o que levou Inácio a pensar em ir embora. Todavia, isso não aconteceu, sobretudo porque o rapaz

- passou a ser mais bem tratado pelo casal após três semanas.
- teve uma educação que não lhe permitiria tal rebeldia.
- se pegou atraído por D. Severina, com o passar do tempo.
- gostava, na realidade, do trabalho que realizava com Borges.
- sentia que D. Severina se mostrava mais atenciosa com ele.

48) (UEMG-2007) Leia o fragmento da obra de *Dom Casmurro*, abaixo.

“Enfim chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.”

A partir do trecho acima, e tendo em vista o enredo da obra, **SÓ É CORRETO** afirmar que

- a cena descrita é tipicamente romântica, de acordo com o estilo da obra, que tematiza a felicidade amorosa de Bentinho e Capitu.
- o instante focalizado enfatiza a extrema sensibilidade de Bento Santiago, diante do cadáver do amigo Escobar.
- o momento descrito é crucial para o relacionamento de Bentinho e Capitu, pois, uma vez instaurada a dúvida na mente do marido, o casamento se deteriorará, encaminhando-se para a separação.
- o trecho comprova que Sancha é uma personagem trágica, pois, após a morte dos filhos, ela perde o marido num naufrágio.

49) (UEMG-2007) Sobre o conteúdo e a estrutura do romance *Dom Casmurro*, todos os comentários das alternativas abaixo são *coerentes e adequados*, **EXCETO**:

- Pela leitura da trama que orienta o enredo, o leitor é levado à conclusão de que o narrador-protagonista foi, de fato, traído pela sua amada, Capitu.
- A reconstrução da casa no Engenho Novo para recuperação do espaço perdido em Mata- Cavalos não permite ao narrador a recuperação do seu passado.

- c) O título do romance constitui uma referência irônica ao narrador e aponta o seu estado de conflito em relação ao passado.
- d) A força da narrativa não se concentra no enredo, mas nas reflexões, digressões e na maneira ambivalente com que o narrador tenta reconstituir os fatos.

50) (UEMG-2007) Com relação às técnicas e estratégias narrativas adotadas na obra “DOM CASMURRO”

, **SÓ NÃO É CORRETO** afirmar que

- a) o narrador estabelece diálogos com um suposto ‘leitor incluso’.
- b) o texto apresenta relações intertextuais com a tradição filosófica, artística e literária.
- c) a narrativa contém recursos metalingüísticos, sobretudo no diálogo narrador / leitor.
- d) o memorialismo da narrativa é comprometido com a fidelidade dos fatos ocorridos.

51) (UEMG-2007) Assinale a alternativa em que se identificou **CORRETAMENTE** elementos estruturais do romance *Dom Casmurro*.

- a) A obra apresenta um texto em terceira pessoa, em que o protagonista central, Bentinho, é abandonado por Capitu, em virtude dos ciúmes exagerados desta.
- b) O narrador de primeira pessoa escreve o romance, buscando a ilusão de resgatar o seu passado através de sensações revivenciadas no presente, tentando explicar a sua “casmurric” e, com ela, a sua própria vida.
- c) O romance é narrado em primeira pessoa por D.Casmurro, que deseja registrar, memorialisticamente, o seu passado glorioso e cheio de atos dignos de serem revivenciados.
- d) A narração do romance obedece ao único propósito de registrar os momentos felizes de Bentinho, vivenciados ao lado de Capitu, o que explica, em parte, a tendência do narrador pelas minúcias e pelo detalhismo.

52) (Mack-2007) Guiomar amava deveras. Mas até que ponto era involuntário aquele sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar à nossa heroína a castidade do coração, de lhe não diminuirmos a força de suas faculdades afetivas. Até aí só; daí por diante entrava a fria eleição do espírito. Eu não a quero dar como uma alma que a paixão desatina e cega, nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica. Ela queria-as belas e viçosas. Mas em vaso de Sèvres, posto sobre móvel raro, entre duas janelas urbanas, flanqueado o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de cachemira, que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão.

Obs.: Sèvres - cidade francesa célebre pela manufatura de finas porcelanas  
cachemira - um tipo de tecido  
alcatifa – tapete

Assinale a afirmação correta.

- a) (linha 02) Em Era-o até o ponto de lhe não desbotar, o pronome grifado recupera tudo o que foi mencionado anteriormente no texto.
- b) (linha 06) Em nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido, o emprego do pronome oblíquo deve-se a uma questão de estilo, pois estaria também correta, de acordo com a gramática normativa, a forma “nem fazer ela morrer”.
- c) (linhas 08, 09 e 10) No contexto, relacionam-se por oposição as seguintes expressões: sítios agrestes e nus e ramos do arbusto modesto.
- d) (linhas 10 e 11) Em Ela queria-as belas e viçosas. Mas em vaso de Sèvres, posto sobre móvel raro, a conjunção “mas” restringe o que foi afirmado na frase anterior, limitação associada a certas circunstâncias.
- e) (linha 13) Em que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão, a locução verbal estaria flexionada de acordo com a norma culta assim: “deviam arrastarem”.

53) (Mack-2007) Guiomar amava deveras. Mas até que ponto era involuntário aquele sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar à nossa heroína a castidade do coração, de lhe não diminuirmos a força de suas faculdades afetivas. Até aí só; daí por diante entrava a fria eleição do espírito. Eu não a quero dar como uma alma que a paixão desatina e cega, nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica. Ela queria-as belas e viçosas. Mas em vaso de Sèvres, posto sobre móvel raro, entre duas janelas urbanas, flanqueado o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de cachemira, que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão.

Obs.: Sèvres - cidade francesa célebre pela manufatura de finas porcelanas  
cachemira - um tipo de tecido  
alcatifa – tapete

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento de romance transcrito.

- a) Poderia ser atribuído a Machado de Assis na fase em que, analisando um perfil feminino, ainda lança mão de metáforas ao gosto do Romantismo, como se nota na pintura ornamentada do feitio da mulher ambiciosa que não se contentaria com uma vida modesta.
- b) Exemplificaria a narrativa de Lima Barreto em que, preocupado em observar o comportamento humano com a curiosidade e a frieza de quem não se espanta com nada, é sóbrio, preciso e neutro na caracterização, sem julgamentos acerca dos traços delineados.
- c) Poderia ser atribuído a um escritor naturalista, como Aluísio Azevedo, preocupado em explicar a conduta por meio dos fatores externos (de natureza biológica e sociológica) que condicionam a vida humana, como pode ser visto no que se refere à personagem feminina.

- d) Exemplificaria o estilo romântico de Manuel Antônio de Almeida ao aproximar a realidade humana e os elementos da natureza, como se nota na caracterização da heroína casta que é movida exclusivamente pelas razões do coração.
- e) Poderia exemplificar narrativa de José de Alencar, em que o autor, focalizando a figura feminina em integração total com a natureza, registra o pitoresco regional, com o máximo de rigor estético, apesar do uso da linguagem coloquial.

54) (Mack-2007) Guiomar amava deveras. Mas até que ponto era involuntário aquele sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar à nossa heroína a castidade do coração, de lhe não diminuirmos a força de suas faculdades afetivas. Até aí só; daí por diante entrava a fria eleição do espírito. Eu não a quero dar como uma alma que a paixão desatina e cega, nem fazê-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sítios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janela rústica. Ela queria-as belas e viçosas. Mas em vaso de Sèvres, posto sobre móvel raro, entre duas janelas urbanas, flanqueado o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de cachemira, que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão.

Obs.: Sèvres - cidade francesa célebre pela manufatura de finas porcelanas  
cachemira - um tipo de tecido  
alcatifa – tapete

- No fragmento citado, o narrador em 3ª pessoa,
- a) fazendo uma declaração acerca do sentimento da personagem, logo em seguida coloca em dúvida o que acabara de afirmar, atitude que leva o leitor a desconfiar de sua onisciência.
- b) revelando pouco conhecimento do que vai no íntimo de Guiomar, permite que a própria personagem conte ao leitor acerca do sentimento que a dominava totalmente.
- c) afirmando que o sentimento da personagem era verdadeiro, lança uma indagação que lhe permite apresentar, a seguir, provas da pureza de seu coração e espírito.
- d) fazendo uso da primeira pessoa do plural (diminuirmos), assume estatuto de personagem, o que justifica sua indagação e a dificuldade que tem em compreender o sentimento de Guiomar.
- e) depois de referir o sentimento da personagem, passa a analisá-lo em tom de diálogo íntimo com o leitor, revelando, inclusive, suas próprias intenções no jogo narrativo.

55) (UFSC-2007)

#### TEXTO 4

- 1 “Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e

entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse”.

[...]

“Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?”

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!”

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em “Peguei-lhe dos cabelos...” (linhas 1-3), “...que lhe desciam” (linha 3) e “Pedi-lhe que se sentasse” (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em “Capitu deu-me as costas” (linha 1), “voltando-se para o es-pelhinho” (linha 1) e “... que se sentasse” (linhas 4-5) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.
08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.
16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.
32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.
64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

56) (UFMG-2007) Assinale a alternativa em que, no trecho transcrito de *Quincas Borba*, se faz referência a Rubião.

a) Assim, o contato de Sofia era para ele como a prostração de uma devota. Não se admirava de nada. Se um dia acordasse imperador, só se admiraria da demora do ministério em vir cumprimentá-lo.

b) Desde o paço imperial, vinha gesticulando e falando a alguém que supunha trazer pelo braço, e era a Imperatriz.

Eugênia ou Sofia? Ambas em uma só criatura, ou antes a segunda com o nome da primeira.

- c) Era o caso do nosso homem. Tinha o aspecto baralhado à primeira vista; mas atentando bem, por mais opostos que fossem os matizes, lá se achava a unidade moral da pessoa.
- d) Formado em direito em 1844, pela Faculdade do Recife, voltara para a província natal, onde começou a advogar; mas a advocacia era um pretexto.

57) (UFMG-2007) Com base na leitura de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, é **CORRETO** afirmar que o narrador do romance

- a) adere ao ponto de vista do filósofo, pois professa a teoria do Humanitismo.
- b) apela à sentimentalidade do leitor no último capítulo, em que narra a morte de Rubião.
- c) apresenta os acontecimentos na mesma ordem em que estes se deram no tempo.
- d) narra a história em terceira pessoa, não participando das ações como personagem.

58) (PUC - SP-2007) No romance *Dom Casmurro*, o narrador declara: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”. Entre as duas pontas, desenvolve-se o enredo da obra. Assim, indique abaixo a alternativa cujo conteúdo **não condiz** com o enredo machadiano.

- a) A história envolve três personagens, Bentinho, Capitu e Escobar, e três projetos, todos cortados quando pareciam atingir a realização.
- b) O enredo revela um romance da dúvida, da solidão e da incomunicabilidade, na busca do conhecimento da verdade interior de cada personagem.
- c) A narrativa estrutura-se ao redor do sentimento de ciúme, numa linha de ascensão de construção de felicidade e de dispersão, com a felicidade destruída.
- d) A narrativa se marca por digressões que chamam a atenção para a inevitabilidade do que vai narrar, como o que ocorre na analogia da vida com a ópera e em que o narrador afirma “cantei um duo terníssimo, depois um trio, depois um quatuor...”
- e) O enredo envolve um triângulo amoroso após o casamento e todas as ações levam a crer na existência clara de um adultério.

59) (PUC - SP-2007) A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

O trecho acima, do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, autoriza o narrador a caracterizar os olhos da personagem, do ponto de vista metafórico, como

- a) olhos de viúva oblíqua e dissimulada, apaixonados pelo nadador da manhã.
- b) olhos de ressaca, pela força que arrasta para dentro.
- c) olhos de bacante fria, pela irrecusável sensualidade e sedução que provocam.
- d) olhos de primavera, pela cor que emanam e doçura que exalam.
- e) olhos oceânicos, pelo fluido misterioso e enérgico que envolvem.

60) (ESPM-2007) Assinale a opção que contenha trecho com a conhecida digressão **metalingüística** presente na obra de Machado de Assis:

- a) Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: “Vai vassouras! vai espanadores!”
- b) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma cousa que morrer (...).
- c) Rubião não sabia que dissesse; Sofia, passados os primeiros instantes, readquiriu a posse de si mesma; respondeu que, em verdade, a noite era linda (...).
- d) Assim chorem por mim todos os olhos de amigos e amigas que deixo neste mundo, mas não é provável. Tenho-me feito esquecer.
- e) Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros (...).

61) (UNICAMP-2007) Leia a passagem abaixo de *Dom Casmurro*:

“Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.”

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, em *Obra Completa*. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p.936.)

- a) Explique o “primeiro ímpeto” mencionado pelo narrador.
- b) Por que o narrador admite que seu “segundo impulso” foi criminoso?
- c) O episódio da xícara de café está diretamente relacionado com a redação do livro de memórias de Bento Santiago. Por quê?

62) (FUVEST-2007) Leia o último capítulo de **Dom Casmurro** e responda às questões a ele relacionadas.

## CAPÍTULO CXLVIII / E BEM, E O RESTO?

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. E bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à “História dos Subúrbios”.

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

Costuma-se reconhecer que o discurso do narrador de **Dom Casmurro** apresenta características que remetem às duas formações escolares pelas quais ele passou: a de seminarista e a de bacharel em Direito. No texto,

- a) você identifica algum aspecto que se possa atribuir ao ex-seminarista? Explique sucintamente.  
b) o modo pelo qual o narrador conduz a argumentação revela o bacharel em Direito? Explique resumidamente.

**63) (UFSCar-2007)** Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

— Pronto, disse ele; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.

A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo

que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

(Machado de Assis, *A segunda vida*. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

A temática desse conto também é encontrada

- a) nos capítulos iniciais de Memórias póstumas de Brás Cubas.  
b) em alguns dos capítulos do romance Ressurreição.  
c) no capítulo Olhos de ressaca do romance Dom Casmurro.  
d) no romance Dom Casmurro, na caracterização de José Dias.  
e) na caracterização de Escobar, no romance Dom Casmurro.

**64) (UFSCar-2007)** Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

— Pronto, disse ele; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.

A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

(Machado de Assis, *A segunda vida*. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

Pode-se afirmar, a respeito desse conto de Machado de Assis, que

- a) reflete o cotidiano carioca na primeira metade do século XIX.  
b) utiliza uma temática bastante rara em toda a sua obra.  
c) utiliza uma temática comum a autores como Hoffmann e Edgar Allan Poe.  
d) tem relação com os temas medievais do romance histórico português.  
e) trata de um assunto semelhante ao do romance O ateneu.

65) (UEL-2006) Capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa.

Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959. p. 7.)

Com base na passagem: “Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade”, considere as afirmativas a seguir.

- I. O olhar da personagem registrado pelo narrador vai do mais perto para o mais longe, do mais baixo para o mais alto.
  - II. O emprego dos artigos definidos mostra segurança no olhar da personagem, pois conhece bem aquilo que é por ele olhado.
  - III. Ao registrar a origem das chinelas entre parênteses, o narrador procura depreciá-las, apartando-as do restante das realidades enumeradas.
  - IV. Todos os elementos enumerados são sintetizados por “tudo” que, por sua vez, é colocado sob a denominação de “propriedade”.
- Estão corretas apenas as afirmativas:
- a) I e II.
  - b) I e III.
  - c) III e IV.
  - d) I, II e IV.
  - e) II, III e IV.

66) (UEL-2006) Capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa.

Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959. p. 7.)

Considerando os trechos transcritos nas alternativas a seguir, assinale a que apresenta maior distanciamento temporal do presente no qual o narrador nos relata que Rubião está à janela de sua casa em Botafogo.

- a) “Cotejava o passado com o presente.”
- b) “Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã.”
- c) “(umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha)”
- d) “mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa.”
- e) “Olha para si, para as chinelas (...) para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu”.

67) (UEL-2006) Capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa.

Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959. p. 7.)

Há, na passagem citada, um narrador a situar a personagem, Rubião, no espaço e no tempo. Há, concomitantemente, o discurso direto através do qual a própria personagem se apresenta. Neste jogo entre o que o narrador diz de Rubião e o registro do que o próprio Rubião pensa, é correto afirmar que a personagem é:

- a) Um novo rico a oscilar entre os valores determinados pelo capital e os valores determinados pela família.
- b) Um novo rico a encarar a si mesmo, ao mundo que o rodeia e à própria família pela ótica do capital.
- c) Um ex-professor que, embora rico, continua encarando a si mesmo, aos familiares e ao universo circundante pela ótica da humildade.
- d) Um ex-professor deslumbrado com sua nova situação de capitalista a encarar a família pelos valores religiosos.
- e) Um capitalista esquecido de sua antiga situação de professor e, desta forma, renegando seu próprio passado.

68) (UEL-2006) Capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa.

Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959. p. 7.)

Com base no primeiro parágrafo do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O narrador, no presente, dirige suas palavras ao leitor de seu texto, conforme se pode deduzir do emprego de “vos digo”.
  - II. As palavras do narrador dizem respeito a um momento de meditação de Rubião sobre sua mudança de classe social, momento este do qual o narrador onisciente tem pleno conhecimento.
  - III. O emprego de “olha” e “entra” no tempo presente reflete o apego que o protagonista tem à sua nova condição econômica, tentando esquecer o passado.
  - IV. “Visse” e “cuidaria” aí estão para registrar uma possibilidade de interpretação que, na verdade, condiz com o que realmente é relatado pelo narrador.
- Estão corretas apenas as afirmativas:
- a) I e II.
  - b) I e IV.
  - c) III e IV.
  - d) I, II e III.
  - e) II, III e IV.

69) (UFU/Paies 1ª Etapa-2005) Considerando que a obra *O mistério da casa verde*, de Moacyr Scliar, é uma releitura de *O alienista*, de Machado de Assis, marque para as afirmativas abaixo (V) verdadeira, (F) falsa ou (SO) sem opção.

1 ( ) As personagens Arturzinho e Simão Bacamarte têm o mesmo objetivo ao ocuparem a Casa Verde: fundar uma entidade filantrópica para cuidar dos doentes mentais que residem na cidade de Itaguaí.

2 ( ) Ao final da narrativa *O mistério da casa verde*, a casa é dividida em duas partes: em uma funciona o clube dos jovens e, em outra, a sede do Centro Cultural Machado de Assis.

3 ( ) *O alienista* e *O mistério da casa verde* apresentam o mesmo final: tanto Simão Bacamarte quanto Arturzinho e seus amigos sentem-se obrigados a morar na Casa Verde, em função de seus desequilíbrios emocionais.

4 ( ) “- A ciência é meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” - esta fala identifica a personagem Jorge, pai de Lúcia, quando inicia, todas as sextas-feiras, o monólogo intitulado *O Alienista na Casa Verde*, extraído da obra de Machado de Assis.

70) (UEPB-2006) Observe, abaixo, os capítulos de romances e os comentários sobre eles, em seguida assinale a alternativa correta:

*Memórias póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis, 1881)

**Capítulo LV**

O velho diálogo de Adão e Eva

BRÁS CUBAS

.... ?

VIRGÍNIA

....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍNIA

..... !

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍNIA

.....

.....

..... ? .....

.....

.....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍNIA

....

BRÁS CUBAS

.....

.. ! ..

..... ! .....

.....

..... !

VIRGÍNIA

..... ?

BRÁS CUBAS

.....!  
VIRGÍNIA

.....!

*Memórias sentimentais de João Miramar* (Oswald de Andrade, 1924):

### MONT-CENES

O alpinista

De alpenstock

Desceu

Nos Alpes

*Zero* (Ignácio de Loyola Brandão, 1975)

### LIÇÃO DE GEOGRAFIA

**Colômbia:** 1.283.400 km<sup>2</sup>, café, algodão e cana-de-açúcar, trigo e milho, United Fruit, petróleo, moeda oficial: o peso.

### Adeus, adeus

Acaba de embarcar, de mudança para a University of Michigan, o cientista Carlos Correia, a maior autoridade do país em comunicações eletrônicas. Ganhando aqui um salário pouco acima do mínimo e sem condições de pesquisa, o sr. Carlos Correia preferiu se retirar por uns tempos até que a situação melhore.

### Livre associação

Cine odeon, paratodos, robinhood com errol flynn, perfume canoe (dana), balas de hortelã, pegar nos peitos das meninas, tim holt, hopalong cassidy, bill Elliot, roy rogers, ken maynard, zorro, bang-bang, clélia. Pam, tapam, rataplam, créééééééééééééééé, puuuuuuuuu (peido) when béguin the beguine, bandera rossa, pim, pim, pim, pim, pim, clap, clap, clop

I. Os capítulos demonstram a influência nociva dos meios de comunicação de massa na literatura, fazendo-a perder sua essência literária em prol de uma incorporação da linguagem vulgar que falamos no dia a dia. Nestes capítulos, a “língua para poucos” da literatura perde valor, o que explica a baixa qualidade da literatura moderna no Brasil.

II. Os capítulos citados revelam que o romance brasileiro vem mantendo um diálogo fecundo e constante com os meios de comunicação do mundo capitalista moderno: o dinamismo da página de jornal em Machado de Assis, a montagem cinematográfica em Oswald de Andrade, o ritmo fragmentário da televisão em Ignácio de Loyola Brandão.

III. Os fragmentos romanescos citados são exemplos, na literatura brasileira, da tradição de ruptura com o realismo tradicional e o regionalismo, visando a absorção da cultura urbana e da visão de mundo do homem das cidades.

IV. Embora parte integrante de um romance, os capítulos acima citados são exemplos de uma instigante tendência da literatura brasileira moderna e contemporânea que faz interagir o romance com outras formas literárias, rompendo o limite entre a prosa e a poesia. Como outros textos da literatura brasileira moderna, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Zero* criam capítulos de romance que mais se parecem com poemas em prosa do que com capítulos de romance.

a) Apenas os comentários II, III e IV estão corretos;

b) Apenas o comentário I está correto;

c) Apenas os comentários I e II estão corretos;

d) Todos os comentários estão corretos;

e) Nenhum comentário está correto.

71) (UEPB-2006) Considere o fragmento final de *O alienista*:

*Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.*

*Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.*

Assinale a proposição que NÃO condiz com o excerto citado.

a) A referência a um *boato duvidoso* lembra um traço marcante da prosa de Machado de Assis e que se constitui num dos pontos centrais de toda a sua obra: a elipse. A elipse, ao deixar “espaços de incerteza”, algo por dizer, como lembra todo leitor do *Dom Casmurro*, possibilita ao escritor romper com o cientificismo dos naturalistas na própria estrutura do texto.

b) O fragmento citado demonstra a crítica e ironia de Machado de Assis contra aqueles que, a exemplo de “Simão Bacamarte”, erigem verdades fechadas e absolutas como modelos de ação e controle psíquico-social.

c) O fragmento citado traz a linguagem direta e em muitos aspectos cotidiana da prosa de Machado de Assis, que participou ativamente dos ambientes de escrita de seu tempo, de revistas de moda a jornais, sem, contudo, abdicar de uma profunda consciência da literatura e do homem.

d) O fragmento acima demonstra que, numa sociedade como a nossa, cheia de contradições e ainda pouco capaz de dar cidadania efetiva aos seus cidadãos, a atitude do intelectual, como “Simão Bacamarte” (e, por extensão, o próprio Machado de Assis), só pode ser a de primeiro resolver seus próprios problemas pessoais para só depois pensar na sociedade como um todo. Demonstra que os intelectuais do Realismo chegaram à conclusão de que os românticos, que se preocupavam sobretudo com o indivíduo, tinham razão.

e) O fragmento final de *O alienista* revela o tom “decadente” e pessimista que está na maioria dos textos significativos de Machado de Assis e que o situam como um dos precursores do Simbolismo no Brasil. O decadentismo machadiano, a que diversos críticos literários chamaram atenção, pode ser observado também nos fragmentos finais de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, e em contos como *A causa secreta*, *Cantiga de esposais* e *Pai contra mãe*.

72) (FUVEST-2007) Um tipo social que recebe destaque tanto nas **Memórias de um sargento de milícias** quanto em **Dom Casmurro**, merecendo, inclusive, em cada uma dessas obras, um capítulo cujo título o designa, é o

- a) traficante de escravos.
- b) malandro.
- c) capoeira.
- d) agregado.
- e) meirinho.

73) (PUC-SP-2006) a) Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela...

b) Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

As duas citações acima integram o romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, escrito por Machado de Assis. Delas pode inferir-se que

- a) em ambas há igual manifestação da relação temporal e espacial.
- b) apenas em uma há referência espacial geográfica e sentimental.
- c) nenhuma apresenta discrepância semântica entre as relações espaciais.
- d) ambas operam com a relação de tempo e de espaço.
- e) nenhuma revela discrepância semântica entre as relações temporais.

74) (Mack-2006) Capítulo 1

De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates  
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

Machado de Assis — O alienista  
Obs.: orate = indivíduo louco

imarcescível = *que não murcha*

No fragmento, afloram dois temas comuns à produção machadiana, que, considerada a totalidade da novela, são:

- a) o contraste entre a aparência e a essência; o interesse financeiro como propulsor da ação humana.
- b) o poder conferido pelo status social e pela ciência; a máscara.
- c) a obsessão da mentira (ora castigada, ora reconhecida como um inofensivo engano); a contradição entre os bons sentimentos e o interesse pelo dinheiro.
- d) a dissimulação; o adultério.
- e) a inconstância do espírito humano (o cientista oscila entre distintos critérios de avaliação da loucura); a necessária disparidade dos destinos do par amoroso de nível social distinto.

75) (Mack-2006) Capítulo 1

De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates  
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

Machado de Assis — O alienista  
Obs.: orate = indivíduo louco  
imarcescível = *que não murcha*

No fragmento transcrito,

- a) o título antecipa o que se desenvolve nos parágrafos: a caracterização do estabelecimento destinado a abrigar os dementes da vila.
- b) o narrador conta fatos que são contemporâneos a sua presença na vila de Itaguaí, quando a ela chegou o Dr. Bacamarte.
- c) o modo de narrar permite ao leitor acompanhar passo a passo o desenvolvimento da ação do protagonista, circunscrita a um tempo preciso (aos trinta e quatro anos) e espaço único.

d) a expressão **Foi então** (linha 06) introduz um fato que, no contexto, é considerado como fator determinante do que se tematiza no capítulo.

e) o leitor entra em contato com duas fontes distintas e discordantes de informação — as crônicas e o narrador — e tem de avaliar qual é a mais digna de crédito.

**76) (FATEC-2006)** [...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por laçar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempos de desviar-me: a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada: atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente espirava, recuei aterrado, e dei um grito: mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde: arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.

[...]

Antes do alvorecer curei a confusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei: ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me: cheguei a pensar na fuga: mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama: vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Vi no pescoço o sinal das minhas unhas: abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico. A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope. (Machado de Assis, “O enfermeiro”)

Considerando o fragmento de “O enfermeiro”, é correto afirmar que, na obra de Machado de Assis,

- os impulsos doentios e as atitudes criminosas do homem são dois de seus principais temas.
- os comportamentos humanos são analisados em função das relações sociais.
- são constantes as referências religiosas e bíblicas atestadas a confiança do homem que obedece a moral cristã.
- os personagens se conduzem de acordo com as normas éticas universais, mesmo quando infringem as leis dos homens.
- os negros surgem como personagens secundários em posição de servos incompetentes, justificando se, assim, a existência do regime escravocrata.

**77) (FATEC-2006)** [...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar,

continuou nos mesmos gritos, e acabou por laçar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempos de desviar-me: a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada: atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente espirava, recuei aterrado, e dei um grito: mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde: arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.

[...]

Antes do alvorecer curei a confusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei: ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me: cheguei a pensar na fuga: mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama: vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Vi no pescoço o sinal das minhas unhas: abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico. A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope. (Machado de Assis, “O enfermeiro”)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

O enfermeiro, mesmo sabendo que seu paciente morreria de aneurisma, teve muito remorso, pois achou que o havia esganado.

A consciência de que praticou um crime leva o enfermeiro a procurar esconder as evidências de seu ato.

O narrador é um homem religioso e, atendendo as necessidades dos rituais funerários, conta como cuidou ele próprio dos restos mortais do coronel.

A frase – Caim, que fizeste de teu irmão? – revela que o enfermeiro considera seu paciente como irmão, dedicando-se a ele apesar da violência do coronel.

O narrador relata os modos pelos quais evitou que se percebesse o assassinato do coronel.

São corretas apenas as afirmativas:

- I, II e III.
- I e IV.
- II e III.
- II e V.
- IV e V.

**78) (IBMEC-2006)** Leia atentamente o fragmento abaixo e assinale a alternativa que apresenta o autor e a obra a que se refere.

“Livre das convenções sociais, pois está morto, o narrador fala não só de sua vida mas de todos os que com ele conviveram, revelando a hipocrisia das

relações humanas. Ao longo da obra são narrados vários casos: sua paixão juvenil pela bela e interesseira Marcela, que o amou 'durante quinze meses e onze contos de réis'; sua amizade com o filósofo maluco Quincas Borba; seus amores clandestinos com uma mulher casada, Virgília."

- a) Memórias póstumas de Brás Cubas — Machado de Assis.
- b) Memórias póstumas de Brás Cubas — José de Alencar.
- c) Memórias sentimentais de João Miramar — Oswald de Andrade.
- d) Memórias de um sargento de milícias — Manuel Antonio de Almeida.
- e) Memórias de sargento de milícias — Lima Barreto.

79) (FGV-2006) Leia o texto abaixo.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

- Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto:

- Gatuno, sim senhor. Não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. - Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Machado de Assis

Principalmente a partir da publicação dessa obra, duas características passam a ser reconhecidas no estilo de seu autor. Assinale a alternativa que as contém.

- A) Ambigüidade e delicadeza na descrição dos caracteres.
- B) Humor escancarado e crítica à família tradicional brasileira.
- C) Ironia e análise da condição humana.
- D) Crítica ao comportamento do indivíduo como sujeito e não como objeto da sociedade.
- E) Análise da alma do indivíduo, desconsiderando a sociedade.

80) (FGV-2006) Leia o texto abaixo.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

- Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto:

- Gatuno, sim senhor. Não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. - Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Machado de Assis

Segundo muitos autores, a obra de que foi retirado esse excerto é considerada marca, no Brasil:

- A) Do início do Romantismo.
- B) Da base em que se apoiou o desenvolvimento do estilo romântico.
- C) De reminiscências do estilo barroco.
- D) Da fonte em que iriam beber os participantes da Semana de 22.
- E) Do início do Realismo.

81) (FGV-2006) Leia o texto abaixo.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

- Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto:

- Gatuno, sim senhor. Não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. - Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Machado de Assis

O principal efeito artístico encontrado na primeira frase do excerto pode ser comparado, mais propriamente, ao que aparece na frase:

- A) Lançou ao mar o tridente e a âncora.
- B) Emitiu algumas palavras e outras sonoridades estranhas.
- C) Pediu um refrigerante e o almoço.
- D) Trabalhou o barro e o ferro.
- E) Comeu toda a macarronada e minha paciência.

82) (FGV-2006) Leia o texto abaixo.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

- Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto:

- Gatuno, sim senhor. Não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacou-me na cara. - Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Machado de Assis

A primeira frase desse excerto tornou-se uma das mais conhecidas pelos leitores da obra machadiana. A julgar por essa afirmação e pela personagem mencionada, podemos reconhecer ali parte do romance denominado:

- A) Memorial de Aires.
- B) Dom Casmurro.
- C) Helena.
- D) Memórias Póstumas de Brás Cubas.
- E) A Mão e a Luva.

**83) (PUC-SP-2005)** Ainda na obra *Várias Histórias*, o conto “O Cônego ou a metafísica do estilo”, revela-se como metalinguagem do ato de escrever. Nele, o narrador caracteriza, entre outras coisas, o estilo, que é, segundo ele, a) a linguagem das escrituras, que se manifesta em cérebros eclesiásticos e caracteriza esteticamente o “Cântico dos cânticos”.

b) a expressão lírica de Romeu e Julieta, que caracteriza a fala amorosa de qualquer pessoa do mundo.

c) o idílio e o casamento das palavras que se amam, mas que estão separadas por motivo da diferença sexual.

d) a linguagem dos namorados de Verona ou de Judá que falam idiomas amorosos diferentes e distantes.

e) o discurso metafísico que completa o substantivo com o adjetivo no encontro jamais alcançado dos amantes, metáforas do sexo das palavras.

**84) (PUC-SP-2005)** Os contos machadianos de *Várias Histórias* surpreendem pelo final inesperado que foge à estrutura da narrativa tradicional. Assim identifique o trecho final que **NÃO** corresponde ao conto indicado.

a) “Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino”, de “A desejada das gentes”, que aborda, também, a recusa amorosa de Quintília, envolvida em disputa sentimental de dois amigos.

b) “O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa”, de “A Causa Secreta” e revela o ápice do prazer pela contemplação da desgraça alheia.

c) “Todos os médicos, a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia

morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...”, de “O Enfermeiro”, e que ironicamente se vale da afirmação bíblica: “Bem -aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”.

d) “ - Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faço-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais”, de “Um homem célebre”, e que enfoca a frustração de um compositor insatisfeito com as próprias composições.

e) “Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária”, de “Conto de Escola”, que enfoca o tema da corrupção e da delação.

**85) (FGV-2005)** Ainda sobre o fragmento de Machado de Assis, é correto afirmar que nele estão presentes exemplos da ironia característica do autor nos parágrafos:

a) 3 e 4.

b) 1 e 2.

c) 2 e 3.

d) 1 e 3.

e) 2 e 4.

**86) (Mack-2004)** Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio (...). Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma cousa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. (...) era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas. (...) Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação.

*Machado de Assis*

Considere as seguintes afirmações sobre Machado de Assis.

I - Traz o Rio de Janeiro como cenário de suas narrativas, proporcionando ao leitor a vivência da cidade no século XIX, com seus folhetins, sua vida política e burocrática, seus senhores, agregados e escravos.

II - Em duas de suas principais obras - **Dom Casmurro** e **Memórias póstumas de Brás Cubas** - utilizou o recurso da pseudobiografia, estratégia que permite ao leitor participar de reflexões do narrador acerca do seu ato de narrar.

III - Inovou no que se refere à técnica de narrar, embora em suas primeiras obras - **Memórias póstumas de Brás Cubas**, por exemplo - tenha permanecido preso aos padrões narrativos do Romantismo.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I.

b) II.

c) I e II.

- d) II e III.  
e) I e III.

**87) (Mack-2004) Texto I**

(...) estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,  
que revolves em mim tantos enigmas.  
Carlos Drummond de Andrade (em poema dedicado a  
Machado de Assis)

**Texto II**

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro (...). Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas (...). Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, supunhamos.  
Machado de Assis

Assinale a alternativa correta sobre Machado de Assis.

- a) Desde o início de sua carreira literária, seguiu de forma rigorosa os cânones da estética realista, produzindo romances cuja base temática se apóia no determinismo científico.
- b) Privilegiou a sondagem dos misteriosos motivos psicológicos que atuam sobre o comportamento humano, atitude que o particularizou no contexto do Realismo ortodoxo do século XIX.
- c) Retratou, de acordo com princípios do Naturalismo, a degradação da sociedade burguesa de sua época, criando personagens marcados por fortes traços patológicos.
- d) Embora tenha adotado o estilo realista, defendeu a tese de que a única salvação para o homem estaria na religião.
- e) Sua obra é marcada por forte influência romântica, derivando daí a acentuada idealização do espírito humano tematizada em seus textos.

**88) (UNIFESP-2004) Leia o trecho a seguir, de Machado de Assis. Trata-se da parte final do conto Noite de Almirante. Deolindo saíra a trabalho em viagem marítima, deixando em terra Genoveva. Ambos haviam feito jura de fidelidade. Ao voltar, Deolindo encontra sua amada já morando com outro. Após o momento inicial de ira e desespero, seus ânimos arrefecem.**

Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem “que vai do meio do caminho para terra”. Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

- Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?  
- Que foi?  
- Que vai matar-se.

- Jesus!  
- Qual o quê! Não se mata não. Deolindo é assim mesmo; diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.  
- Eu aqui ainda não vi destes.  
- Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz. Depois guardou-os e convidou a outra a coser.- Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul... A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando- o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite.  
Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

O desfecho do conto retoma um dos grandes temas machadianos, a saber, a questão

- a) da solidão, retratando-a por meio de romances conflituosos e mal resolvidos.  
b) da desilusão amorosa, reafirmando a triste realidade daqueles que sofrem por amor.  
c) do adultério, confirmando que as relações amorosas são instáveis e, por isso, o amor passa por mudanças.  
d) da máscara social, revelando o jogo de mentira e verdade a que as pessoas estão sujeitas.  
e) do amor, mostrando que as pessoas, mesmo após muito tempo, ainda guardam os sentimentos puros.

**89) (UNIFESP-2004) Machado de Assis guarda com Alencar uma relação de continuidade e, ao mesmo tempo, de descontinuidade; esta última relação é chave em seu método. Para Alencar, a sociedade é uma extensão da natureza, e ambas constituem um continuum em que o que possa ocorrer no social contrário à natureza (entendida a natureza como aquilo que a ideologia diz que ela é, quer dizer, a qualidade natural dos valores, das relações e caráter das pessoas segundo o modelo vigente em certa ordem social) será sempre “injusto” e “antinatural”. De modo que o enredo romanescos em Alencar dá os saltos necessários para aquela adequação, a fim de que a distância seja superada e o que é socialmente bom segundo certa ética e certa moral, o seja com a aprovação da “verdade natural”. Isto é, Alencar não sai do âmbito da ideologia, e seu texto está sempre a autorizá-la e a escamotear suas fissuras.**  
(Alfredo Bosi e outros. Machado de Assis.)

Considerando que Machado de Assis guarda com José de Alencar uma relação de descontinuidade, pode-se afirmar corretamente que

- a) o homem, na sua narrativa, é abstrato, vivendo relações artificiais incapazes de alterar sua essência humana.  
b) a obra machadiana é produzida com tema europeu, refletindo os padrões idealizados do romance da burguesia liberal européia.

- c) a narrativa de Machado tornou inviável a análise da sociedade concreta e do homem real, definido historicamente.
- d) Machado rompe com a fixidez psicológica das personagens, comum aos românticos, pois seu enredo centra-se em níveis impessoais: o grupo social e o inconsciente.
- e) a obra de Machado apresenta uma assimilação dos modelos e valores praticados no país, revelando harmonia entre a literatura e a sociedade.

90) (PUC-SP-2005) Entre as narrativas que compõem as *Várias Histórias*, escritas por Machado de Assis, destaca-se “Trio em Lá Menor”. Sobre essa narrativa, é possível afirmar que

- a) é construída a partir de andamentos musicais que indiciam os diferentes momentos da ação narrada.
- b) se utiliza do minueto para caracterizar fortemente o desfecho trágico da história.
- c) emprega o *allegro appassionato* como definidor da escolha amorosa e conseqüente casamento da personagem.
- d) se vale do *adagio cantabile* como recurso para caracterizar a personagem como mulher convicta de suas pretensões amorosas.
- e) indicia, a partir do “lá menor” do título, uma narrativa festiva e triunfante.

91) (UFSC-2005) Sem data

Há seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora à tarde lembrou-me lá passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.

“Lá estão eles”, disse comigo.

Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos.

MACHADO DE ASSIS, J.M. Memorial de Aires. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 193-194.

A respeito de Machado de Assis, suas obras e o Texto 4, é CORRETO afirmar que:

01. de origem humilde, Machado tem uma trajetória que o leva a ser aclamado pela crítica. Destaca-se o fato de que o escritor foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e dela tornou-se presidente perpétuo.
02. Memorial de Aires, conforme o próprio título indica, é uma espécie de diário no qual o Conselheiro anota cenas de sua vida, das que o rodeiam e também coloca-se como testemunha presencial de fatos históricos.

04. Memorial de Aires é um verdadeiro retrato da sociedade carioca do final do século XIX. Alguns personagens são tipos característicos que viveram naquela época, a exemplo de Tristão (médico formado na Europa).

08. a linguagem utilizada por Machado, em Memorial de Aires, revela-se muito atual em passagens como: Creio que Tristão anda namorado de Fidélia. No meu tempo de rapaz dizia-se mordido (p. 136).

16. Memorial de Aires constitui-se num tratado sobre a velhice, que é descrita, no Texto 4, como solitária e triste.

92) (UFSC-2005) Sem data

Há seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora à tarde lembrou-me lá passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.

“Lá estão eles”, disse comigo.

Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos.

MACHADO DE ASSIS, J.M. Memorial de Aires. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 193-194.

Questão 36

Sobre o Texto 4, é CORRETO afirmar que:

01. os termos ir adiante ou desandar o caminho (linhas 12 e 13) foram usados para indicar processos antonímicos: caminhar para frente ou percorrer o caminho em sentido oposto, respectivamente.

02. os termos sublinhados no trecho: vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro (linhas 15 a 17) são pronomes, que se referem, respectivamente, aos dois velhos sentados e à palavra atitude.

04. o trecho Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar (linhas 18 e 19) poderia ser reescrito como: Queriam ser risonhos e mal podiam se consolar, no Português Brasileiro atual, sem alteração de sentido.

08. o verbo dar na frase Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados (linhas 7 e 8) foi usado com o sentido de deparar-se.

93) (Unicamp-2005) Leia o seguinte trecho do conto “O enfermeiro”:

*Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?”*

(Machado de Assis, “Várias Histórias”, em *Obra Completa*, v. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 532).

- a) A qual episódio do conto essa citação bíblica remete?
- b) O que leva o narrador a relacionar o episódio narrado com a citação bíblica?
- c) De que modo o desfecho do conto revela uma outra faceta do narrador-personagem?

94) (UFSCar-2005) Em casa, brincava de missa, - um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era coisa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: “Hoje há missa?” Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. Dominus non sum dignus ...\* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício. (Machado de Assis, Dom Casmurro, Obra completa.)

\*Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.

Sobre Machado de Assis, pode dizer-se que

- a) pertenceu, inicialmente, ao primeiro momento do simbolismo brasileiro.
- b) seu humor, de origem inglesa, é, também, uma expressão de ceticismo e pessimismo.
- c) seus primeiros romances foram: Ressurreição e Memorial de Aires.
- d) foi, durante seus 50 anos de carreira literária, um crítico ferrenho da tradição clássica.
- e) em sua última fase, aderiu aos ideais românticos do século XIX.

95) (ITA-2005) Em 1891, Machado de Assis publicou o romance **Quincas Borba**, no qual um dos temas centrais do Realismo, o triângulo amoroso (formado, a princípio, pelos personagens Palha-Sofia-Rubião), cede lugar a uma equação dramática mais complexa e com diversos desdobramentos. Isso se explica porque

- a) o que levava Sofia a trair Palha era apenas o interesse na fortuna de Rubião, pois ela amava muito o marido.
- b) Palha sabia que Sofia era amante de Rubião, mas fingia não saber, pois dependia financeiramente dele.
- c) Sofia não era amante de Rubião, como pensava seu marido, mas sim de Carlos Maria, de quem Palha não tinha suspeita alguma.
- d) Sofia não era amante de Rubião, mas se interessou por Carlos Maria, casado com uma prima de Sofia, e este por Sofia.

- e) Sofia não se envolvia efetivamente com Rubião, pois se sentia atraída por Carlos Maria, que a seduziu e depois a rejeitou.

96) (PUC-SP-2005) Entre as narrativas que compõem as **Várias Histórias**, escritas por Machado de Assis, destaca-se “Trio em Lá Menor”. Sobre ela, é possível afirmar que

- a) é construída a partir de andamentos musicais que indiciam os diferentes momentos da ação narrada.
- b) se utiliza do minueto para caracterizar fortemente o desfecho trágico da história.
- c) emprega o *allegro appassionato* como definidor da escolha amorosa e conseqüente casamento da personagem.
- d) se vale do *adagio cantabile* como recurso para caracterizar a personagem como mulher convicta de suas pretensões amorosas.
- e) indicia, a partir do “lá menor” do título, uma narrativa festiva e triunfante.

97) (PUC-SP-2005) Entre as narrativas que compõem as **Várias Histórias**, escritas por Machado de Assis, destaca-se “Trio em Lá Menor”. Indique a alternativa que confirma o tema da narrativa referida.

- a) A arte da adivinhação da história do homem e a ação do destino.
- b) Indecisão e insegurança de uma moça que pende amorosamente entre dois homens ao mesmo tempo.
- c) Sexualidade adolescente despertada pelo feminino das formas.
- d) Frustração de um compositor de polcas, insatisfeito com as próprias composições.
- e) História de um professor de melancolia que se sente agulha para muita linha ordinária.

98) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Tal como narradas neste trecho, as circunstâncias que levam ao nascimento de Dona Plácida apresentam semelhança maior com as que conduzem ao nascimento da personagem

- a) Leonardo (filho), de **Memórias de um sargento de milícias**.
- b) Juliana, de **O primo Basílio**.
- c) Macunaíma, de **Macunaíma**.
- d) Augusto Matraga, de **Sagarana**.
- e) Olímpico, de **A hora da estrela**.

99) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A vida de Dona Plácida, referida no excerto, é muito semelhante à vida de trabalhos duros e incessantes de Juliana (**O primo Basílio**), com a diferença de que a personagem de Eça de Queirós

- a) não mais se fiava no favor dos patrões, passando a arquitetar um plano astucioso, embora indigno, para emancipar-se.
- b) não era uma agregada, como Dona Plácida, mas uma criada, condição que a tornava ainda mais desprovida de direitos legais.
- c) pautava sua conduta por uma rígida moral puritana, que a fazia revoltar-se contra os amores adúlteros da patroa.
- d) tinha menos motivos para revoltar-se, tendo em vista a consideração de que gozava na casa dos patrões.
- e) não temia miséria nem desamparo e, por isso, enfrentava os patrões de modo aberto e corajoso.

100) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as

mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

No trecho acima, *Brás Cubas* reflete sobre a história de Dona Plácida, reconhecendo a extrema dureza de sua vida. No contexto do livro, esse reconhecimento revela que *Brás Cubas*, embora perceba com precisão o desamparo dos pobres, não faz mais que

- a) procurar remediá-lo com soluções fantasiosas, como a invenção do emplasto, cuja finalidade era a de eliminar as desigualdades sociais.
- b) declarar sua impotência para saná-lo, tendo em vista a extensão desse problema na sociedade brasileira do Segundo Reinado.
- c) considerá-lo do ponto de vista de seus próprios interesses, interpretando-o conforme lhe é mais conveniente.
- d) transformá-lo em recurso retórico, utilizado por ele nos discursos demagógicos que proferia na Câmara dos Deputados.
- e) interpretá-lo conforme a doutrina do Humanitismo, segundo a qual os sofrimentos dos indivíduos servem para purgar os pecados cometidos em vidas passadas.

101) (Unicamp-2004) Leia a seguinte passagem do Conto de escola, de Machado de Assis.

(...) E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tacto a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

(Machado de Assis, *Várias histórias*. Obra completa, v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 552-553).

- a) Como o narrador personagem conseguiu a pratinha que estava em seu bolso?
- b) Qual o destino final da pratinha?
- c) Nessa passagem, há uma oposição entre o espaço da rua (“Lá fora, no céu azul”) e o espaço em que acontece a ação, oposição que também comparece no início e no final do conto. Em que medida tal oposição contribui para caracterizar a personagem que narra?

102) (Fuvest-2004) Leia atentamente as seguintes afirmações:

*A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade e, assim, integrá-la, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades.*

(Adaptado de Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil)

- a) Essas afirmações aplicam-se à personagem Brás Cubas? Justifique sucintamente sua resposta.  
 b) E à personagem Macunaíma, essas afirmações se aplicam? Justifique resumidamente sua resposta.

103) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

É correto afirmar que as festas do Espírito Santo, referidas no excerto, compõem também em passagens significativas de

- a) Memórias de um sargento de milícias, onde contribuem para caracterizar uma religiosidade de superfície, menos afeita ao sentido íntimo das cerimônias do que ao seu colorido e pompa exterior.  
 b) O primo Basílio, tornando evidentes, assim, as origens ibéricas das festas religiosas populares do Rio de Janeiro do século XIX.  
 c) Macunaíma, onde colaboram para evidenciar o sincretismo luso-afro-ameríndio que caracteriza a religiosidade típica do brasileiro.  
 d) Primeiras histórias, cujos contos realizam uma ampla representação das tendências mágico-religiosas que caracterizam o catolicismo popular brasileiro.  
 e) A hora da estrela, onde servem para reforçar o contraste entre a experiência rural-popular de Macabéa e sua experiência de abandono na metrópole moderna.

104) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir

lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Considere as seguintes afirmações:

- I. Excesso de complacência e falta de limites assinalam não só a infância de Brás Cubas e a de Quincas Borba, referidas no excerto, mas também a de Leonardo (filho), das Memórias de um sargento de milícias.  
 II. Uma formação escolar licenciosa e indisciplinada, tal como a relatada no excerto, responde, em grande parte, pelas características de Brás Cubas, Leonardo (filho) e Macunaíma, personagens tipicamente malandras de nossa literatura.  
 III. A educação caracterizada pelo desregramento e pelo excesso de mimo, indicada no excerto, também é objeto de crítica em Libertinagem, de Manuel Bandeira, e Primeiras histórias, de Guimarães Rosa.  
 Está correto apenas o que se afirma em  
 a) I.  
 b) II.  
 c) III.  
 d) I e II.  
 e) II e III.

105) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

A busca de “uma supremacia, qualquer que fosse”, que neste trecho caracteriza o comportamento de Quincas Borba, tem como equivalente, na trajetória de Brás Cubas, a) o projeto de tornar-se um grande dramaturgo.

- b) a idéia fixa da invenção do emplastro.
- c) a elaboração da filosofia do Humanitismo.
- d) a ambição de obter o título de marquês.
- e) a obsessão de conquistar Eugênia.

106) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

ALEX: Creio que o que a Leila falou e o que nós estávamos discutindo antes sugerem duas conclusões relevantes. A primeira é a de que o bem-estar não é necessariamente função da satisfação de um número maior de desejos ou preferências (para usar o termo caro aos economistas). E a segunda é a de que as pessoas não sabem ao certo o que desejam e, o mais grave, elas podem estar sistematicamente equivocadas acerca do que poderia torná-las mais felizes. Se isso é verdade, então o indivíduo não seria invariavelmente o melhor árbitro daquilo que é melhor para si, e isso mesmo do ponto de vista estreito do seu bem-estar subjetivo. Adam Smith, pelo que o Melo mostrou, não discordaria.

Considere por exemplo, para efeito de raciocínio, duas situações hipotéticas: A e B. Na situação A: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela é fiel, mas ele acredita que ela não seja. E na situação B: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela não é, mas ele acredita que ela seja. Em A, o desejo de Bentinho está sendo objetivamente satisfeito, mas ele não é feliz - é o inferno dos tolos. Ao passo que em B o seu desejo não está sendo satisfeito, mas ele é feliz - é o paraíso dos tolos. A percepção nem sempre é o fato; mas isso em nada desabona o fato da percepção. No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo. O que é preferível, A ou B?

MELO: Desculpe, Alex, mas não resisto. Vocês conhecem a definição de felicidade dada por Jonathan Swift? Ela é “a posse perpétua da condição de estar bem enganado; o estado pacífico e sereno de ser um tolo entre canalhas”. Pobre Bentinho...  
(Eduardo Giannetti, Felicidade.)

Agora leia os textos extraídos de Dom Casmurro, de Machado de Assis.  
O capítulo que se segue diz respeito à personagem Ezequiel.

#### CAPÍTULO 132 - O DEBUXO E O COLORIDO

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorido aos poucos, (...) a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. Li a carta, mal a princípio e não toda, depois fui lendo melhor. Fugia-lhe, é certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-me, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos. Quando novamente abria os olhos e a carta, a letra era clara e a notícia claríssima.

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume.

#### CAPÍTULO 40 - UMA ÉGUA

A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento, se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa credence nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua iberá; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre. (...)

O primeiro texto descreve a angústia de Bentinho, ao perceber a semelhança entre seu filho Ezequiel e o amigo Escobar. Bentinho achava que Escobar o teria traído com Capitu, sua mulher, e que o amigo seria, portanto, o verdadeiro pai da criança. O segundo texto é uma confissão de Bentinho a respeito de sua gigantesca capacidade de imaginar.

- a) A comparação entre os dois textos permite concluir se houve ou não traição? Por quê?
- b) Em qual dos dois textos, a percepção leva à infelicidade? Por que a percepção conduz a esse estado?

107) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

ALEX: Creio que o que a Leila falou e o que nós estávamos discutindo antes sugerem duas conclusões relevantes. A primeira é a de que o bem-estar não é necessariamente função da satisfação de um número maior de desejos ou preferências (para usar o termo caro aos economistas). E a segunda é a de que as pessoas não sabem ao certo o que desejam e, o mais grave, elas podem estar sistematicamente equivocadas acerca do que poderia torná-las mais felizes. Se isso é verdade, então o indivíduo não seria invariavelmente o melhor árbitro daquilo que é melhor para si, e isso mesmo do ponto de vista estreito do seu bem-estar subjetivo. Adam Smith, pelo que o Melo mostrou, não discordaria.

Considere por exemplo, para efeito de raciocínio, duas situações hipotéticas: A e B. Na situação A: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela é fiel, mas ele acredita que ela não seja. E na situação B: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela não é, mas ele acredita que ela seja. Em A, o desejo de Bentinho está sendo objetivamente satisfeito, mas ele não é feliz - é o inferno dos tolos. Ao passo que em B o seu desejo não está sendo satisfeito, mas ele é feliz - é o paraíso dos tolos. A percepção nem sempre é o fato; mas isso em nada desabona o fato da percepção. No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo. O que é preferível, A ou B?

MELO: Desculpe, Alex, mas não resisto. Vocês conhecem a definição de felicidade dada por Jonathan Swift? Ela é “a

posse perpétua da condição de estar bem enganado; o estado pacífico e sereno de ser um tolo entre canalhas”.  
Pobre Bentinho...  
(Eduardo Giannetti, Felicidade.)

O texto usa como exemplo a situação vivida por Bentinho e Capitu, no romance *Dom Casmurro*, de autoria de Machado de Assis.

- A que estilo de época pertence esse romance?
- Cite uma outra obra de Machado de Assis pertencente a esse mesmo estilo de época.

**108) (Unicamp-2000)** Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas que são as molas da vida!

Trata-se do capítulo CX, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e que significativamente tem o título de “31”.

- o narrador refere-se aí a um episódio de bastante importância para o prosseguimento de sua vida amorosa. Quais as relações entre o narrador e a personagem Lobo Neves aí citada?
- que episódio anterior deve ser levado em conta para se entender o trecho “Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13” ?
- a frase “Que profundas que são as molas da vida!” pode ser interpretada como irônica no contexto do romance. Por quê?

**109) (UFSCar-2003)** Entre eles, o casamento não era a mesma coisa que costuma ser para os outros; nada tinha das alegrias inefáveis ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e grave. E foi o que Estela lhe disse a ele, no dia em que trocaram reciprocamente as primeiras promessas.  
- Creio que nenhuma paixão nos cega, e se nos casamos é por nos julgarmos friamente dignos um do outro.  
- Uma paixão de sua parte, em relação à minha pessoa, seria inverossímil, confessou Luís Garcia; não lha atribuo. Pelo que me toca, era igualmente inverossímil um sentimento dessa natureza, não porque a senhora o não pudesse inspirar, mas porque eu já o não poderia ter.  
- Tanto melhor, concluiu Estela; estamos na mesma situação e vamos começar uma viagem com os olhos abertos e o coração tranqüilo. Parece que em geral os casamentos começam pelo amor e acabam pela estima; nós começamos pela estima; é muito mais seguro.  
(Machado de Assis, Iaiá Garcia)

Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, faz a seguinte consideração:  
“... livros como *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia* tiveram um significado preciso na história do romance brasileiro: alargaram a perspectiva do melhor Alencar urbano no sentido de encarecer o relevo do papel social na formação do ‘eu’, papel que vem a ser aquela segunda natureza, considerada em *Iaiá Garcia* ‘tão legítima e imperiosa como a outra’. O roteiro de Machado após a experiência dos

romances juvenis desenvolveu essa linha de análise das máscaras que o homem afivela à consciência tão firmemente que acaba por identificar-se com elas.”

- Qual a concepção de casamento que o autor define em sua obra? Confirme a sua resposta com informações do texto.
- Considerando as informações de Alfredo Bosi, especialmente no que diz respeito às máscaras, de que maneira Machado concebe a sociedade?

**110) (PUC-SP-2003)** No conto “Um homem célebre”, da obra *Várias Histórias*, de Machado de Assis, há uma profunda investigação da alma humana que pode ser resumida na afirmação do narrador de que “o primeiro lugar na aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma”. Isso se justifica porque

- Romão Pires, exímio regente de orquestra, busca aquilo que não consegue alcançar.
- Pestana, exímio em sua atividade de compositor de polcas, não se satisfaz com a perfeição que atinge.
- Fortunato, dono de uma Casa de Saúde, diante da dor alheia sente um enorme prazer e a saboreia deliciosamente.
- Vilela, afamado advogado e marido de Rita, mata a mulher e o amante, acometido de indignação e furor.
- Inácio, jovem aprendiz de escritório, refugia-se no sonho/realidade, envolvido pelo objeto de sua obsessão amorosa.

**111) (PUC-RS-2000) [...]**

“Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão. Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado a um desejo tão particular que me vexa exprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. [...] O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. [...] O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.”

O trecho em destaque revela, metaforicamente, um dos traços mais marcantes do estilo machadiano, evidenciável nos romances da chamada \_\_\_\_\_ fase.

Em tal período, as narrativas apresentam os fatos através de uma perspectiva \_\_\_\_\_ das personagens.

Identifique, na coluna da esquerda, o romance do qual foi extraído o texto acima.

Identifique, na coluna da direita, os personagens que integram o referido romance.

Relacione as duas colunas.

- Quincas Borba*
- Dom Casmurro*
- Memórias Póstumas de Brás Cubas*

- José Dias  
Quincas Borba  
Bentinho Rubião E

A alternativa que apresenta a associação correta entre o romance do qual foi retirado o texto acima e seus personagens é

- a) 2 - c , d , f
- b) 1 - b , d , f
- c) 3 - a , b , d
- d) 2 - a , c , e
- e) 1 - a , b , e

112) (PUC-RS-2000) [...]

“Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão. Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado a um desejo tão particular que me vexa exprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. [...]O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. [...] O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.”

O trecho em destaque revela, metaforicamente, um dos traços mais marcantes do estilo machadiano, evidenciável nos romances da chamada \_\_\_\_\_ fase. Em tal período, as narrativas apresentam os fatos através de uma perspectiva \_\_\_\_\_ das personagens.

- a) primeira – pessimista
- b) primeira – irônica
- c) segunda - conformista
- d) segunda - psicológica
- e) primeira - hipócrita

113) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa. Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de

memória, conservo alguma recordação doce e feiteira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

O narrador do texto pouco aparece e menos fala, não tem amigos de longa data, e tenta, com certo humor, “atar as duas pontas da vida”, em sua narrativa.

Assinale a opção em que, através de outra linguagem - o cartum -, percebe-se um certo humor semelhante ao que constitui o texto, de Machado de Assis, sobretudo no seguinte trecho:

“Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.”

a)



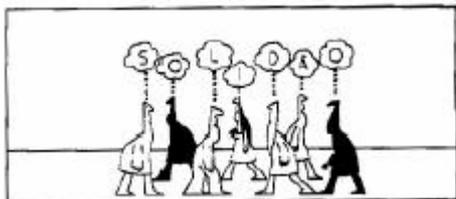
b)



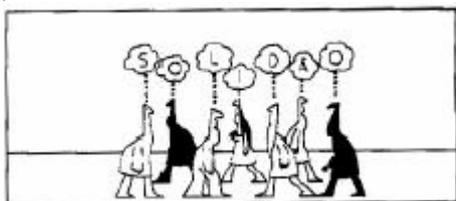
c)



d)



e)



114) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa. Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal. Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que,

uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

Uma das características da prosa de Machado de Assis é a presença de referências ao leitor de seus textos. Identifique o fragmento em que o narrador emprega uma forma lingüística que expressa o leitor a quem se dirige:

- “Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui.”
- “Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente.”
- “Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim.”
- “Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.”
- “Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade.”

115) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa. Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que,

uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

“A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira.”

Em relação à posição do narrador, expressa no fragmento acima, conclui-se que:

- A narrativa é feita a partir das mesmas idéias sobre si que o narrador possuía no momento mesmo em que os episódios da vida antiga ocorreram.
- O narrador aspira a uma reconstrução textual do passado, ignorando o ponto de vista do momento em que o texto é escrito.
- O julgamento sobre a vida antiga não é o mesmo que o narrador tinha, no tempo em que os eventos narrados ocorreram.
- O narrador, em determinado momento de sua vida, pretende reconstituir os eventos ocorridos em seu passado, tal como ocorreram então.
- A análise dos encantos da vida antiga parte dos mesmos pressupostos que o narrador tinha, na época em que antigamente vivia.

**116) (UFSCar-2002)** Começo a arrender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

O trecho apresentado faz parte de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra que tem como narrador o falecido Brás Cubas. Daí poder-se entender que escrever distrai um pouco da eternidade.

Machado de Assis

- O narrador tem toda a eternidade para escrever. O leitor, porém, tem um tempo diferente. Essa oposição estabelece que tipo de relação entre a obra e o leitor, segundo o narrador?
- O narrador compara seu estilo aos ébrios (bêbados), usando orações coordenadas e curtas. O que essas orações sugerem?

**117) (PUCCamp-1998)** Considere estes fragmentos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

- Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência me agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração.
- E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição do livro.
- Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal. Os três fragmentos acima exemplificam o expediente de um narrador que:

- durante todo o romance, justifica seu modo de narrar: partir do fim da vida para esclarecer um delírio, ponta inicial de seu drama amoroso.
- simulando escrever suas memórias pessoais, pretende de fato ironizar o modelo do romance romântico, submetendo-o a digressões de caráter naturalista.
- num capítulo inicial, anuncia e ironiza seu modo de narrar: uma lenta costura de eventos, encadeados numa linha cronológica progressiva.
- em permanente estado de delírio, imagina fatos e personagens inverossímeis, sentindo-se livre de qualquer compromisso com a observação realista.
- ao longo da autobiografia, aproveita-se de sua excepcional condição para manipular ironicamente o tempo, o leitor e o encadeamento dos fatos.

**118) (UFMG-1994)** REDIJA um pequeno texto explicando por que Brás Cubas opta por narrar suas memórias depois de morto.

**119) (UEL-1995)** É correto afirmar sobre Machado de Assis:

- Foi sobretudo pela imaginação de suas narrativas, mais do que pelo estilo ou senso de realismo, que se notabilizou como nosso maior ficcionista do século XIX.
- Seus primeiros romances consagraram-no como um grande prosador realista, mas a partir de *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* sua obra tomou o rumo inesperado da ficção fantástica.
- Seus contos, sobretudo a partir de *PAPÉIS AVULSOS*, são obras-primas de análise psicológica, alegorização social e interpretação das fraquezas humanas.

Assinale a alternativa correta.

- Apenas a afirmação II é verdadeira.
- Apenas a afirmação III é verdadeira.
- Apenas as afirmações I e II são verdadeiras.
- Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
- As afirmações I, II e III são verdadeiras.

**120) (Fuvest-1997)** Com essa história enjoadada de traiu ou não traiu, de Capitu ser anjo ou demônio, o leitor de *Dom Casmurro* acaba se esquecendo do fundamental: as memórias são do velho narrador, não da mulher, e o autor é Machado de Assis, e não um escritor romântico dividido entre mistérios.

Aceitas as observações anteriores, o leitor de Dom Casmurro deverá

- a) identificar o ponto de vista de Capitu, considerando ainda o universo próprio da ficção naturalista.
- b) reconhecer os limites do tipo de narrador adotado, subordinando-o ao peculiar universo de valores do autor.
- c) aceitar os juízos do velho narrador, por meio de quem se representa a índole confessional de Machado de Assis.
- d) rejeitar as acusações do jovem Bentinho, preferindo-lhes a relativização promovida pelo velho narrador.
- e) relativizar o ponto de vista da narração, cuja ambigüidade se deve à personalidade oblíqua de Capitu.

#### 121) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também.

Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse trazer também o nadador da manhã.

Machado de Assis

Texto extraído do romance:

- a) "Memórias Póstumas de Brás Cubas"
- b) "Dom Casmurro"
- c) "Quincas Borba"
- d) "Esaú e Jacó"
- e) "Memorial de Aires"

122) (Fuvest-2003) Tanto Luísa (**O primo Basílio**) quanto Virgília (**Memórias póstumas de Brás Cubas**) praticaram o

- a) por influência direta do excesso de leituras romanescas.
- b) com parentes próximos, o que tornava mais grave a situação moral de ambas.
- c) com o fim de ascender socialmente, unindo-se a parceiros de classe social mais elevada.
- d) por sua própria iniciativa, seduzindo abertamente seus respectivos parceiros.
- e) com antigos namorados, que reencontraram depois de casadas.

123) (Fuvest-2003) Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele *arranjei-me*, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulos\*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troca disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(\* **fâmulos**: *empregado, criado*)

(Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**)

Um traço de estilo, presente no excerto, também se encontrará nas **Memórias póstumas de Brás Cubas**, onde assumirá aspectos de provocação e acinte. Trata-se

- a) das referências diretas ao leitor e ao andamento da própria narração.
- b) do uso predominante da descrição, que confere maior realismo ao relato.
- c) do emprego de adjetivação abundante e variada, que dá feição opinativa à narração.
- d) da paródia dos clichês românticos anteriormente utilizados por José de Alencar e Álvares de Azevedo.
- e) da narração em primeira pessoa, realizada por um narrador-personagem, que participa dos eventos narrados.

124) (Mack-2002) ...isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...) É como a eloqüência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha. Machado de Assis - **Memórias póstumas de Brás Cubas**

Assinale a afirmação correta sobre a passagem acima transcrita.

- a) Apresenta episódios entrelaçados segundo relações de causa e efeito, constituindo, portanto, exemplo de linguagem narrativa.
- b) Constitui fragmento dissertativo, pois o emissor argumenta para defender um certo ponto de vista.
- c) Exibe traços de subjetividade, pois o emissor expressa seu estado de espírito diante de um fato que o emocionou.
- d) Expõe uma teoria mediante discurso tipicamente científico e apresenta fatos da experiência que a comprovam.
- e) É exemplo de discurso didático em que o leitor, explicitamente referido, é chamado a opinar.

125) (UFRN-2002) Sobre os contos de *Várias Histórias*, de Machado de Assis, é correto afirmar que:

- a) pertencem à fase romântica do escritor.
- b) caracterizam o universo regionalista.
- c) fixam situações específicas da sociedade brasileira da época.
- d) recuperam, pela ficção, aspectos autobiográficos da infância do autor.

**126) (UFBA-2002) Texto :**

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação de meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?

Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse de veras secreto. (...) E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus.

Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desgano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluça.

.....  
.....

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a terna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me!

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.1, p.818-20.

A leitura desse texto e do romance do qual foi retirado permite afirmar:

- (01) As palavras de José Dias, reproduzidas nos segundo, terceiro e quarto parágrafos, referem-se a um fato até então desconhecido por apenas uma das pessoas nele envolvidas.
- (02) Imediatamente após a surpreendente revelação, Bentinho foi procurar Capitu para comentar a atitude de José Dias.
- (04) A “crise” (l. 9) sofrida por Bentinho, externada por movimentação desordenada e ocasionando sensações estranhas, foi causada pelo medo de ir para o Seminário.
- (08) Com um traço leve de ironia, o autor atribui a animais e seres inanimados a função de opinar sobre o comportamento de Bentinho, justificando-o.
- (16) O episódio da carícia no cabelo (linhas de 24 a 29) retrata, como todo o romance, a ingenuidade de Bentinho e a esperteza e malícia de Capitu.
- (32) Apesar do melancólico desfecho do romance, o episódio narrado nesse texto foi conservado na memória de Dom Casmurro como um momento muito especial de sua vida.
- (64) Quando o narrador decide reconstituir seu passado, readquire a casa em que passou a infância, cenário dos fatos referidos nesse texto, reformando-a segundo suas recordações.

**127) (UFBA-2002) Texto:**

O Sésamo

- Abre-te, Sésamo! Gritava o Raul, no meio do silêncio pasmado da assistência.

A fiada estava apinhada naquela noite. Mulheres, homens e crianças. As mulheres a fiar, a dobar ou a fazer meia, os homens a fumar e a conversar, e a canalhada a dormir ou nas diabruras do costume. Mas chegou a hora do Raul e, como sempre, todos arrebaram a orelha às histórias do seu grande livro. Em Urros, ao lado da instrução da escola e da igreja, a primeira dada a palmatoadas pelo mestre e a segunda a bofetões pelo prior, havia a do Raul, gratuita e pacífica, ministrada numa voz quente e húmida, que ao sair da boca lhe deixava cantarinhas no bigode.

“- Abre-te, Sésamo! - e o antro, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite...”

As crianças arregalavam os olhos de espanto. Os homens estavam indecisos entre acreditar e sorrir. As mulheres sentiam todas o que a Lamega exprimiu num comentário: - O mundo tem cousas!...

Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper de alva, ainda o dia vem longe, cada corte parece

um saco sem fundo donde vão saindo movediços novos de lã. Quem olha as suas ruelas a essa hora, vê apenas um tapete fofo, ondulante, pardo do lusco-fusco, a cobrir os lajedos. Depois o sol levanta-se e ilumina os montes. E todos eles mostram amorosamente nas encostas os brancos e mansos rebanhos que tosam o panasco macio. A riqueza da aldeia são as crias, o leite e aquelas nuvens merinas que se lavam, enxugam e cardam pelo dia fora, e nas fiadas se acabam de ordenar. Numa loja gado, ao quente bafo animal, junta-se o povo. Todos os moradores se cotizam para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa. É no inverno, nas grandes noites sem fim, que se goza na aldeia essa fraternidade. Há sempre novidades a discutir, amoriscos tentar, apagadas fogueiras que é preciso reacender, e, sobretudo, há o Raul a descobrir cartapácios ninguém sabe como e a lê-los com tal sentimento ou com tanta graça que ou faz chorar as pedras ou rebentar um morto de riso.

Daquela feita tratava-se de uma história bonita, que metia uma grande fortuna escondida na barriga de um monte. E o rapazio, principalmente, abria a boca de deslumbramento. Todos guardavam gado na serra. E a todos ocorrera já que bem podia qualquer penedo dos que pisavam estar preñado de tesouros imensos. Mas que uma simples palavra os pudesse abrir - isso é que não lembrava a nenhum.

Da gente miúda que escutava, o mais pequeno era o Rodrigo, guicho, imaginativo, e por isso com fama de amalucado. (...)

(...) E de manhãzinha, o Rodrigo, contra o costume, esgueirou-se sozinho para a serra da Forca atrás do rebanho. A história do Raul tinha-lhe encandescido os miolos. Necessitava por isso de solidão e de apagar o incêndio sem testemunhas. A serra da Forca é longe e é feia. Tem pasto, mas de que vale?! O passado deixou ali tanto grito perdido, tanto cadáver insepulto, tanta alma penada, que até mesmo as ladainhas da primavera se desviam e passam de largo. Mas é nos sítios assim amaldiçoados que o povo, talvez para as preservar da coscuvilhice da razão, gosta de plantar lendas bonitas e aliciantes. E vá de inventar que havia um tesoiro escondido naquele ermo de maldição. Encontrá-lo é que era difícil. Enterrado entre penedias, guardado por mil fantasmas, quem teria coragem de tentar a empresa? Ninguém. E o monte escomungado lá continuava azulado na distância, agreste e assombrado.

O Rodrigo, porém, resolvera quebrar o encanto. E, às pedradas ao gado, ao nascer do sol tinha-o na frente. Ia simplesmente rasgar o véu do mistério. Ia imitar o ladrão da história, com a diferença apenas de que uma vez dentro da caverna não se esqueceria, como o outro, das palavras mágicas que lhe assegurariam a retirada. E de alma tranqüila, mas a tremer de emoção, solenemente, o pequeno feiticeiro ergueu a mão e gritou:

- Abre-te, Monte da Forca!

A sua imaginação ardente acreditava em todos os impossíveis. Tinha certeza de que o Sésamo da história do Raul existira realmente. Por isso ouviu com serenidade e confiança o eco da própria voz a regressar ferido das encostas. Tudo requeria o seu tempo.

Irreais, os horizontes perdiam-se ao longe esfumados e frios. Vago, o rebanho, à volta, tosava a erva mansamente. Impreciso, o gemido da ovelha queixosa não conseguia transpor o limiar da consciência do pastor. Transfigurado, o Rodrigo estava entregue ao milagre. Ordenara-o e esperava por ele.

- Abre-te, Monte da Forca! - gritou de novo, já enfadado de uma espera que não cabia na ilusão.

Qualquer coisa à volta pareceu tremer, e o coração do pequeno saltou.

- Abre-te! - reforçou angustiado.

Mas os horizontes começaram a tomar crueza e sentido, o rebanho avolumou-se, e o balido da ovelha aflita subiu mais.

Era mentira! - e pelo seu rosto infantil e desiludido uma lágrima desceu desesperada.

- Era mentira... - repetiu, debruçado sobre a alta fraga, a soluçar.

Tudo nele tinha a verdade da inocência. (...)

E a primeira vez que tirava a prova àquela confiança, que tentara ver de perto a miragem, acordava cruamente traído! Valeu-lhe a feliz condição de criança. Ele ainda a chorar e já a mão do esquecimento a enxugar-lhe os olhos. Breve como vem, breve se vai o pranto dos dez anos.

A ovelha chamava sempre. E o balido insistente acabou por acordá-lo para a realidade simples da sua vida de pastor. Ergueu-se, desceu da alta fraga enganadora, e, de ouvido atento, foi direto ao queixume.

- Olha, era a Rola...

Um cordeiro acabara de nascer e a mãe lambia-o. O outro estava ainda lá dentro, no mistério do ventre fechado.

TORGA, Miguel. *O Sésamo. Novos contos da montanha.*

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p.103-9.

Texto :

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho.

Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, seguindo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação de meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não

tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?

Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. (...) E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus.

Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca.

.....  
.....

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a terna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me!

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro. Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.1, p.818-20.

Sobre os textos apresentados, de Miguel Torga e de Machado de Assis, e as obras das quais foram retirados, pode-se afirmar:

(01) Nesse conto, Miguel Torga analisa tipos rústicos, criadores de ovelhas, e Machado de Assis, no seu texto, personagens urbanas e da classe média.

(02) No conto, o cenário é parte vital do enredo, enquanto, no trecho do romance, a varanda é apenas uma referência para as reflexões do personagem.

(04) Rodrigo e Bentinho têm suas histórias contadas, respectivamente, por um narrador onisciente e por um narrador-personagem que se vale da própria memória.

(08) Os dois principais personagens - o do conto e o do romance - apresentam uma ingenuidade infantil, que é superada, em ambos, por uma análise dos próprios sentimentos.

(16) Nos textos examinados, verifica-se que os dois autores tratam a paisagem de forma semelhante.

(32) Obras universais pelo tema que assumem, a primeira se desenvolve em uma paisagem rural, e a segunda dá ênfase à descrição da paisagem urbana.

(64) Ambos os escritores, - um português e outro brasileiro - filiam-se a um mesmo movimento literário e

revelam identidade na forma de apresentar as emoções humanas.

#### 128) (UFBA-2002) Texto

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação de meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?

Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. (...) E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus.

Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca.

.....  
.....

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a terna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.1, p.818-20.

Com base na análise do texto, é correto afirmar:

- (01) A expressão “ia tonto”(l.1) tem por sujeito o pronome *ele* não expresso no texto.
- (02) Em “querer sair-me pela boca” (l.2), a partícula “me” relaciona-se com “boca” e tem sentido possessivo.
- (04) A conjunção “e”, presente duas vezes na linha 4, introduz uma repetição enfática de ações anteriores.
- (08) As reticências que encerram os parágrafos das linhas de 5 a 7 e de 14 a 16 têm efeito suspensivo, omitindo informações essenciais para Bentinho.
- (16) O vocativo “Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda”(l. 8-9) é uma evocação enfática de elementos testemunhas do seu estado de espírito.
- (32) O pronome “vós”(l.9) é usado para expressar respeito e cerimônia para com os seres humanos invocados.
- (64) A expressão “de cima de si” (l.17), além de registrar uma circunstância de lugar, expressa uma atitude de condescendência.

#### 129) (UFBA-2002) Texto

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação de meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros,

borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. (...) E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca.

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a terna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me!

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.1, p.818-20.

Com base nesse fragmento do romance “Dom Casmurro”, pode-se afirmar:

- (01) O grande número de pronomes da primeira pessoa do singular, existentes sobretudo no quinto parágrafo, dão realce ao caráter estritamente pessoal da sensação experimentada pela personagem.
- (02) A expressão “toda a gente viva do ar” é uma denominação atribuída a um conjunto de seres em que se incluem pássaros, borboletas e cigarra.
- (04) A forma “Realmente” marca o momento em que o personagem decide iniciar um processo de auto-análise, na busca de fatos que confirmem a sua descoberta.
- (08) Os sinais de pontuação, nas frases “ Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?” e “Eu amava Capitu! Capitu amava-me!” registram as diferentes fases do sentimento recém-descoberto de Bentinho.
- (16) A “grande expressão de desengano e melancolia” de Capitu era decorrente da consciência de sua real aparência física e do descrédito quanto à sinceridade de Bentinho.
- (32) O termo “Naturalmente”, que aparece duas vezes, introduz dois motivos considerados óbvios pelo narrador para a exaltação de seus sentimentos.
- (64) As seguidas enumerações de ações e sensações contraditórias constituem um recurso que enfatiza o profundo sentimento de culpa e a vergonha de Bentinho.

130) (UFBA-2002) Texto

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava.

Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

“Sempre juntos...”

“Em segredinhos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação de meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

“Em segredinhos...”

“Sempre juntos...”

“Se eles pegam de namoro...”

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. (...) E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluça.

.....

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a terna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me!

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v.1, p.818-20.

A leitura desse texto e do romance do qual foi retirado permite afirmar:

(01) As palavras de José Dias, reproduzidas nos segundo, terceiro e quarto parágrafos, referem-se a um fato até então desconhecido por apenas uma das pessoas nele envolvidas.

(02) Imediatamente após a surpreendente revelação, Bentinho foi procurar Capitu para comentar a atitude de José Dias.

(04) A “crise” sofrida por Bentinho, externada por movimentação desordenada e ocasionando sensações estranhas, foi causada pelo medo de ir para o Seminário.

(08) Com um traço leve de ironia, o autor atribui a animais e seres inanimados a função de opinar sobre o comportamento de Bentinho, justificando-o.

(16) O episódio da carícia no cabelo retrata, como todo o romance, a ingenuidade de Bentinho e a esperteza e malícia de Capitu.

(32) Apesar do melancólico desfecho do romance, o episódio narrado nesse texto foi conservado na memória de Dom Casmurro como um momento muito especial de sua vida.

(64) Quando o narrador decide reconstituir seu passado, readquire a casa em que passou a infância, cenário dos fatos referidos nesse texto, reformando-a segundo suas recordações.

131) (Fuvest-1999) Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

- a) Explique resumidamente o que era o "emplasto" e por que deveria ter trazido celebridade a Brás Cubas.
- b) Relacionando-a sucintamente ao contexto sócio-histórico em que se desenvolve o enredo do romance, explique a frase "coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto."

132) (Mack-1998) Sobre Machado de Assis, é INCORRETO afirmar que:

- a) Em sua extensa obra, ainda se podem encontrar peças de teatro, crônicas e ensaios.
- b) Seus primeiros romances como *Ressurreição* e *Iaiá Garcia* apresentam traços ainda ligados ao Romantismo.
- c) Sua poesia apresenta, muitas vezes, características próprias do Parnasianismo como a busca da perfeição formal e um vocabulário elevado.
- d) Nos contos, não se percebem elementos que o consagraram nos romances, evidenciando as características que o diferenciam na literatura brasileira.

e) Os romances de sua Segunda fase tornam-se totalmente realistas, evidenciando as características que o diferenciam na literatura brasileira.

sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou.

(Assis, Machado de. História sem Data. in Seus 30 Melhores Contos. Rio de Janeiro; Aguillar, 1961, pp.189-194.

133) (Vunesp-1995) TORMENTO IDEAL  
(fragmento)

Quental

Pedindo à forma, em vão, a idéia pura,  
Tropeço, em sombras, na matéria dura,  
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o batismo dos poetas,  
E, assentado entre as formas incompletas.  
Para sempre fiquei pálido e triste.

(Quental, Antero de. Sonetos  
Escolhidos. São Paulo: Livr. Exposição, 1966, p.72.)

CANTIGA DE ESPOSAIS  
(fragmento)

Assis

O princípio do canto rematava em um certo lá; este lá, que lhe caía bem no lugar, era a nota derradeiramente escrita. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal; era-lhe preciso ar. Pela janela viu na janela dos fundos de outra casa dous casadinhos de oito dias, debruçados com os braços por cima dos ombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

- Aqueles chegam, disse ele, eu saio. Comporei ao menos este canto que eles poderão tocar...

- Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao lá...

- Lá, lá, lá...

Nada, não passava adiante. E, contudo, ele sabia música como gente.

Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré... ré... ré...

Impossível! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas enfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado.

Voltava ao princípio, repetia as notas, buscava reaver um retalho da sensação extinta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a ilusão, deitava os olhos pela janela para o lado dos casadinhos. Estes continuam ali, com as mãos presas e os braços passados nos ombros um do outro; a diferença é que se miravam agora, ofegante da moléstia e da impaciência, tomava ao cravo; mas a vista do casal não lhe suprira a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

- Lá... lá... lá...

Desesperado, deixou o cravo, pegou o papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo lá trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurava durante anos

Arnaldo Antunes

a palavra não vem

pensa

pensa

pensa

pensa

e a palavra não vem

nunca

nunca

nunca

nunca

nunca

nunca

nunca

nunca

(Antunes, Arnaldo. TUDOS, 3 • ed., São Paulo; iluminuras,1993.)

No último parágrafo, Machado escreveu:

"...começou a cantarolar à toa, innte, uma cousa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo lá trazia..." Ao repetir a palavra coisa, após o pronome relativo, o narrador nos deu um saboroso exemplo de construção pleonástica.

Releia o trecho mencionado e, a seguir: (ver texto)

a) Responda em que consiste o caráter pleonástico apontado.

b) Reescreva a mesma frase, eliminando o pleonismo.

134) (Unip-1997) NÃO HOUVE LEPROSA

Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas. Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: "Tu eras perfeito nos teus caminhos". Mandaram-me ambos os textos, grego e latino, o desenho da sepultura, a conta das despesas e o resto do dinheiro que ele levava; pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.

Como quisesse verificar o texto, consultei a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: "Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação". Parei e perguntei calado: "Quando seria o dia da criação de Ezequiel?" Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para ajuntar aos tantos deste mundo.

Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro.

(Machado de Assis - Dom Casmurro)

Em "Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide..." , o sujeito é:

- a) simples;
- b) composto;
- c) indeterminado;
- d) inexistente (oração sem sujeito);
- e) elíptico (oculto).

**135) (UFSE-1997)** A originalidade do ponto de vista do narrador de MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS permitiu que Machado de Assis escrevesse um romance.

- a) de caráter fantástico, no qual pôde desenvolver sua aptidão para a literatura com fundamentos surrealistas.
- b) essencialmente irônico, ao mesmo tempo em que dotava o narrador de uma distância crítica incontestável.
- c) em terceira pessoa, contrariando a índole confessional que marcara toda a sua ficção anterior.
- d) realista, a partir de um narrador que tudo observara e documentara em páginas só publicáveis depois de sua morte.
- e) satírico-histórico, cujo argumento remontava ao tempo das capitâneas hereditárias, no Brasil colonial.

**136) (UFRJ-1996)** Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso. (MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

As conjunções "mas" e "e" , que iniciam o segundo e o terceiro períodos, são especialmente importantes na ESTRUTURAÇÃO e no SENTIDO DO TEXTO. Explique por quê.

**137) (UFCE-1997)** (...) As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio, onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão.

(...)

Capitu não era menos terna para ele e para mim. Dávamos as mãos um ao outro, e, quando não olhávamos para o nosso filho, conversávamos de nós, do nosso passado e do nosso futuro. As horas de maior encanto e mistério eram as de amamentação. Quando eu via o meu filho chupando o leite da mãe, e toda aquela união da natureza para a nutrição e vida de um ser que não fora nada, mas que o nosso destino afirmou que seria, e a nossa constância e o nosso amor fizeram que chegasse a ser, ficava que não sei dizer nem digo; positivamente não me lembra, e receio que o que dissesse me saísse escuro.

(...)

Leitor, houve aqui um gesto que eu não descrevo por havê-lo inteiramente esquecido, mas crê que foi belo e trágico. Efetivamente, a figura do pequeno fez-me recuar até dar de costas na estante. Ezequiel abraçou-me os joelhos, esticou-se na ponta dos pés, como querendo subir e dar-me o beijo de costume; e repetia, puxando-me:

- Papai! Papai!

(...)

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

- Papai! papai! exclamava Ezequiel.

- Não, não, eu não sou teu pai!

(ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. SP: Moderna, 1983. p.66; 204; 247; 248.)

Complete os espaços ao lado com o substantivo que corresponde ao verbo nas passagens:

"... acendeu nela o desejo..."	= A	do desejo.
"... e repetia, puxando-me..."	= A	do chamado.
"... um gesto que eu não descrevo"	= A	do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

- a) acensão - repetição - descrição.
- b) acensão - repetição - descrição.
- c) acensão - repetição - descrição.
- d) acensão - repetição - descrição.
- e) acensão - repetição - descrição.

**138) (ITA-1996) OS CÃES**

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial<sup>1</sup> é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta\* é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCA demos COM UMA BRIGA de cães\*; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles\* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples

osso nu. Os cães mordiam-se\*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO<sup>5</sup> BRAÇO, e parecia em êxtase.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou\* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto<sup>6</sup> contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam<sup>7</sup> aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Identificadas as classes das palavras retiradas do texto e relacionando a primeira relação à segunda, assinale a seqüência correta a seguir:

- (1) adjetivo
- (2) substantivo
- (3) verbo
- (4) pronome
- (5) advérbio
- (6) conjunção
- (7) preposição
- (8) locução adjetiva
- (9) locução adverbial
- (10) locução substantiva
- (11) locução prepositiva

- ( ) o essencial (referência 1)
- ( ) sem luta (referência 2)
- ( ) de cães (referência 3)
- ( ) ao pé deles (referência 4)
- ( ) debaixo do (referência 5)
- ( ) posto (referência 6)

- a) 1-8-8-9-11-3
- b) 1-9-8-9-7-3
- c) 2-8-8-9-11-6
- d) 2-9-10-10-9-11
- e) 2-8-8-10-9-6

139) (FEI-1997) "Tinha dezessete anos; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se era um homem com ares de menino. Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas

baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas de nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes e, por compaixão, o transportou para seus livros".

O texto é um fragmento de Memórias Póstumas de Brás Cubas. O autor deste romance é:

- a) Manuel Antônio de Almeida.
- b) José de Alencar.
- c) Machado de Assis.
- d) Lima Barreto.
- e) Raul Pompéia.

140) (FEI-1995) Leia com atenção:

"Em seu último romance, Machado de Assis revela-nos uma outra face. O romancista espiritualiza-se, afastando-se da análise das desgraças humanas. Sensíveis mutações ocorrem, então, em seu espírito, refletindo desprendimento e abnegação. Reconhece-se no casal Aguiar e D.Carmo o próprio romancista e D.Carolina, acentuando a coincidência das iniciais: Aguiar e Assis, Carmo e Carolina, além dos traços autobiográficos na descrição do casal harmônico".

Trata-se do romance:

- a) "Quincas Borba"
- b) "Esaú e Jacó"
- c) "Ressurreição"
- d) "D.Casmurro"
- e) "Memorial de Aires"

141) (Fatec-1996) TEXTO I

1. ... encontro-me aqui em São Bernardo, escrevendo. As janelas estão fechadas. Meia noite. Nenhum rumor na casa deserta. Levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se. Não tenho sono. Deitar-me, rolar no colchão até a madrugada, é uma tortura. Prefiro ficar sentado, concluindo isto. Amanhã não terei com que me entreter. Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa. Aperto as mãos de tal forma que me firo com as unhas, e quando caio em mim estou mordendo os beiços a ponto de tirar sangue. De longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha. Digo em voz baixa:  
- Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente. A agitação diminui.  
- Estraguei a minha vida estupidamente.

TEXTO II

2. "... vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi."

O texto II é parte da fala do narrador no 1º capítulo de Dom Casmurro, de Machado de Assis. Comparando-o com a fala

de Paulo Honório, no último capítulo de São Bernardo (texto I), é correto afirmar que:

- a) ambas as personagens tentam recuperar o passado através do relato da própria vida, valendo-se, para tanto, da narrativa em primeira pessoa.
- b) a lembrança da mulher amada, presente em ambos os relatos, desencadeia as duas narrativas que, intencionalmente, são feitas em terceira pessoa.
- c) ambas as personagens, sentindo o peso da velhice, voltam-se para o passado, numa ávida tentativa de recuperar a alegria e a tranquilidade da juventude. Para tanto, valem-se da narrativa em primeira pessoa.
- d) A insônia, causada pelo remorso de uma vida que poderia ter sido e que não foi, leva ambas as personagens a permanecerem acordadas. E, para passar o tempo, escrevem. A narrativa é feita em terceira pessoa já que se trata de um narrador onisciente, isto é, que conhece os fatos na sua totalidade.
- e) perseguidos pela sombra do passado e angustiados pela solidão, ambos os narradores recorrem à narrativa para afastar seus fantasmas. Utilizam-se, para isso, da narrativa em primeira pessoa, que lhes permite um distanciamento maior.

142) (Faap-1997) "Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, - questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."

Machado de Assis

Machado de Assis ficou célebre pelo romance:

- a) paisagista.
- b) de fuga - evasão.
- c) psicológico.
- d) histórico.
- e) medieval.

143) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Machado de Assis)

Só um destes verbos é transitivo direto, ao lado do qual aparece o objeto direto:

- a) chegou a hora da encomendação.
- b) a confusão era geral.
- c) lhe saltassem algumas lágrimas.
- d) Capitu enxugou-as.
- e) as minhas cessaram logo.

144) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Machado de Assis)

"Os olhos de Capitu fitaram o defunto".

A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

- a) O defunto fitaram-no os olhos de Capitu.
- b) Os olhos de Capitu, eles mesmos, fitaram o defunto.
- c) O defunto foi fitado pelos olhos de Capitu.
- d) Ao defunto fitaram os olhos de Capitu.
- e) Fitaram-se os olhos de Capitu.

145) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu

olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.  
(Machado de Assis)

Narram-se os fatos na primeira pessoa e quem o faz é:

- Brás Cubas
- Bentinho
- Ezequiel
- José Dias
- Lobo Neves

146) (UNIUBE-2002) A partir da leitura do fragmento abaixo transcrito e do romance *Dom Casmurro*, assinale a afirmativa correta.

“(...) Capitu e eu, na sala de visitas, falávamos do seminário. Com os olhos em mim, Capitu queria saber que notícia era a que me afligia tanto. Quando lhe disse o que era, fez-se cor de cera.

\_\_\_ Mas eu não quero, acudi logo, não quero entrar em seminários; não entro, é escusado teimarem comigo, não entro.

Capitu, a princípio, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com a pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada. Então eu, para dar força às afirmações, comecei a jurar que não seria padre. (...) Jurei pela hora da morte. Que a luz me faltasse na hora da morte se fosse para o seminário. Capitu não parecia crer nem descreer, não parecia sequer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. (...) Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas:

\_\_\_ Beata! carola! papa-missas!

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão.”

- Capitu não perde tempo com Bentinho; certamente, adivinha sua confessada fraqueza de ânimo para opor-se a uma determinação de ordem cristã e lutar pela própria felicidade conjugal. Quando explode, sua raiva se volta contra D. Glória. Sabe que ela é quem detém o poder de decisão na família patriarcal.
- Na pequena Capitu a frivolidade já está presente, “como a fruta dentro da casca”. Seu temperamento frio e calculista revela a menina mimada que, no futuro, irá infernizar a vida de Bentinho com exigências e extravagâncias. Seu comportamento moralmente inaceitável desencadeará o drama do adultério.

c) Bentinho manifesta sua determinação de não entrar para o seminário. Seu caráter íntegro, aliado à certeza do amor de Capitu, não deixam dúvidas de que cumprirá o juramento que faz, apesar da vocação sacerdotal que o aflige. Capitu o atrai para outro destino e acabará por abandoná-lo em meio à experiência conjugal.

d) Ao ouvir a notícia, Capitu parece tomada por uma profunda sensação de desânimo. Cabe a Bentinho reanimá-la e convencê-la da grandiosidade de seu afeto e de sua disposição para enfrentar os obstáculos à realização amorosa, ainda que precise entrar em conflito com a autoridade materna.

147) (Mack-2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre o estilo de Machado de Assis.

- Sua linguagem irônica e sarcástica está relacionada à quebra de valores absolutos.
- A linguagem metafórica, usada com frequência, concretiza conceitos e juízos de valor.
- Realizou rupturas na organização linear do texto narrativo, impondo outra lógica à seqüência de capítulos.
- Utilizou-se com frequência da metalinguagem, fazendo referências ao próprio ato de narrar.
- A ruptura com a tradição literária deu origem a um estilo irreverente, afastado da norma culta.

148) (Fuvest-2000) Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, capítulo primeiro)

Considerando-se este fragmento no contexto da obra a que pertence, é correto afirmar que, nele,

- o discurso argumentativo, de tipo racional e lógico, apresenta afirmações que ultrapassam a razão e o senso comum.
- a combinação de hesitações e autocrítica já caracteriza o tom de arrependimento com que o defunto autor relatará sua vida improdutiva.
- as hesitações e dúvidas revelam a presença de um narrador inseguro, que teme assumir a condução da narrativa e a autoridade sobre os fatos narrados.
- as preocupações com questões de método e as reflexões de ordem moral mostram um narrador alheio às meras questões literárias, tais como estilo e originalidade.
- as considerações sobre o método e sobre a lógica da narração configuram o modo característico de se iniciar o romance no Realismo.

149) (PUC-SP-2001) O conto “A Cartomante” integra a obra *Várias Histórias* de Machado de Assis. Dele é **incorreto** afirmar que

- a) se desenvolve a partir da afirmação de Horácio de que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.
- b) apresenta um triângulo amoroso no qual Rita, casada com Vilela, o atrai com o amigo Camilo.
- c) caracteriza a personagem feminina como uma dama formosa e tonta e mostra-a insinuante como uma serpente.
- d) apresenta um final feliz já que a previsão da cartomante sobre o amor dos dois realiza-se plenamente.
- e) se trata de uma narrativa tradicional com estrutura bem definida, conduzindo a história para um clímax inesperado, o chamado elemento surpresa.

#### 150) (Mack-2001) I

A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.  
*Machado de Assis*

#### II

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, - uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

*Machado de Assis*

Assinale a alternativa correta sobre o texto II.

- a) Pertence a *Quincas Borba*, romance que, por meio da história de Rubião, apresenta uma triste visão da condição humana.
- b) A frase final do personagem é *Ao vencedor, a coroa!*, que adquire, no contexto da obra, um sentido trágico.
- c) É parte do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que exemplifica a visão benevolente de Machado de Assis sobre a sociedade carioca do século XIX.
- d) Corresponde ao capítulo final de *D. Casmurro*, obra que introduziu o estilo realista no Brasil.
- e) Narrado em primeira pessoa, pertence a romance memorialista cujo protagonista defende princípios do Humanismo.

151) (Mack-2001) A enferma era uma senhora viúva, tísica, tinha uma filha de quinze ou de dezesseis anos, que estava chorando à porta do quarto. A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam-lhe despenteados, e as

lágrimas faziam-lhe encarquilhar os olhos. Não obstante, o total falava e cativava o coração. O vigário confessou a doente, deu-lhe a comunhão e os santos óleos. O pranto da moça redobrou tanto que senti os meus olhos molhados e fugi. Vim para perto de uma janela. Pobre criatura! A dor era comunicativa em si mesma; complicada da lembrança de minha mãe, doeu-me mais, e, quando enfim pensei em Capitu, senti um ímpeto de soluçar também (...)  
A imagem de Capitu ia comigo, e a minha imaginação, assim como lhe atribuíra lágrimas, há pouco, assim lhe encheu a boca de riso agora; (...) As tochas acesas, tão lúgubres na ocasião, tinham-me ares de um lustre nupcial ... Que era lustre nupcial? Não sei; era alguma coisa contrária à morte, e não vejo outra mais que bodas.

Assinale a alternativa que apresenta obras do mesmo estilo de época do texto.

- a) *Senhora - Quincas Borba - São Bernardo*
- b) *Iracema - A moreninha - Laços de família*
- c) *O Ateneu - O mulato - Amor de perdição*
- d) *O primo Basílio - Vidas secas - Memórias póstumas de Brás Cubas*
- e) *O primo Basílio - Quincas Borba - Memórias póstumas de Brás Cubas*

152) (Mack-2001) A enferma era uma senhora viúva, tísica, tinha uma filha de quinze ou de dezesseis anos, que estava chorando à porta do quarto. A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam-lhe despenteados, e as lágrimas faziam-lhe encarquilhar os olhos. Não obstante, o total falava e cativava o coração. O vigário confessou a doente, deu-lhe a comunhão e os santos óleos. O pranto da moça redobrou tanto que senti os meus olhos molhados e fugi. Vim para perto de uma janela. Pobre criatura! A dor era comunicativa em si mesma; complicada da lembrança de minha mãe, doeu-me mais, e, quando enfim pensei em Capitu, senti um ímpeto de soluçar também (...)  
A imagem de Capitu ia comigo, e a minha imaginação, assim como lhe atribuíra lágrimas, há pouco, assim lhe encheu a boca de riso agora; (...) As tochas acesas, tão lúgubres na ocasião, tinham-me ares de um lustre nupcial ... Que era lustre nupcial? Não sei; era alguma coisa contrária à morte, e não vejo outra mais que bodas.

Considere as afirmações.

**I** -Na descrição da filha da viúva (segundo período), o narrador-personagem apresenta uma atitude romântica.

**II** -No fato narrado, o protagonista sobrepõe o mundo imaginário às circunstâncias objetivas da realidade circundante.

**III** -O texto foi extraído de romance brasileiro da primeira metade do século XIX.

Assinale:

- a) se todas estiverem corretas.
- b) se apenas **II** estiver correta.
- c) se apenas **II** e **III** estiverem corretas.
- d) se apenas **I** e **III** estiverem corretas.
- e) se todas estiverem incorretas.

153) (ITA-2001) Podemos afirmar que na obra D. Casmurro, Machado de Assis

- a) defende a tese de que o meio determina o homem porque descreve a personagem Capitu desde o início como uma futura adúltera.
- b) defende a tese determinista porque o meio em que Bentinho e Capitu vivem determina a futura tragédia.
- c) não defende a tese determinista, apontando antagonismo entre o meio e a tragédia final.
- d) defende a tese determinista ao demonstrar a influência da educação religiosa na formação de Capitu.
- e) não defende a tese determinista de modo explícito porque não fica clara a relação entre o meio e o fim trágico dos personagens.

154) (Fuvest-2001) Tanto Gonçalves, em A ilustre casa de Ramires, quanto Brás Cubas, em Memórias póstumas de Brás Cubas, desenvolveram atividades políticas.

- a) O modo pelo qual Gonçalves, quando candidato, se relacionava com os eleitores que iria representar caracteriza-o como um político de que tipo? Explique sucintamente.
- b) Compare as atuações de Gonçalves e de Brás Cubas como deputados, caracterizando-as brevemente.

155) (Fuvest-2001) (...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Considerado no contexto da obra a que pertence, este excerto revela que

- a) a dominação dos proprietários era abrandada por sua moralidade cristã, que os inclinava à caridade e à benevolência desinteressada.
- b) a dependência da proteção dos ricos podia forçar os pobres a transigir com seus próprios princípios morais.

- c) os brancos, mesmo quando pobres, na sociedade escravista do Império, demonstravam aversão ao trabalho, por considerá-lo próprio de escravos.
- d) os senhores mais refinados, mesmo numa sociedade escravista, davam preferência a criados brancos, mas, dada a escassez destes, eram obrigados a grandes concessões para conservá-los.
- e) os agregados, de que Dona Plácida é exemplo típico, consideravam-se membros da família proprietária e, por isso, tornavam-se indolentes, resistindo a aceitar os empregos que lhes eram oferecidos.

156) (Mack-2002) Assinale a alternativa correta sobre Machado de Assis.

- a) Embora tenha sido um dos maiores escritores brasileiros do século XIX, não conseguiu em vida o reconhecimento de sua obra.
- b) Uma de suas linhas temáticas está presente na valorização do comportamento do homem burguês.
- c) Introduziu o Realismo no Brasil em 1881, mas enveredou para o estilo naturalista ao tematizar aspectos patológicos do comportamento.
- d) Uma das marcas de seu estilo é a linguagem crítica, que se apresenta de maneira direta e seca.
- e) Vivendo num período de culto ao cientificismo, questionou lucidamente o valor absoluto das verdades científicas.

157) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuida que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:

- a) sorriso maliciosamente inocente.
- b) formas graciosamente curvas.
- c) sistema singularmente espantoso.
- d) opinião simplesmente abusada.
- e) expressão profundamente abatida.

158) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante

os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuida que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

As relações entre senhores e escravos, referidas no excerto, a) caracterizam-se por uma crueldade que, no entanto, constitui exceção no livro: nas demais ocorrências do tema, essas relações são bastante amenas e cordiais.

b) constituem o principal assunto das Memórias póstumas de Brás Cubas, ocupando o primeiro plano da narrativa.

c) aparecem poucas vezes, de maneira direta, no romance, mas caracterizam de modo decisivo as relações sociais nele representadas.

d) desenham o pano de fundo histórico do romance, mas não contribuem para a caracterização das personagens.

e) servem apenas para caracterizar o comportamento de personagens secundárias, não aparecendo no relato da formação do protagonista.

159) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuida que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Neste excerto, Brás Cubas discute as acusações dirigidas a seu cunhado Cotrim. A argumentação aí apresentada

a) faz com que, ao defender Cotrim, ele contribua, ironicamente, para confirmar essas acusações.

b) confirma a hipótese de que Machado de Assis, ao ascender socialmente, renegou suas origens e abandonou a crítica ao comportamento das elites.

c) visa demonstrar que as práticas de Cotrim não contavam com a convivência de Brás Cubas e da sociedade da época.

d) comprova a convicção machadiana de que os homens nascem bons, a sociedade é que os corrompe.

e) é moralmente impecável, pois distingue o lícito do ilícito, condenando explicitamente os desvios, como o contrabando e a tortura.

160) (FMTM-2005) Pelas características temáticas e de estilo, a obra *O Ateneu* identifica-se com a estética

a) pré-romântica, destacando-se o subjetivismo presente na narrativa.

b) romântica, pela caracterização idealizada dos personagens.

c) realista-naturalista, destacando-se o tratamento crítico do caráter humano.

d) simbolista, pelo caráter simbólico atribuído ao colégio.

e) modernista, pela ênfase à linguagem coloquial.

161) (FMTM-2005) Abriram-se as aulas a 15 de fevereiro. De manhã, à hora regulamentar, compareci. O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria-se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas. Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados.

A cada entrada, o diretor fechava lentamente o livro, marcando a página com um espadim de marfim; fazia girar a cadeira e soltava interjeições de acolhimento, oferecendo episcopalmente a mão peluda ao beijo contrito e filial dos meninos. Os maiores, em regra, recusavam-se à cerimônia e partiam com um simples aperto de mão.

O rapaz desaparecia, levando o sorriso pálido na face, saudosos da vadiação ditosa das férias. O pai, o correspondente, o portador, despedia-se, depois de banais cumprimentos, ou palavras a respeito do estudante, amenizadas pela bonomia superior de Aristarco, que punha habilmente um sujeito fora de portas com o riso fanhoso e o simples modo de segurar-lhe os dedos.

A cadeira girava de novo à posição primitiva, o livro da escrituração mostrava outra vez as páginas enormes e a figura paternal do educador desmanchava-se, voltando a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente. A este vaivém de atitudes estava tão habituado o nosso diretor que nenhum esforço lhe custava a manobra. Soldavam-se nele o educador e o empresário com uma perfeição rigorosa, dois lados da mesma medalha: opostos, mas justapostos.

Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística: o número dos estudantes novos não compensando o número dos perdidos, as novas entradas não contrabalançando as despesas do fim do ano. Mas a sombra do despeito apagouse logo e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social

da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. (Raul Pompéia, *O Ateneu*. Texto editado)

“Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco *uma pontinha de aborrecimento*. Decepção talvez de estatística: o número dos estudantes novos não compensando o número dos perdidos, as novas entradas não contrabalançando as despesas do fim do ano. Mas a sombra do despeito apagou-se logo e foi com *uma explosão de contentamento* que o diretor nos acolheu.”

No trecho, os termos em destaque constituem uma antítese.

Esse recurso estilístico foi utilizado pelo autor para

- ressaltar o fato de que Aristarco colocava as questões pedagógicas acima dos problemas financeiros do colégio.
- demarcar o caráter ambíguo e a oscilação de comportamento do diretor do colégio.
- mostrar que Aristarco dava pouca importância aos problemas financeiros do colégio.
- caracterizar o temperamento desconfiado de Aristarco como diretor do colégio.
- demonstrar que Aristarco tinha poucos aborrecimentos à frente da instituição.

162) (FMTM-2005) Abriram-se as aulas a 15 de fevereiro. De manhã, à hora regulamentar, compareci. O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas. Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados.

A cada entrada, o diretor fechava lentamente o livro, marcando a página com um espadim de marfim; fazia girar a cadeira e soltava interjeições de acolhimento, oferecendo episcopalmente<sup>1</sup> a mão peluda ao beijo contrito<sup>2</sup> e filial dos meninos. Os maiores, em regra, recusavam-se à cerimônia e partiam com um simples aperto de mão.

O rapaz desaparecia, levando o sorriso pálido na face, saudosos da vadiação ditosa das férias. O pai, o correspondente, o portador, despedia-se, depois de banais cumprimentos, ou palavras a respeito do estudante, amenizadas pela bonomia<sup>3</sup> superior de Aristarco, que punha habilmente um sujeito fora de portas com o riso fanhoso e o simples modo de segurar-lhe os dedos.

A cadeira girava de novo à posição primitiva, o livro da escrituração mostrava outra vez as páginas enormes e a figura paternal do educador desmanchava-se, voltando a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente. A este vaivém de atitudes estava tão habituado o nosso diretor que nenhum esforço lhe custava a manobra. Soldavam-se nele o

educador e o empresário com uma perfeição rigorosa, dois lados da mesma medalha: opostos, mas justapostos.

Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística: o número dos estudantes novos não compensando o número dos perdidos, as novas entradas não contrabalançando as despesas do fim do ano. Mas a sombra do despeito apagou-se logo e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmago de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado. (Raul Pompéia, *O Ateneu*. Texto editado)

Sobre a obra de Raul Pompéia, Mário de Andrade escreveu: *O Ateneu* é uma caricatura sarcástica [...] da vida psicológica dos internatos. Digo caricatura no sentido de se tratar de uma obra em que os traços estão voluntariamente exagerados numa intenção punitiva.

Pela leitura do trecho do romance, pode-se considerar como caricatural e sarcástico:

- o modo pelo qual Aristarco é descrito pelo narrador, oferecendo de maneira episcopal a mão peluda ao beijo contrito e filial dos alunos;
- o modo pelo qual o narrador observa que Aristarco consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferindo as anotações feitas em um grande livro que se abria em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas;
- o fato de o narrador ter associado os movimentos da cadeira giratória ocupada por Aristarco às mudanças de atitude deste, a cadeira funcionando como metáfora da personalidade do diretor.

Está correto o que se afirma em

- II, apenas.
- I e II, apenas.
- I e III, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II e III.

163) (ITA-2000) Sobre *O Ateneu*, de Raul Pompéia, **NÃO** se pode afirmar que:

- o colégio Ateneu reflete o modelo educacional da época, bem como os valores da sociedade da época.
- o romance é narrado num tom intimista, em terceira pessoa.
- a narrativa expressa um tom de ironia e ressentimento.
- as pessoas são descritas, muitas vezes, de forma caricatural.

e) são comuns comparações entre pessoas e animais.

164) (UFMG-1998) Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre o narrador do romance O Ateneu, exceto:

- a) O narrador entremeia à narrativa dos acontecimentos da vida escolar as suas opiniões.
- b) O narrador dá mais ênfase aos fatos sociais do que aos da sua experiência pessoal.
- c) O narrador estrutura o enredo, revelando a existência de etapas no processo de formação de sua personalidade.
- d) O narrador apresenta as relações entre os personagens de modo a desnudar alguns aspectos ocultos dessas relações.

165) (UFMG-1998) No romance O Ateneu, de Raul Pompéia, o personagem Aristarco, que apresenta um "vaivém de atitudes", é visto como portador de uma "individualidade dupla". Todas as alternativas contêm trechos do romance em que Aristarco passa de uma atitude a outra, exceto:

- a) Quando meu pai entrou comigo havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. (...) Mas a sombra de despeito apagou-se logo, como o resto de túnica que apenas tarda a sumir se numa mutação à vista; e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.
- b) Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados. A cada entrada, o diretor lentamente fechava o livro comercial, (...) oferecendo episcopalmente a mão peluda ao beijo contrito e filial dos meninos.
- c) (...) viam-no (Aristarco) formidável, com o perfil leonino rugir (...) sobre outro (aluno) que tinha limo nos joelhos de haver lutado em lugar úmido, gastando tal veemência no ralhó, que chegava a ser carinhoso.
- d) A cadeira girava de novo à posição primitiva; o livro da escrituração espalmava outra vez as páginas enormes; e a figura paternal do educador desmanchava-se volvendo a simplificar se na espreiteza atenta e seca do gerente.

166) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"... não cantava tão bem como ele.". Observe que o verbo CANTAR está subentendido na segunda oração, pois que já aparece na primeira. Fenômeno a que a Língua chama de:

- a) zeugma
- b) anacoluto
- c) hipérbole
- d) polissíndeto
- e) antítese

167) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

Numa descrição, os verbos estão, em sua maioria no:

- a) presente do indicativo
- b) futuro do indicativo
- c) pretérito mais que perfeito do indicativo
- d) pretérito perfeito do indicativo
- e) pretérito imperfeito do indicativo

168) (UFRJ-2005) COPLAS<sup>1</sup>

I  
O GERENTE - Este hotel está na berra<sup>2</sup>!  
Coisa é muito natural!  
Jamais houve nesta terra  
Um hotel assim mais tal!  
Toda a gente, meus senhores,  
Toda a gente ao vê-lo diz:  
Que os não há superiores  
Na cidade de Paris!

Que belo hotel excepcional  
 O Grande Hotel da Capital  
 Federal!  
 CORO - Que belo hotel excepcional, etc....  
 II  
 O GERENTE - Nesta casa não é raro  
 Protestar algum freguês:  
 Acha bom, mas acha caro  
 Quando chega o fim do mês.  
 Por ser bom precisamente,  
 Se o freguês é do bom-tom  
 Vai dizendo a toda a gente  
 Que isto é caro mas é bom.  
 Que belo hotel excepcional!  
 O Grande Hotel da Capital  
 Federal!  
 CORO - Que belo hotel excepcional, etc....

O GERENTE (Aos criados) - Vamos! Vamos! Aviem-se!  
 Tomem as malas e encaminhem estes senhores!  
 Mexam-se! Mexam-se!... (Vozerio. Os hóspedes pedem quarto, banhos, etc... Os criados respondem. Tomam as malas, saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.)

#### CENA II

O GERENTE, *depois*, FIGUEIREDO  
 O GERENTE (Só.) - Não há mãos a medir! Pudera! Se nunca houve no Rio de Janeiro um Hotel assim! Serviço elétrico de primeira ordem! Cozinha esplêndida, música de câmara durante as refeições da mesa redonda! Um relógio pneumático em cada aposento! Banhos frios e quentes, duchas, sala de natação, ginástica e massagem! Grande salão com um plafond<sup>3</sup> pintado pelos nossos primeiros artistas! Enfim, uma verdadeira novidade! - Antes de nos estabelecermos aqui, era uma vergonha! Havia hotéis em S. Paulo superiores aos melhores do Rio de Janeiro! Mas em boa hora foi organizada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado! E o caso é que a empresa está dando ótimos dividendos e as ações andam por empenhos! (Figueiredo aparece no topo da escada e começa a descer.) Ali vem o Figueiredo. Aquele é o verdadeiro tipo do carioca: nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.  
 (AZEVEDO, Arthur. A Capital federal. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.)  
 1 espécie de estrofe  
 2 estar na moda  
 3 teto

O texto I faz parte de uma peça de teatro, forma de expressão que se destacou na captação das imagens de um Rio de Janeiro que se modernizava no início do século XX.  
 a) Aponte o gênero de composição em que se enquadra esse texto e um aspecto característico desse gênero.  
 b) A fala do gerente revela atitudes distintas, quando se dirige aos criados e quando está só.  
 Identifique o modo verbal e a função da linguagem predominantes na fala dirigida aos criados.

169) (UFRJ-2005) COPLAS<sup>1</sup>

I  
 O GERENTE - Este hotel está na berra<sup>2</sup>!  
 Coisa é muito natural!  
 Jamais houve nesta terra  
 Um hotel assim mais tal!  
 Toda a gente, meus senhores,  
 Toda a gente ao vê-lo diz:  
 Que os não há superiores  
 Na cidade de Paris!  
 Que belo hotel excepcional  
 O Grande Hotel da Capital  
 Federal!  
 CORO - Que belo hotel excepcional, etc....  
 II  
 O GERENTE - Nesta casa não é raro  
 Protestar algum freguês:  
 Acha bom, mas acha caro  
 Quando chega o fim do mês.  
 Por ser bom precisamente,  
 Se o freguês é do bom-tom  
 Vai dizendo a toda a gente  
 Que isto é caro mas é bom.  
 Que belo hotel excepcional!  
 O Grande Hotel da Capital  
 Federal!  
 CORO - Que belo hotel excepcional, etc....

O GERENTE (Aos criados) - Vamos! Vamos! Aviem-se!  
 Tomem as malas e encaminhem estes senhores!  
 Mexam-se! Mexam-se!... (Vozerio. Os hóspedes pedem quarto, banhos, etc... Os criados respondem. Tomam as malas, saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.)

#### CENA II

O GERENTE, *depois*, FIGUEIREDO  
 O GERENTE (Só.) - Não há mãos a medir! Pudera! Se nunca houve no Rio de Janeiro um Hotel assim! Serviço elétrico de primeira ordem! Cozinha esplêndida, música de câmara durante as refeições da mesa redonda! Um relógio pneumático em cada aposento! Banhos frios e quentes, duchas, sala de natação, ginástica e massagem! Grande salão com um plafond<sup>3</sup> pintado pelos nossos primeiros artistas! Enfim, uma verdadeira novidade! - Antes de nos estabelecermos aqui, era uma vergonha! Havia hotéis em S. Paulo superiores aos melhores do Rio de Janeiro! Mas em boa hora foi organizada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado! E o caso é que a empresa está dando ótimos dividendos e as ações andam por empenhos! (Figueiredo aparece no topo da escada e começa a descer.) Ali vem o Figueiredo. Aquele é o verdadeiro tipo do carioca: nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.  
 (AZEVEDO, Arthur. A Capital federal. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.)  
 1 espécie de estrofe  
 2 estar na moda  
 3 teto

A Capital federal, peça escrita por Arthur Azevedo e encenada com sucesso até hoje, retrata o Rio de Janeiro no fim do século XIX.

a) O texto demonstra como já circulavam amplamente no Rio de Janeiro comparações com modelos estrangeiros de modernidade.

Transcreva dois versos que confirmem esta afirmativa.

b) Transcreva do texto duas frases completas em que o progresso técnico e o conforto são apresentados como qualidades simultâneas do Grande Hotel.

170) (UFSC-2005) Com base na leitura de *A roda do mundo* e de *Minha formação*, é **INCORRETO** afirmar que

a) ambas as obras se caracterizam como autobiográficas.

b) *Minha formação* se localiza no gênero memorialístico.

c) os autores, em *A roda do mundo*, apresentam versos africanos tradicionais.

d) os autores, nas duas obras, se apropriam de termos de outras culturas.

171) (UFMG-2005) Com base na leitura de “*Massangana*”, capítulo da obra *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, é

**INCORRETO** afirmar que a infância do autor foi

a) caracterizada por vários sentimentos religiosos.

b) desvinculada dos rumos de sua luta política.

c) marcada por cenas da vida pessoal dos escravos.

d) vivida num engenho de açúcar em Pernambuco.

172) (Unicamp-2002) Nos romances naturalistas, a descrição dos espaços onde transcorre a ação é sempre decisiva. Em *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, o escravo fugido Amaro tem sua existência dividida entre dois domínios espaciais, um do mar, outro da terra. Leia os trechos abaixo:

O convés, tanto na coberta como na tolda, apresentava o aspecto de um acampamento nômade. A marinagem, entorpecida pelo trabalho, caíra numa sonolência profunda, espalhada por ali ao relento, numa desordem geral de ciganos que não escolhem terreno para repousar. Pouco lhe importavam o chão úmido, as correntes de ar, as constipações, o beribéri. Embaixo era maior o atravancamento. Macas de lona suspensas em varais de ferro, umas sobre outras, encardidas como panos de cozinha, oscilavam à luz moribunda e macilenta das lanternas. Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se os corpos seminus, indistintos. Respiravam um odor nauseabundo de cárcere, um cheiro acre de suor humano diluído em urina e alcatrão. Negros, de boca aberta, roncavam profundamente, contorcendo-se na inconsciência do sono. Viam-se torsos nus abraçando o convés, aspectos indecorosos que a luz evidenciava cruelmente.

O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão roído pelo cupim e tresandando a ácido fênico. Nele morrera de febre amarela um português recém-chegado. Mas o Bom-Crioulo, conquanto receasse as febres de mau caráter, não se importou com isso, tratando de esquecer o caso e instalando-se definitivamente. Todo dinheiro que apanhava era para compra de móveis e objetos de fantasia rococó, “figuras”, enfeites, coisas sem valor, muitas vezes trazidas de bordo [...]. Pouco a pouco, o pequeno “cômodo” foi adquirindo uma feição nova de bazar hebreu, enchendo-se de bugiangas, amontoando-se de caixas vazias, búzios grosseiros e outros acessórios ornamentais. O leito era uma “cama de vento” já muito usada, sobre a qual Bom-Crioulo tinha o zelo de estender, pela manhã, quando se levantava, um grosso cobertor encarnado “para ocultar as nódoas”.

a) Identifique, nos textos acima, características dos ambientes descritos, determinantes do caráter de Amaro.

b) Como os dois espaços se relacionam especificamente com a tragédia pessoal de Amaro, o Bom Crioulo?

173) (Mack-2004) — A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos. E o que vou a dizer não é para lisonjear a vossas senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como vossas senhorias, Portugal há de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem! — Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida — disseram com força os dois sacerdotes.

— Se não, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos.

Eça de Queirós, *O crime do Padre Amaro*

Obs.: derreados — cansados, desanimados

clorótica — desbotada

pileca — cavalo sem valor

Assinale a afirmativa correta.

a) A descrição minuciosa do Largo do Loreto, feita pelo conde, é argumento para comprovar sua tese sobre a prosperidade de Portugal.

b) O conde, os sacerdotes e o narrador, apesar de pertencerem a classes sociais distintas, adotam o mesmo ponto de vista com relação ao progresso da cidade.

c) Ao descrever o Largo do Loreto, o narrador evita apresentar juízos de valor, adotando, assim, perspectiva imparcial.

- d) A descrição do Largo do Loreto feita pelo narrador é, no contexto, estratégia para ridicularizar as idéias do conde e dos sacerdotes.
- e) O conde e os sacerdotes valorizam as virtudes da nação; o narrador, por sua vez, descreve apenas o comportamento indolente da classe operária.

174) (PUC - MG-2007) Em todas as passagens, extraídas de *José Matias*, identificou-se adequadamente o sentido da expressão em destaque, **EXCETO**:

- a) "... um rapaz **airoso**, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina." (GRACIOSO)
- b) "... numa tarde agreste de Janeiro, metido num portal da Rua de S. Bento, tiritava dentro de uma **quinzena** cor de mel, roída nos cotovelos..." (JAQUETÃO)
- c) "O **ditoso** moço que ela adorava era com efeito casado... Casado em Beja com uma espanhola..." (FALANTE)
- d) "Eu tenho uma **tipóia**, de praça e com número, como convém a um Professor de Filosofia..." (CARRUAGEM)

175) (PUC - MG-2007) A literatura de Eça de Queirós ocupa-se freqüentemente de contrapor as características do Realismo às da literatura romântica.

Em *José Matias*, essa contraoposição só **NÃO** se demonstra:

- a) pelo contraste entre a descrição idealizada da personagem Elisa e suas ações no enredo do conto.
- b) pela oposição que marca as visões de mundo do narrador e do personagem principal, este idealista, aquele racionalista.
- c) pela posição que assumem na trama, em relação a Elisa, o apontador de obras públicas e José Matias.
- d) pela referência, predominante no conto, a outras obras do próprio autor representantes do Realismo literário português.

176) (PUC - MG-2007) Assinale a alternativa que expressa adequadamente tanto o ponto de vista narrativo quanto o enredo do conto *José Matias*, de Eça de Queirós.

- a) Um professor de filosofia narra a um amigo, enquanto ambos acompanham o enterro de José Matias, a trajetória deste homem que, fiel a um amor de natureza espiritual por uma mulher, recusa todas as oportunidades de concretizar sua paixão por ela.
- b) Alves Capão narra a um professor de filosofia, enquanto ambos acompanham o enterro do amigo José Matias, a incrível história de Elisa, objeto do desejo de inúmeros homens.
- c) Uma mulher, após ficar viúva por duas vezes consecutivas, passa a manter um amante, ao mesmo tempo em que alimenta por si a paixão platônica de José Matias, com quem tinha querido se casar.

- d) Um professor de filosofia narra a um amigo o enterro de José Matias, sujeito romântico que viveu para amar a irresistível Elisa.

177) (IBMEC - SP-2007) Luísa, ao voltar para casa, veio a refletir naquela cena. Não - pensava -, já não era a primeira vez que ele mostrava um desprendimento muito seco por ela, pela sua reputação, pela sua saúde! Queria-a ali todos os dias, egoistamente. Que as más línguas falassem; que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para quê?... Porque enfim, saltava aos olhos, ele amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trêmulas como as de um velho!... Já se não arremessava para ela, mal ela aparecia à porta, como sobre uma presa estremeçada!... Já não havia aquelas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e física, quando ela ficava numa lassitude doce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nus! - Agora! Trocado o último beijo, acendia o charuto, como num restaurante ao fim do jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatório dar uma penteadela no cabelo com um pentezinho de algibeira. (O que ela odiava o pentezinho!) Às vezes até olhava o relógio!... E enquanto ela se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudá-la, pôr-lhe o colarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta dela, despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus ombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros - ou sentado, com um ar macambúzio, bamboleava a perna!

E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, falando no "espírito de madame de tal", nas "toilettes da condessa de tal"! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir... Imediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!... E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto! Enfim, um dia que o viu mais distraído, mais frio, explicou-se abertamente com ele. Direita, sentada no canapé de palhinha, falou com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado; que era portanto humilhante para ela verem-se nessas condições, e que julgava mais digno acabarem... Basílio olhava-a, surpreendido da sua solenidade; sentia um estudo, uma afetação naquelas frases; disse muito tranqüilamente, sorrindo: - Trazias isso decorado!

Luísa ergueu-se bruscamente; encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos lábios.

- Tu estás doida, Luísa?

- Estou farta. Faço todos os sacrifícios por ti; venho aqui todos os dias; comprometo-me, e para quê? Para te ver muito indiferente, muito secado...

- Mas meu amor...

Ela teve um sorriso de escárnio.

- Meu amor! Oh! São ridículos esses fingimentos!

Basílio impacientou-se.

- Já isso cá me faltava, essa cena! - exclamou

impetuosamente. E cruzando os braços diante dela: - Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em São Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas não tem gestos de tenor, aqui del rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?

- São tolices que tu fazias...

- Ao princípio! - respondeu ele brutalmente. - Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.

E havia apenas cinco semanas!

- Adeus! - disse Luísa.

(Eça de Queirós, O primo Basílio)

Todas as seguintes afirmativas podem ser confirmadas pela leitura do texto, EXCETO

a) No fragmento, Luísa demonstra estar decepcionada com as atitudes frias e grosseiras de Basílio, por isso revela sua intenção de pôr fim à relação extraconjugal.

b) Em "... venho aqui todos os dias; comprometo-me, e para quê?", Luísa emprega uma pergunta retórica para deixar claro que esperava do amante um comportamento mais romântico.

c) Habilidade, Basílio conhece as fraquezas da amante e, teatralmente, joga-se ao chão de joelhos, fazendo-lhe juras de amor, embora julgasse que tal atitude fosse uma tolice.

d) Em "Meu amor! Oh são ridículos esses fingimentos", Luísa explicita que está consciente da indiferença do amante, apesar de ele negar isso.

e) Na passagem "Trazias isso decorado!", Basílio percebe que a fala de Luísa era artificial e ironiza a solenidade do desabafo.

178) (PUC - SP-2007) O romance *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, publicado em 1901, é desenvolvimento de um conto chamado "Civilização". Do romance como um todo pode afirmar-se que

a) apresenta um narrador que se recorda de uma viagem que fizera havia algum tempo ao Oriente Médio, à Terra Santa, de onde deveria trazer uma relíquia para uma tia velha, beata e rica.

b) caracteriza uma narrativa em que se analisam os mecanismos do casamento e o comportamento da pequena burguesia da cidade de Lisboa.

c) apresenta uma personagem que detesta inicialmente a vida do campo, aderindo ao desenvolvimento tecnológico da cidade, mas que ao final regressa à vida campesina e a

transforma com a aplicação de seus conhecimentos técnicos e científicos.

d) revela narrativa cujo enredo envolve a vida devota da província e o celibato clerical e caracteriza a situação de decadência e alienação de Leiria, tomando-a como espelho da marginalização de todo o país com relação ao contexto europeu.

e) se desenvolve em duas linhas de ação: uma marcada por amores incestuosos; outra voltada para a análise da vida da alta burguesia lisboeta.

179) (FUVEST-2007) Já a tarde caía quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adorável paz do céu, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as coisas com um liso e leve afago, penetrava tão profundamente Jacinto, que eu o senti, no silêncio em que caíramos, suspirar de puro alívio. Depois, muito gravemente:

- Tu dizes que na Natureza não há pensamento...

- Outra vez! Olha que maçada! Eu...

- Mas é por estar nela suprimido o pensamento que lhe está poupado o sofrimento! Nós, desgraçados, não podemos suprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que ele se estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realizam, aspirando a certezas que nunca se atingem!... E é o que aconselham estas colinas e estas árvores à nossa alma, que vela e se agita - que viva na paz de um sonho vago e nada apeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o mundo rolar, não esperando dele senão um rumor de harmonia, que a embale e lhe favoreça o dormir dentro da mão de Deus. Hem, não te parece, Zé Fernandes?

- Talvez. Mas é necessário então viver num mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o desprante de certos Jacintos...

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*.

Entre os seguintes fragmentos do excerto, aquele que, tomado isoladamente, mais se coaduna com as idéias expressas na poesia de Alberto Caetano é o que está em

a) "toda essa adorável paz do céu, realmente celestial".

b) "cada folhinha conservava uma quietação contemplativa".

c) "na Natureza não há pensamento".

d) "dormir dentro da mão de Deus".

e) "é necessário então viver num mosteiro".

180) (FUVEST-2007) Já a tarde caía quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adorável paz do céu, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as coisas com um liso e leve afago, penetrava tão profundamente Jacinto, que eu o senti, no silêncio em que caíramos, suspirar de puro alívio. Depois, muito gravemente:

- Tu dizes que na Natureza não há pensamento...

- Outra vez! Olha que maçada! Eu...  
 - Mas é por estar nela suprimido o pensamento que lhe está poupado o sofrimento! Nós, desgraçados, não podemos suprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que ele se estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realizam, aspirando a certezas que nunca se atingem!... E é o que aconselham estas colinas e estas árvores à nossa alma, que vela e se agita - que viva na paz de um sonho vago e nada apeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o mundo rolar, não esperando dele senão um rumor de harmonia, que a embale e lhe favoreça o dormir dentro da mão de Deus. Hem, não te parece, Zé Fernandes?  
 - Talvez. Mas é necessário então viver num mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o desplante de certos Jacintos...  
*Eça de Queirós, A cidade e as serras.*

Considerado no contexto de **A cidade e as serras**, o diálogo presente no excerto revela que, nesse romance de Eça de Queirós, o elogio da natureza e da vida rural  
 a) indica que o escritor, em sua última fase, abandonara o Realismo em favor do Naturalismo, privilegiando, de certo modo, a observação da natureza em detrimento da crítica social.  
 b) demonstra que a consciência ecológica do escritor já era desenvolvida o bastante para fazê-lo rejeitar, ao longo de toda a narrativa, as intervenções humanas no meio natural.  
 c) guarda aspectos conservadores, predominantemente voltados para a estabilidade social, embora o escritor mantenha, em certa medida, a prática da ironia que o caracteriza.  
 d) serve de pretexto para que o escritor critique, sob certos aspectos, os efeitos da revolução industrial e da urbanização acelerada que se haviam processado em Portugal nos primeiros anos do Século XIX.  
 e) veicula uma sátira radical da religião, embora o escritor simule conservar, até certo ponto, a veneração pela Igreja Católica que manifestara em seus primeiros romances.

**181) (FMTM-2005)** O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.  
*(Eça de Queirós, O crime do padre Amaro)*

No trecho selecionado, estão presentes importantes características da literatura de Eça de Queirós. Essas características são:  
 a) o idealismo, a linguagem coloquial e o tom sarcástico.  
 b) o psicologismo, a linguagem prolixa e o tom retórico.  
 c) o criticismo, a linguagem concisa e o tom reflexivo.  
 d) o elitismo, a linguagem rebuscada e o tom aristocrático.  
 e) o anticlericalismo, a linguagem mordaz e o tom descritivo.

**182) (FMTM-2005)** O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.  
*(Eça de Queirós, O crime do padre Amaro)*

Ao apresentar o cônego Dias, o narrador o faz de forma irônica e sarcástica. No texto, isso pode ser verificado:  
 I. pelo uso sistemático de adjetivos que, pelo contexto, assumem conotação pejorativa;  
 II. pela caracterização psicológica do personagem;  
 III. pelo uso da palavra *beijo* (para designar *lábio*).  
 Está correto o contido apenas em  
 a) II.  
 b) III.  
 c) I e II.  
 d) I e III.  
 e) II e III.

**183) (FGV-2005)** Jorge envolvia-a em delicadezas de amante, ajoelhava-se aos seus pés, era muito dengueiro. E sempre de bom humor, com muita graça; mas nas coisas da sua profissão ou do seu brio, tinha severidades exageradas, e punha então nas palavras, nos modos uma solenidade carrancuda. Uma amiga dela romanesca, que via em tudo dramas, tinha-lhe dito: é homem para te dar uma punhalada. Ela, que não conhecia ainda o temperamento plácido de Jorge, acreditou, e isso mesmo criou uma exaltação no seu amor por ele.  
*Eça de Queirós. O primo Basílio.*  
 No fragmento, Luísa reconhece certas características de Jorge que se confirmam no curso do romance, EXCETO UMA, que é:  
 a) A extrema violência.  
 b) A delicadeza no trato.  
 c) O bom humor.  
 d) O rigor profissional.  
 e) O temperamento tranqüilo.

**184) (Mack-2004)** - A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos. E o que vou a dizer não é para lisonjear a vossas senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como vossas senhorias, Portugal há de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem!  
 - Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida - disseram com força os dois sacerdotes.  
 - Se não, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!  
 E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem;

um carro de bois, aos solavancos sobre suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos.

Eça de Queirós, O crime do Padre Amaro

Obs.: derreados - cansados, desanimados

clorótica - desbotada

pileca - cavalo sem valor

Assinale a afirmativa correta sobre Eça de Queirós.

- Fiel aos pressupostos da escola naturalista, adotou postura doutrinária ao dissertar sobre a degeneração do clero, resultante do acelerado progresso industrial das cidades portuguesas.
- Lançou um olhar crítico sobre a sociedade de seu tempo, procurando analisar e registrar, através do romance realista, as contradições de um mundo em transformação.
- Em pleno apogeu do capitalismo, defendeu a tese de que os princípios religiosos eram a única forma de salvaguardar a sociedade de valores excessivamente materialistas.
- Nacionalista convicto, acreditava que a literatura romântica era instrumento legítimo e eficaz para enaltecer e preservar os valores da tradição portuguesa.
- Serviu-se da ficção para tecer comentários irônicos às classes baixas, responsáveis, segundo ele, pelo marasmo em que se encontrava Portugal no século XIX.

185) (Mack-2005) 1. Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha

- cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre
- como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das
- carícias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua
- casa um encanto sério. (...)
- Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele
- próprio melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre ... E
- recordando aquela existência fácil e doce, soprava o fumo do charuto,
- a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como
- no seu jaquetão de flanela!

*Eça de Queirós, O*

**primo Basílio**

No texto encontra-se

- um narrador de 3ª- pessoa que, do ponto de vista da figura feminina, narra as aventuras de um casal apaixonado.
- um narrador-personagem, identificado como o marido de Luísa, que enaltece os prazeres do amor.
- um narrador-personagem que descreve a mulher como uma dona de casa cuidadosa e inteligente, atributos incomuns na época.
- um narrador de 1ª- pessoa que se utiliza do discurso direto para dar voz ao marido de Luísa.
- um narrador onisciente que, por meio do discurso indireto livre, desvenda os pensamentos do marido de Luísa.

186) (Unicamp-2000) Em A Relíquia de Eça de Queirós, várias são as mulheres com quem Teodorico Raposo, o herói e narrador, se vê envolvido. Dentre elas, podemos citar Mary, Adélia, Titi, Jesuína, Cíbele.

- uma dessas personagens é importantíssima para a trama do romance, já que acompanha o narrador desde a infância, e deve-se a ela a origem de todos os seus infortúnios posteriores. Quem é e o que fez ela para que o plano de Raposo não desse certo?
- a qual delas Raposo se refere como “Tinha trinta e dois anos e era zarolha”? Que relações tem essa personagem com Crispim, a quem o narrador denomina como “a firma”?

187) (Unifesp-2003) Eça de Queirós fez parte da chamada geração de 1870, que lutou ferrenhamente contra a ordem social lisboeta, passional e romântica, liderada, politicamente, pela monarquia, pela burguesia e pelo clero. Além dele, foram figuras importantes dessa geração

- Camilo Castelo Branco, Antônio Feliciano de Castilho e Oliveira Martins.
- Antero de Quental, Oliveira Martins e Teófilo Braga.
- Júlio Dinis, Alexandre Herculano e Antero de Quental.
- Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga.
- Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Júlio Dinis.

188) (Unicamp-2002) Sobre O Crime do Padre Amaro, romance de Eça de Queirós, o poeta Antero de Quental, em carta dirigida ao autor, afirmou: “A longanimidade, a indiferença inteligente com que V. descreve aquela pobre gente e os seus casos, encantou-me. Com efeito, aquela gente não merece ódio nem desprezo. Aquilo, no fundo, é uma pobre gente, uma boa gente, vítimas da confusão moral do meio de que nasceram, fazendo o mal inocentemente, em parte porque não entendem mais nem melhor, em parte porque os arrasta a paixão, o instinto, como pobres seres espontâneos, sem a menor transcendência.”

- Aceitando-se essas considerações de Antero de Quental, em qual ato específico residiria o verdadeiro “crime” do Padre Amaro?
- Eça trata com sarcasmo as libertinagens, tanto do clero como de algumas figuras da sociedade portuguesa da província. Se, como disse Antero de Quental, são todos vítimas da confusão moral do meio, arrastados pela paixão e pelo instinto, como se pode justificar o sarcasmo por parte do escritor?
- Contrabalançando essa espécie de degradação moral em que suas personagens estão mergulhadas, nos capítulos finais de O Crime do Padre Amaro salientam-se as figuras de um sacerdote e de um médico, que justificam uma visão mais positiva do mundo. Quem são eles?

189) (Unicamp-2003) a) Em O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós, a partir de um certo momento da trama, Amaro e Amélia passam a ver-se numa casa estrategicamente bem situada para seus encontros

amorosos. Quem são os habitantes dessa casa? Qual desses habitantes teria provocado em Amélia o início de seus conflitos morais?

b) No final de *O Crime do Padre Amaro*, o Cônego Dias e Amaro reencontram-se em Lisboa, juntando-se a eles o Conde de Ribamar. Ao referir-se ao ambiente daquela cidade (e, conseqüentemente, de Portugal) naquele momento, o conde diz: “- Que paz, que animação, que prosperidade!”. A essa observação o narrador acrescenta uma descrição das ruas modorrentas de Lisboa, que pode ser resumida no seguinte trecho: “... pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos”. A contraposição das duas passagens citadas produz um efeito irônico. Explique-o.

190) (Fuvest-2003) “Eu condenara a arte pela arte, o romantismo, a arte sensual e idealista - e apresentara a idéia de uma restauração literária, pela arte moral, pelo Realismo, pela arte experimental e racional”. (Eça de Queirós)

Neste texto, Eça de Queirós explicita os princípios estéticos que iria pôr em prática no romance **O primo Basílio** e em outras de suas obras, opondo nitidamente os elementos que ele condena aos elementos que ele aprova.

- a) Em **O primo Basílio**, qual a principal manifestação dessa condenação do “romantismo” e “da arte sensual e idealista”? Explique sucintamente.  
 b) Nesse mesmo romance, como se realiza o projeto de praticar uma “arte experimental e racional”?

191) (PUC-SP-2003) Das alternativas abaixo, indique a que NÃO condiz com o romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós.

- a) É uma obra realista-naturalista e nela o narrador aparece como um observador imparcial que vê os acontecimentos com neutralidade.  
 b) Apresenta como tema central o adultério e o autor explora o erotismo ao detalhar a relação entre os amantes.  
 c) Mostra-se como uma lente de aumento sobre a intimidade das famílias e revela criticamente a pequena burguesia do final do século XIX em Lisboa.  
 d) Ataca as instituições sociais como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado, sempre com a preocupação de fazer um vasto inquérito da sociedade portuguesa e moralizar os costumes da época.  
 e) Caracteriza-se por ironia fina, caricaturismo e humor na composição das personagens, entre as quais se destaca o Conselheiro Acácio.

192) (Unicamp-1995) Leia atentamente o seguinte trecho, extraído de *O PRIMO BASÍLIO*, de Eça de Queirós: *Nessa semana, uma manhã, Jorge, que não se recordava que era dia de gala, encontrou a secretária fechada e voltou para casa ao meio-dia. (...) chegando despercebido ao quarto, surpreendeu Juliana comodamente deitada na chaise-longue\*, lendo tranqüilamente o jornal (...) Jorge não encontrou Luísa na sala de jantar; foi dar com ela no*

*quarto dos engomados, despenteada, em roupão de manhã, passando roupa, muito aplicada e muito desconsolada.*

- *Tu estás a engomar?* - exclamou.

(...) *A sua voz era tão áspera, que Luísa fez-se pálida, e murmurou:*

- *Que queres tu dizer?*

- *Quero dizer que te venho encontrar a ti a engomar, e que a encontrei a ela lá embaixo muito repimpada na tua cadeira, a ler o jornal.*

\* *chaise-longue: cadeira de encosto reclinável e com lugar para estender as pernas.*

a) No trecho citado são mencionadas três personagens: Jorge, Juliana e Luísa. Que relação há entre elas?

b) Considerando o trecho citado acima e a resposta dada ao item a, explique por que Jorge considera inadequado o comportamento das duas mulheres.

c) Analise a trajetória de Luísa e Juliana no romance, de modo a explicar a situação em que se encontram no trecho citado.

193) (Unicamp-1998) Em *A Relíquia*, de Eça de Queirós, encontramos a seguinte resposta de Lino, comprador habitual das relíquias de Raposo: “Está o mercado abarrotado, já não há maneira de vender nem um cueirinho do Menino Jesus, uma relíquia que se vendia tão bem! O seu negócio com as ferraduras é perfeitamente indecente... Perfeitamente indecente! É o que me dizia noutra dia um capelão, primo meu: “São ferraduras demais para um país tão pequeno!...” Catorze ferraduras, senhor! É abusar! Sabe vossa Senhoria quantos pregos, dos que pregaram Cristo na Cruz, Vossa Senhoria tem impingido, todos com documentos? Setenta e cinco, Senhor!... Não lhe digo mais nada... Setenta e cinco!”

a) Relate o episódio que faz com que Lino dê essa resposta a Raposo.

b) Sabendo que o autor usa da ironia para suas críticas, dê os sentidos, literal e irônico, que pode tomar dentro da narrativa a frase: “São ferraduras demais para um país tão pequeno!...”

194) (Unicamp-1999) O trecho que segue relata um diálogo entre o narrador-personagem de *A Relíquia* e o Doutor Margaride, e contém referências básicas para o desenvolvimento do romance:

Eu arrisquei outra palavra tímida.

- A titi, é verdade, tem-me amizade...

- A titi tem-lhe amizade - atalhou com a boca cheia o magistrado - e você é o seu único parente... Mas a questão é outra, Teodorico. É que você tem um rival.

- Rebento-o! - gritei eu, irresistivelmente, com os olhos em chamas, esmurrando o mármore da mesa.

O moço triste, lá ao fundo, ergueu a face de cima do seu capilé. E o Dr. Margaride reprovou com severidade a minha violência.

- Essa expressão é imprópria de um cavalheiro, e de um moço comedido. Em geral não se rebenta ninguém... E além disso o seu rival não é outro, Teodorico, senão Jesus Cristo!

Nosso Senhor Jesus Cristo? E só compreendi quando o esclarecido juriconsulto, já mais calmo, me revelou que a titi, ainda no último ano da minha formatura, tencionava deixar a sua fortuna, terras e prédios, a irmandades da sua simpatia e a padres da sua devoção.

- a) Localize no trecho ao menos uma dessas referências e explique qual a sua relevância para a trama central.  
b) O trecho fala da importância da figura de Jesus Cristo para a personagem denominada "titi". Descreva essa personagem, segundo o prisma do próprio narrador, Teodorico Raposo, e tente demonstrar como o mesmo trata sarcasticamente o seu "rival" de herança.

### 195) (Vunesp-1999) AMOR DE PERDIÇÃO

E Simão Botelho, fugindo à claridade da luz e ao voejar das aves, meditando, chorava e escrevia assim as suas meditações:

"O pão do trabalho de cada dia, e o teu seio para repousar uma hora a face, pura de manchas: não pedi mais ao céu.

Achei-me homem aos dezesseis anos. Vi a virtude à luz do teu amor. Cuidei que era santa a paixão que absorvia todas as outras, ou as depurava com o seu fogo sagrado.

Nunca os meus pensamentos foram denegridos por um desejo que eu não possa confessar alto diante de todo o mundo. Dize tu, Teresa, se os meus lábios profanaram a pureza de teus ouvidos. Pergunta a Deus quando quis eu fazer do meu amor o teu opróbrio.

Nunca, Teresa! Nunca, ó mundo que me condenas!

Se teu pai quisesse que eu me arrastasse a seus pés para te merecer, beijar-lhos-ia. Se tu me mandasses morrer para te não privar de ser feliz com outro homem, morreria, Teresa!"

in: CASTELO BRANCO, Camilo. Amor de Perdição - A Brasileira de Prazins. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, p. 151.

### OS MAIAS

Mas Carlos vinha de lá enervado, amolecido, sentindo já na alma os primeiros bocejos da saciedade. Havia três semanas apenas que aqueles braços perfumados de verbena se tinham atirado ao seu pescoço - e agora, pelo passeio de São Pedro de Alcântara, sob o ligeiro chuvisco que batia as folhagens da alameda, ele ia pensando como se poderia desembaraçar da sua tenacidade, do seu ardor, do seu peso... É que a condessa ia-se tornando absurda com aquela determinação ansiosa e audaz de invadir toda a sua vida, tomar nela o lugar mais largo e mais profundo - como se o primeiro beijo trocado tivesse unido não só os lábios de ambos um momento, mas os seus destinos também e para sempre. Nessa tarde lá tinham voltado as palavras que ela balbuciava, caída sobre o seu peito, com os olhos afogados numa ternura suplicante: Se tu quisesse! que felizes que seríamos! que vida adorável! ambos sós!... E isto era claro -

a condessa concebera a idéia extravagante de fugir com ele, ir viver num sonho eterno de amor lírico, nalgum canto do mundo, o mais longe possível da Rua de São Marçal!

Se tu quisesse! Não, com mil demônios, não queria fugir com a sra. condessa de Gouvarinho!...

in: QUEIRÓS, Eça de. Obras. Porto: Lello & Irmão - Editores, [s.d.], v. II, p. 210.

Nos dois textos apresentados, as personagens Simão Botelho e Carlos comentam, em situações diversas e sob pontos de vista diferentes, suas respectivas relações amorosas. Releia-os e, em seguida:

- a) indique uma característica romântica da abordagem do tema do amor no texto de Amor de Perdição;  
b) comente um aspecto do fragmento de Os Maias que, pelo seu caráter realista, contraria a abordagem romântica do tema do amor.

196) (Vunesp-1994) Jorge foi heróico durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, chegava-lhe a roupa com as mãos trêmulas; e como ela dormitava, ficava imóvel a olhá-la feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e imoral, como para lhe surpreender no rosto o vestígios de beijos alheios, esperando ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome ou uma data; e amava-a mais desde que a supunha infiel, mas dum outro amor, carnal e perverso. Depois ia-se fechar no escritório, e movia-se ali entre as paredes estreitas, como um animal numa jaula. Releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar: Como tinha sido? Onde era o Paraíso? Havia uma cama? Que vestido levava ela? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava?

Embora faça referência a três personagens, o narrador menciona nominalmente apenas Jorge e Luísa. Releia o texto e, a seguir:

- a) aponte duas palavras por meio das quais, de modo explícito ou velado, o narrador se refere ao personagem Basílio;  
b) explique o que representa, do ponto de vista de Jorge, a omissão do nome Basílio

197) (Vunesp-1994) Jorge foi heróico durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, chegava-lhe a roupa com as mãos trêmulas; e como ela dormitava, ficava imóvel a olhá-la feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e imoral, como para lhe surpreender no rosto o vestígios de beijos alheios, esperando ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome ou uma data; e amava-a mais desde que a supunha infiel, mas dum outro amor, carnal e perverso. Depois ia-se fechar no escritório, e movia-se ali

entre as paredes estreitas, como um animal numa jaula. Releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar: Como tinha sido? Onde era o Paraíso? Havia uma cama? Que vestido levava ela? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava?

No trecho apresentado, o narrador descreve as reações de Jorge, que vive num conflito íntimo entre a piego: tem de cuidar da esposa Luísa, muito doente, embora tenha sabido, pela leitura de uma carta, que ela o traía com Basílio. Nestas poucas linhas se podem perceber várias características da ficção realista. Aponte duas dessas características. (ver texto)

198) (Fuvest-1994) Ao criticar O Primo Basílio, Machado de Assis afirmou: "(...) a Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere que uma pessoa moral."

Títere é um boneco mecânico acionado por cordéis controlados por um manipulador. Nesse sentido, as personagens que, principalmente, manipulam Luísa, determinando-lhe o modo de agir, são:

- a) Basílio e Juliana.
- b) Jorge e Justina.
- c) Jorge, Conselheiro Acácio e Juliana.
- d) Basílio, Leopoldina e Conselheiro Acácio.
- e) Jorge e Leopoldina.

199) (Fuvest-1994) "Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelinhas cerradas, embalar-se, ouvindo música!(...)

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na "voltaire", quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a "Dama das Camélias". Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Nesse excerto, o narrador de "O primo Basílio" apresenta duas características da educação da personagem Luísa que serão objeto de crítica ao longo do romance.

Quais são essas características?

Explique de que modo elas contribuem para o destino da personagem.

200) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e

para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

Eça de Queirós, só não escreveu:

- a) O Primo Basílio.
- b) O Crime do Padre Amaro.
- c) A Ilustre Casa de Ramires.
- d) A Cidade e as Serras.
- e) Euríco, o Presbítero.

201) (Fuvest-2000) Em A Ilustre Casa de Ramires, a novela histórica escrita por Gonçalo apresenta traços dominantes de um tipo de narrativa e de um estilo praticados principalmente durante o

- a) Arcadismo.
- b) Romantismo.
- c) Realismo.
- d) Naturalismo.
- e) Simbolismo.

202) (PUC-SP-2002) A obra O Primo Basílio, escrita por Eça de Queirós em 1878, é considerada uma das mais representativas do romance realista-naturalista português. Indique a alternativa abaixo que NÃO confirma o conteúdo desse romance.

- a) Romance de tese, apresenta os mecanismos do casamento e analisa o comportamento da pequena burguesia de Lisboa.
- b) Luísa, personagem central do romance, é caracterizada como uma mulher romântica, sonhadora e frágil, comportamento esse que a predispõe ao adultério.
- c) O narrador do romance aproxima-se bastante do modelo proposto pela literatura realista, que se caracteriza pela objetividade e pelo senso da minúcia.
- d) Entre as diferentes personagens que se movem na narrativa, está o Conselheiro Acácio, homem de caráter marcado por sagacidade, espírito crítico, franqueza e originalidade.
- e) Basílio, personagem que dá título ao romance, não se compromete nem se envolve emocionalmente; apenas busca na aventura amorosa uma maneira agradável de ocupar o tempo.

203) (Fuvest-2002) Como se sabe, Eça de Queirós concebeu o livro O primo Basílio como um romance de crítica da sociedade portuguesa, cujas "falsas bases" ele considerava

um “dever atacar”. A crítica que ele aí dirige a essa sociedade incide mais diretamente sobre

- a) o plano da economia, cuja estagnação estava na base da desordem social.
- b) os problemas de ordem cultural, como os que se verificavam na educação e na literatura.
- c) a excessiva dependência de Portugal em relação às colônias, responsável pelo parasitismo da burguesia metropolitana.
- d) a extrema sofisticação da burguesia de Lisboa, cujo luxo e requinte conduziam à decadência dos costumes.
- e) os grupos aristocráticos, remanescentes da monarquia, que continuavam a exercer sua influência corruptora em pleno regime republicano.

#### 204) (FMTM-2005)

Vazam-se\* os arsenais e as oficinas;  
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;  
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,  
Correndo com firmeza, assomam as varinas\*\*.  
Vêm sacudindo as ancas opulentas!  
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;  
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras  
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.  
Descalças! Nas descargas de carvão,  
Desde a manhã à noite, a bordo das fragatas;  
E apinham-se num bairro onde miam gatos,  
E o peixe podre gera os focos de infecção!

(Cesário Verde, *O sentimento dum ocidental*)

\*Vazam-se: esvaziam-se.

\*\*Varinas: vendedoras de peixe.

Os traços estilísticos dos versos permitem afirmar que se trata de texto do

- a) realismo, marcado por linguagem descritiva e temática do cotidiano.
- b) romantismo, marcado por linguagem narrativa vaga e temática exótica.
- c) parnasianismo, marcado por reflexões sobre a arte e temática erudita.
- d) classicismo, marcado pelo uso recorrente de figuras da mitologia grega ou romana.
- e) barroco, marcado por linguagem figurada e temática mística e religiosa.

## GABARITO

- 1) a) ênfase nas patologias humanas e sociais  
busca de explicação científica  
b) exagero na crítica social  
c) animalização dos seres humanos  
Determinismo mesológico

2) Alternativa: A

3) Alternativa: C

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: A

7) Alternativa: A

8) Alternativa: B

9) Alternativa: D

10) Alternativa: A

11) a) Na caracterização de Hermengarda predominam os traços espirituais, já na de Clarinha ocorre o contrário, pois predominam traços físicos.

b) O primeiro texto pertence ao Romantismo. A descrição da mulher amada, portanto, segue os padrões da época: alta dose de subjetividade, que se manifesta através de uma visão idealizada e inatingível da amada.

Já o segundo pertence ao Realismo-Naturalismo. Assim, na descrição da mulher surgem traços dessa escola literária: apresentar a realidade de acordo com uma observação objetiva, marcada pelo cientificismo e pelo determinismo, que se revelam, por exemplo, no fato de a sensualidade de Clarinha ser atribuída à “ação determinante da hereditariedade psicofisiológica”.

12) a) “Antes” (referência clara ao Romantismo), o jogo das paixões era o centro de onde tudo partia; “hoje” (referência ao Realismo), é consequência, ou seja, “tudo” (entenda-se esse tudo como o ambiente, as classes sociais, o contexto em que a história será desenvolvida...) é que origina o jogo das paixões. Trata-se de uma evidente visão determinista.

b) 2ª estrofe

*Duras leis as que os homens e a horrída hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra!...*

13) Alternativa: A

### PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
54	12	18	7	9

Esta questão apresenta para leitura e análise um trecho de Memórias de Brás Cubas, de Machado de Assis. Nesse texto, o narrador realiza um comentário sobre o “romance romântico”, criticando uma de suas características. O problema proposto trata da identificação dessa passagem no texto. O participante deve reconhecer no texto as características do “romance romântico” e associá-la à crítica do narrador. As alternativas propõem passagens que podem ser associadas ao romantismo em contexto extratextual, sendo que, em apenas uma delas, há a relação entre contexto/texto. Mais da metade (54%) dos participantes identificou corretamente a passagem no texto.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

14) Alternativa: C

15) a.1: Bisneto, um primo mais velho de Bisneto, o Pintor.

a.2: O Bisneto viera gêmeo com uma menina, mas dela roubara suas forças na barriga da mãe e só ele de lá saíra com vida. Da menina ele trouxera a natureza sensível e delicada que tanto sofrimento lhe causou perante o pai, tios, irmãos e primos.

A seqüência correta para o item B é: N, S, N, S N, N, S, S.

16) Resposta: 21

Alternativas Corretas: 01, 04 e 16

17) Alternativa: B

18) Alternativa: A

19) Alternativa: D

20) Alternativa: C

21) Alternativa: A

22) Alternativa: A

23) Alternativa: A

24) Alternativa: B

25) Alternativa: C

26) Alternativa: C

27) Alternativa: A

28) Alternativa: B

29) Alternativa: B

30) Alternativa: D

31) Alternativa: B

32) Alternativa: D

33) Alternativa: D

34) Alternativa: B

35) Alternativa: C

36) Alternativa: A

37) Alternativa: E

38) Alternativa: A

39) Alternativa: E

40) Trata-se de um exemplo do Naturalismo, no qual, entre outras características, pode-se citar a questão do determinismo. Segundo essa doutrina, o homem é um produto de forças (meio, momento e raça) que atuam sobre ele. Pode-se comprovar isso pelo excerto: "Logo, porém, que [Amâncio] deixou a cama, apareceram-lhe dores reumáticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama-de-leite que principiava a rabeir".

41) Alternativa: B

42) Alternativa: D

43) Alternativa: D

44) Alternativa: E

45) Alternativa: A

46) Alternativa: B

47) Alternativa: C

48) Alternativa: C

49) Alternativa: A

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: D

53) Alternativa: A

54) Alternativa: E

55) Resposta: 06

01-F

02-V

04-V

08-F

16-F

32-F

64-F

56) Alternativa: B

57) Alternativa: D

58) Alternativa: E

59) Alternativa: B

60) Alternativa: B

61) a) Bento Santiago, comprara veneno e tinha passado a noite em claro, pensando no suicídio. Estava em seu escritório de manhã e tinha dissolvido o veneno numa xícara de café. Ao perceber a entrada do filho, que julgava ser consequência do adultério de Capitu, teve o impulso de ingerir rapidamente a substância mortal, o qual foi o "primeiro ímpeto" de que fala o texto.

b) Bento, olhando para Ezequiel e vendo nele as feições de Escobar, o suposto amante da esposa, sentiu desejos de assassinar o menino, em lugar de se matar.

c) O racionalismo irônico da personagem a impede de tomar atitudes extremas. Portanto, sublima a mágoa que tem da esposa e limita-se à redação do livro, que, pela narrativa, equivale a uma espécie de desforra contra a esposa e o melhor amigo. Nesse sentido, a cena contida no fragmento compõe a motivação central das memórias de Bento Santiago.

62) a) A citação bíblica, transcrita e indicada — livro de Sirach (*Eclesiástico*), cap. IX, vers. 1 —, pode ser considerada índice de familiaridade com repertório religioso.

b) Um dos recursos retóricos utilizados pelo narrador no capítulo é a apóstrofe ao leitor: "Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer..." O conteúdo da apóstrofe, bem como o da narrativa como um todo, procura induzir o leitor, figurado como júri, a aceitar a interpretação proposta pelo narrador.

63) Alternativa: A

64) Alternativa: C

65) Alternativa: D

66) Alternativa: C

V	V	V	F	V
---	---	---	---	---

TOTAL = 23

67) Alternativa: B

92)

68) Alternativa: A

01	02	04	08
V	F	V	V

TOTAL = 13

69) Resposta: 1F

2V

3F

4V

70) Alternativa: A

71) Alternativa: D

72) Alternativa: D

73) Alternativa: B

74) Alternativa: B

75) Alternativa: D

76) Alternativa: B

77) Alternativa: D

78) Alternativa: A

79) Alternativa: C

80) Alternativa: E

81) Alternativa: E

82) Alternativa: D

83) Alternativa: C

84) Alternativa: E

85) Alternativa: A

86) Alternativa: C

87) Alternativa: B

88) Alternativa: D

89) Alternativa: D

90) Alternativa: A

91)

01	02	04	08	16
----	----	----	----	----

93) a) A citação bíblica utilizada por Machado de Assis remete ao episódio da luta travada entre o enfermeiro, Procópio José Gomes Valongo, e o Coronel Felisberto, a que se seguiu a morte deste, esganado pelo enfermeiro depois que este foi atingido na cabeça com uma moringa. A citação ocorre no momento em que o enfermeiro volta ao quarto do Coronel para limpar os vestígios do crime, após passar a noite em claro, refletindo, pensando, delirando.

b) O narrador estabelece a relação com a passagem bíblica na qual Caim mata seu irmão Abel. Através da citação, o narrador insinua que talvez o enfermeiro se sentisse culpado ou tivesse remorso pelo crime cometido involuntariamente. Como no episódio da morte de Abel, o sentimento de culpa pela morte causada ao próximo está assinalado no uso da citação bíblica.

c) O desfecho do conto revela, em primeiro lugar, que o episódio da “luta” pode não ter sido uma fatalidade que resultou na morte acidental do Coronel, mas, pelo contrário, um crime intencional, premeditado, com vistas a receber ou se beneficiar da fortuna do falecido. Isso se evidencia no desfecho, a partir do comportamento da personagem narrador, que recebe a herança mostrando humildade e afirma que irá destiná-la à caridade, o que não se confirma na medida em que ele investe em títulos e acumula o capital recebido. Outro sinal de ironia em relação ao comportamento inicial do protagonista, que indica o amortecimento de sua culpa e do medo de ser incriminado, está no seu propósito de edificar um túmulo em memória do Coronel. Dirigindo-se ao leitor, o narrador propõe que este lhe faça o mesmo e inscreva um epitáfio corrigindo o sermão da montanha, para enaltecer a importância da riqueza como uma condição para o recebimento do consolo eterno. Esse final revela a forte valorização do dinheiro e, portanto, o interesse pecuniário do enfermeiro, em vez do remorso e da culpa.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

94) Alternativa: B

95) Alternativa: D

96) Alternativa: A

97) Alternativa: B

98) Alternativa: A

99) Alternativa: A

100) Alternativa: C

101) a) O narrador consegue a pratinha na escola, de um colega que precisava de uma explicação e pagou por isso. (O menino que pede a “aula particular” é filho do professor e é oprimido por essa condição.)

b) A pratinha é lançada fora pelo professor, que a toma do protagonista, e o narrador fica sem ela, apesar de haver cogitado procurar por ela.

c) A oposição espacial serve para mostrar que o protagonista não gostava de estar na escola, nem de estudar, preferindo ficar fora, soltar papagaio, sentar debaixo de uma mangueira. Espera-se que o candidato caracterize o narrador-personagem como um rapaz que gosta da liberdade e que, ao fim, conclui que na escola só aprendeu a corrupção (o pagamento, a pratinha) e a delação (a transação foi relatada por um terceiro colega ao professor).

Obs: respostas dadas pela banca elaboradora.

102) a) Sim, já que Brás Cubas não se integra “como peça consciente, no conjunto social”. As suas principais características (egoísmo, vaidade, adultério, hipocrisia, fraude, convivência com o escravismo, má-fé, etc.) demonstram a falta de integração da personagem a padrões e valores.

b) Sim, porque Macunaíma - “o herói sem nenhum caráter” - representa uma cultura constituída por contrastes, por contradições, pela convivência entre o moderno e o primitivo.

103) Alternativa: A

104) Alternativa: A

105) Alternativa: B

106) a) Não. As supostas provas do adultério são narradas pelo próprio Bentinho, e, como afirma o capítulo 40, tinha ele uma imaginação muito ‘viva, rápida, inquieta’, uma ‘égua ibera’. Assim, a traição pode ter sido apenas fruto da imaginação, Bentinho poderia estar vivendo ‘o inferno dos tolos’.

b) No primeiro (capítulo 132). Nele é possível perceber claramente a personagem Bentinho elaborar a sua versão dos fatos, na qual a traição - motivo de sua infelicidade - acontece.

107) a) Realismo.

b) Há várias. As principais são:  
Memórias Póstumas de Brás Cubas  
Quincas Borba  
Esaú e Jacó  
Memorial de Aires

108) a) Da recusa do cargo por parte Lobo Neves deve ocorrer a óbvia permanência de Virgília, sua esposa, de quem Brás Cubas, o narrador-personagem, é amante.

b) Anteriormente, o marido, Lobo Neves, já havia sido nomeado para um cargo idêntico e, na ocasião, ele o recusara porque o decreto datava de um dia 13, número que marcava vários azares na sua vida (o pai morrera num dia 13, treze dias depois de um jantar onde havia treze pessoas; a casa onde morrera a mãe tinha o número treze). Brás Cubas, no trecho citado, tinha a esperança de que o novo decreto viesse datado do mesmo número e que com isso o rival desistisse de partir e a esposa lhe continuasse disponível.

c) A frase refere-se ao fato de que o decreto não foi datado de um providencial dia 13, mas do dia 31. Os algarismos, embora sendo os mesmos, tinham perdido na nova ordem seu “poder diabólico” (não eram mais o número de azar de Lobo Neves e de sorte de Brás Cubas). A referência à profundidade das “molas da vida” é irônica, porque assinala que o destino das pessoas (no caso, do próprio Brás Cubas e de Virgília) depende de uma banalidade, como a troca de posição dos algarismos, por exemplo.

109) a) O casamento era ‘um ato simples e grave’, sem as ‘ilusões juvenis’. Era, portanto, um ato racional.

b) O homem busca máscaras para interagir com a sociedade, para mostrar-se diferente do que realmente é, para ser, por fim, aceito pela sociedade.

110) Alternativa: B

111) Alternativa: D

112) Alternativa: D

113) Alternativa: D

114) Alternativa: A

115) Alternativa: C

116) a) O “defunto-autor”, Brás Cubas, narra as suas “memórias”, “do outro lado do mistério”, além da vida. Machado inventa um narrador que após a morte, que escreve tendo toda eternidade à sua disposição. O leitor, diferentemente do personagem Brás Cubas, está sujeito à temporalidade deste mundo. Daí a ironia do autor-defunto: “porque o maior defeito deste livro é tu, leitor”.

b) Períodos curtos, justapostos por coordenação assindética, sugerem, por sua descontinuidade, exatamente o que o narrador quer reforçar: a ruptura com a linearidade do discurso narrativo - o livro e o estilo que “são como os ébrios...”, ou seja, não agem como se esperaria de pessoas em estado normal

117) Alternativa: E

118) Pessoal, levando-se em conta a interpretação correta dos motivos de Brás Cubas, numa linguagem que obedeça à norma culta padrão da língua.

119) Alternativa: B

120) Alternativa: B

121) Alternativa: B

122) Alternativa: A

123) Alternativa: A

124) Alternativa: B

125) Alternativa: C

126)  $2+8+16+64=90$

127)  $2+6+64=70$

128) Resposta: 15

129) Resposta: 99

130) Resposta: 30

131) a) O emplasto é uma espécie de panacéia universal, uma vez que seria um medicamento que curaria todas as doenças da humanidade, das mais simples às mais complexas. Por outro lado, o emplasto significaria para Brás Cubas a perseguida imortalidade, dando-lhe o "primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza".

b) Brás Cubas vive de rendimentos dos bens herdados; representa uma parte da elite social do Rio de Janeiro do século XIX que não precisava do trabalho para sua sobrevivência. No contexto de uma sociedade escravocrata, Brás reflete a posição do senhor, insensível e egoísta.

132) Alternativa: D

133) a) o pronome relativo já remete à palavra cousa, não precisando ela ser repetida

b) uma cousa nunca antes cantada nem sabida, a qual um certo lá trazia...

134) Alternativa: A

135) Alternativa: B

136) A conjunção MAS, vem apresentar que apesar da aparência de velho, o homem guardava em si o vigor da mocidade, e na seqüência, a conjunção E acrescenta o detalhe dos olhos que, por sua vivacidade, tornam a idade do homem absolutamente indevassável.

137) Alternativa: E

138) Alternativa: C

139) Alternativa: C

140) Alternativa: E

141) Alternativa: A

142) Alternativa: C

143) Alternativa: D

144) Alternativa: A

145) Alternativa: B

146) Alternativa: A

147) Alternativa: A

148) Alternativa: A

149) Alternativa: D

150) Alternativa: A

151) Alternativa: A

152) Alternativa: B

153) Alternativa: A

154) a) Gonçalo, quando candidato, comporta-se de modo paternalista e demagógico. Isso pode ser observado em várias passagens do livro, como no episódio em que manda libertar da cadeia José Casco, com o intuito de evitar reações negativas de seus eleitores, e cuida do filho pequeno e doente do lavrador aprisionado. Outros exemplos poderiam ser a promessa de emprego que faz ao Videirinha e a ajuda material que dava aos lavradores pobres.

b) Ambos foram inexpressivos, preocupando-se mais com suas ambições pessoais do que com a atividade política. Brás Cubas pronunciou-se apenas uma vez, e sobre um assunto irrelevante (a barretina), enquanto Gonçalo foi para a África cuidar de uma propriedade que havia conseguido através de uma concessão.

155) Alternativa: B

156) Alternativa: A

157) Alternativa: A

158) Alternativa: C

159) Alternativa: A

160) Alternativa: C

161) Alternativa: B

162) Alternativa: E

163) Alternativa: B

164) Alternativa: B

165) Alternativa: C

166) Alternativa: A

167) Alternativa: E

168) a) Gênero dramático.

Um dentre os aspectos:

ausência de narrador

presença de rubricas

predomínio de diálogos

personagens encarnados por atores

encenação dos episódios em um palco

b) Imperativo.

Função apelativa ou conativa.

169) a) Que os não há superiores  
Na cidade de Paris!

b) Duas dentre as frases:

- Serviço elétrico de primeira ordem!
- Um relógio pneumático em cada aposento!
- Banhos frios e quentes, duchas, sala de natação, ginástica e massagem!

170) Alternativa: A

171) Alternativa: B

172) a) O aspecto promíscuo e indecoroso do convés do navio sugere a prevalência do instinto sobre a vontade moral, das pulsões sobre a razão. O mesmo contexto de insalubridade e promiscuidade aparece no quarto de pensão em que Amaro se instala.

b) No navio, Amaro conhece o grumete de quem será amante e que acabará por assassinar, ao descobrir-se traído; no navio, experimenta a disciplina férrea e injusta que lhe forma o caráter violento e rebelde. É a dona da pensão em que Amaro se instala com Aleixo que precipitará a traição do amante, seduzido pelos agrados de Carolina.

173) Alternativa: D

174) Alternativa: C

175) Alternativa: D

176) Alternativa: A

177) Alternativa: C

178) Alternativa: C

179) Alternativa: C

180) Alternativa: C

181) Alternativa: E

182) Alternativa: D

183) Alternativa: A

184) Alternativa: B

185) Alternativa: E

186) a) Entre as diversas personagens femininas citadas no enunciado da questão, apenas uma acompanhou Teodorico Raposo desde a infância. Trata-se de Titi, sua tia, a cuja herança ele teria direito, caso se comportasse como um perfeito católico (na acepção de sua tia). Como tal não aconteceu e, tendo sido descoberto o engodo que Raposo lhe preparava, Titi deserdou-o.

b) Jesuína é a referida personagem. O candidato deveria ter observado que é finalmente com ela que Teodorico se casa. Trata-se da irmã de Crispim, o próspero amigo, herdeiro da firma Crispim & Cia. Não sem ironia, Teodorico o chama de “a firma” para sugerir que a identidade do amigo se sustentava mais no valor financeiro do que no afetivo.

187) Alternativa: B

188) a) O verdadeiro crime do Padre Amaro é entregar seu filho recém-nascido, originado das relações com Amélia, para Carlota, a “tecedeira de anjos”, isto é, à mulher que, apesar de receber dinheiro para criar crianças enjeitadas, costuma deixá-las morrer. A sedução de Amélia, a libertinagem, podem se explicar pela força do instinto. Mas aquele ato não.

b) De fato, Eça trata com sarcasmo as relações amorosas do clero. Mas o sarcasmo não vai contra a “boa gente”, mas contra o clero, por pregar uma moral e exercitar outra. Note-se que os sacerdotes é que são nesse contexto os conscientes e os manipuladores. Enfim, o que está em pauta é a hipocrisia do clero.

c) As duas figuras são o Abade Ferrão e o doutor Gouveia, cada qual se mantendo nos limites rigorosos da compreensão e do respeito humano.

189) a) Tio Esguelhas e sua filha Totó. A personagem Totó, que começa a atormentar Amélia e provoca nesta o sentimento de culpa e arrependimento.

b) A ironia consiste na oposição entre a visão otimista do Conde - simbolizando a 'cegueira' da elite portuguesa - e a realidade, marcada pelo atraso, evidenciado no carro de bois.

190) a) A principal condenação aparece através da personagem Luísa, mulher burguesa fútil e ociosa, que passa parte de seu tempo lendo obras românticas.

b) O caráter racional e experimental (deve-se entender experimental dentro do contexto em que foi usado, ou seja, relacionado ao experimentalismo científico) se dá na observação quase científica dos comportamentos humanos, na recusa à idealização e numa suposta imparcialidade, caracterizada, entre outros aspectos, pelo narrador em terceira pessoa onisciente, que, teoricamente, manteria isenção sobre o que é descrito.

191) Alternativa: D

Comentário do SpeedQuest: questão bastante polêmica. Embora o gabarito oficial dê como correta a alternativa D, essa questão foi bastante questionada pelos principais cursos pré-vestibular. Seguem abaixo, respectivamente, comentários do curso Objetivo e do curso Anglo, ambos de São Paulo.

*Ainda que se possa identificar na afirmação contida em d a intenção do examinador de redigir afirmações notoriamente descabidas, exorbitando o alcance da crítica queirosiana em O Primo Basílio, há equívocos comprometedores em outras alternativas: em a, não se pode falar em narrador neutro, quando se reconhecem os propósitos de denúncia, de moralização dos costumes sociais, de "engajamento" nas teses deterministas de sua época; em b falar em exploração do erotismo e detalhamento da relação entre os amantes, com a ênfase que se dá a essas ocorrências, parece descabido; em e, não encontramos "caricaturismo" nem no Houaiss, nem no Aurélio, o que faz supor um exercício impertinente de invenção linguística.*

*O narrador de O primo Basílio não é imparcial e está longe de ser neutro. Sua intenção crítica evidencia-se na enunciação (especialmente no uso de exclamações e na escolha de adjetivos e advérbios), que, em certos momentos, articula juízos de valor. Sirva de exemplo a seguinte passagem do capítulo VI:*

*"Que requintes teve nessa manhã! Perfumou a água com cheiro de Lubin, escolheu a camisinha que tinha melhores rendas. E suspirava por ser rica! Queria as bretanhas e as holandas mais caras, as mobílias mais aparatosas, grossas jóias inglesas, um cupê forrado de cetim... Porque nos temperamentos sensíveis as alegrias do coração tendem a completar-se com as sensualidades do luxo: o primeiro*

*erro que se instala numa alma até aí defendida, facilita logo aos outros entradas tortuosas - assim, um ladrão que se introduz numa casa vai abrindo sutilmente as portas à sua quadrilha esfomeada."*

*Provavelmente, a Banca considerou inadequada a alternativa A levando em conta a tradição didática que afirma serem objetivos e imparciais os narradores do Naturalismo. De fato, trata-se de uma aspiração dessa corrente literária, desde que Émile Zola, influenciado pelo médico Claude Bernard, procurou adaptar o romance ao método científico experimental. No entanto, o que se verifica na prática, geralmente, desdiz a postulação teórica. É o que ocorre, por exemplo, com O primo Basílio, romance marcado por uma transparente postura crítica do narrador, interessado em moralizar a sociedade portuguesa mediante a exposição de suas mazelas morais. Assumindo a perspectiva do romance de tese, Eça de Queirós confere a seu narrador um caráter inequivocamente contrário à família burguesa lisboeta, tal como se configurava no final do século XIX. A fragilidade da instituição é atribuída, em grande parte, à educação romanesca dada às mulheres, mas também à hipocrisia do Estado e da Igreja. A crítica a essas duas instituições, é bem verdade, não é tão clara quanto a que se dirige à família e à escola, mas ela existe, como se pode depreender das relações do Conselheiro Acácio ou de Julião com o Estado (que premia a mediocridade bajuladora e se estrutura pelas relações de favor) e das de D. Felicidade ou de Luísa com a Igreja (que estimula a "beatice parva", como disse Eça de Queirós em uma carta a Teófilo Braga, e a religiosidade de fachada). Por isso, é inaceitável o gabarito proposto pela Banca para essa questão.*

192) a) Jorge e Luísa são marido e mulher, donos da casa. Juliana é a empregada do casal.

b) Pelo fato de Luísa estar fazendo o trabalho que competia à outra que, enquanto isso, folgava na sala de estar como uma madame.

c) Juliana, sabedora do caso da patroa com Basílio, chantageava Luísa de todas as formas possíveis.

193) a) Viajando a Jerusalém, Teodorico Raposo pretendia trazer para a tia muito beata, uma relíquia sagrada, pois ele desejava sua herança e queria agrada-la. Lá, aproveitou para viver aventuras proibidas pela tia, ganhando como lembrança de uma de suas amantes um embrulho contendo uma camisola. Ao retornar a Lisboa, trazendo a suposta coroa de espinhos de Cristo, que ele mesmo forjara, confundiu os pacotes. No momento de entregar o presente à tia, foi desmascarado e sumariamente deserdado. Passou a dedicar-se, então, ao comércio ilícito de falsas relíquias católicas, com a intermediação de Lino, sujeito inescrupuloso que conhecera por acaso. Depois de certo tempo, resolveu ele mesmo vender diretamente as "preciosidades", sonhando produtos ao seu intermediário. Com a queda das vendas, ele chama o antigo comparsa de volta, mostrando-lhe um novo lote de mercadorias; convida-o a retomarem os negócios. O fragmento que consta do enunciado é a resposta de Lino a Raposo.

b) No enunciado "São ferraduras demais para um país tão pequeno!...", a ambigüidade recai sobre a palavra "ferraduras". No sentido literal, Lino está se referindo à inflação do mercado de relíquias com catorze ferraduras do burrinho que fugira da Santa Família. No sentido irônico, "ferraduras" seriam aqueles que caíam no engodo do comércio desses produtos, adquirindo-os. No segundo caso, a palavra é empregada com o sentido de gente "pouco inteligente", sentido que se estende também à ignorância e ao atraso cultural dos portugueses, um dos alvos prediletos de Eça de Queirós.

200) Alternativa: E

201) Alternativa: B

202) Alternativa: D

203) Alternativa: B

204) Alternativa: A

194) a) "É que você tem um rival" ou "o seu rival não é outro, Teodorico, senão Jesus Cristo!", ou "tencionava deixar a sua fortuna, terras e prédios, a irmandade da sua simpatia e a padres da sua devoção".

Os trechos selecionados denunciam o caráter do personagem principal que acaba fundamentando a trama: um trapaceiro que busca, a todo custo, herdar a vasta fortuna de uma tia. Por isso, o anúncio de um rival viria a prejudicar as investidas do interesseiro Teodorico.

b) Titi é uma rica beata, autoritária, moralista que não consegue perceber os limites da religiosidade. O personagem Teodorico utiliza-se dos elementos religiosos em benefício próprio, isto é, finge ser extremamente carola a fim de que a tia deixe a fortuna para ele e não para seu "rival" (Cristo, "as irmandades de sua simpatia e padres de sua devoção").

Obs.: Eça de Queirós tece considerações críticas à Igreja, mas não a Cristo

195) a) Idealização do amor, purificado e sagrado, pelo qual o amante padece.

b) Amor materializado, destituído de pureza em que a mulher deixa de ser a motivação da vida do amante.

196) a) beijos alheios, um nome, o que lhe dizia, que beijos lhe dava

b) não mencionar Basílio significa não dar feição ao rival; tentar não acreditar no que soubera.

197)

- dum outro amor, carnal e perverso.

- como um animal numa jaula

198) Alternativa: A

199) a) Luísa foi criada para uma vida de futilidades, sem maiores interesses ou obrigações.

Lia muitos romances e se empolgava com as emoções das personagens. Em A Dama das Camélias, a personagem principal é uma cortesã.

b) Favoreceu o reaparecer do amor pelo primo, facilitando entregar-se a ele, tal qual lia nos romances de grandes paixões.